



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

LUÍS FILIPE MENÉRES DE FARIA LENCASTRE

O lugar da água e da luz

Estudo teológico e pastoral de três batistérios da Diocese do Porto

Dissertação Final

sob orientação de:

Doutor Bernardino Ferreira da Costa, OSB

Porto

2020

«Em tudo amar e servir»
(Santo Inácio de Loyola)

Resumo: O batistério é o lugar onde ocorre aquele que é o basilar evento sacramental da vida cristã. O pórtico da inserção no mistério de Cristo e da Igreja, que pelas águas do Batismo, fecundadas pela ação do Espírito Santo, dá à luz novos filhos. Este trabalho desenvolve-se em três etapas: um percurso histórico sobre o lugar da celebração do Batismo, apresentando os elementos representativos de cada um dos períodos mais significativos; uma abordagem ao Ritual da Celebração do Batismo das Crianças, evidenciando as mudanças ocorridas na celebração ao longo do tempo, e uma análise das quatro partes que o compõem, vinculando-as aos espaços onde se desenrolam; e um estudo de três batistérios pós-conciliares da Diocese do Porto, com o intuito de perceber que soluções foram encontradas para dar resposta às instruções da reforma litúrgica, acolhendo, simultaneamente, a tradição da Igreja e o rito que ali se celebra. O objetivo desta reflexão é valorizar o lugar do Batismo, como um espaço essencial para a celebração deste sacramento e para a vivência da fé, onde todos os elementos devem ser expressão do mistério que ali se celebra.

Palavras-chave: batismo; batistério; liturgia; ritual batismo crianças; espaço celebrativo.

Abstract: The baptistery is the place where the basic sacramental event of the christian life is celebrated. The gateway of insertion into the mystery of Christ and the Church, which through the water of Baptism, with the action of the Holy Spirit, gives birth new children. This work is developed in three stages: an historical journey on the place of the celebration of Baptism, presenting the representative elements of each the most significant periods; an approach to the order of Baptism of children, framing the historical evolution of the celebration and an analysis of the four parts that compose it linking them to the spaces where they take place; and an analysis of three post-conciliar baptisteries of the Oporto Diocese, to understand what solutions have been found to fulfil the instructions of the liturgical reform merged with the tradition of the Church and the rite that is celebrated there. The aim of this reflection is to value the place of Baptism as an essential space for the celebration of this sacrament and for the experience of faith, where all the elements must be an expression of the mystery that is celebrated there.

Keywords: baptism; baptistery; liturgy; order baptism children; liturgical space.

Índice

Siglas e Abreviaturas	1
Introdução.....	2
1. A história do batistério, percurso evolutivo litúrgico e pastoral	7
1.1. O lugar da iniciação cristã na Igreja antiga	8
1.1.1. Um espaço moldado pela celebração litúrgica	9
1.1.2. Configuração arquitetónica do lugar e da fonte batismal.....	10
1.1.3. Relevância da ornamentação, iconografia e catequese.....	14
1.2. O lugar do Batismo da Idade Média ao tempo de Trento	17
1.2.1. Influências do período românico ao renascimento	18
1.2.2. A reforma tridentina e exuberância do barroco	22
1.3. O lugar do Batismo na arquitetura sacra contemporânea.....	25
1.3.1. Desafios de uma renovação litúrgica e pastoral	26
1.3.2. Recuperação do lugar do Batismo e sua importância para a celebração	31
2. Ritual Romano da Celebração do Batismo das Crianças	33
2.1. Enquadramento histórico do Ritual.....	34
2.1.1. As origens de uma prática eclesial.....	34
2.1.2. Os dois Rituais do Batismo: comparação e evolução.....	36
2.2. Os quatro lugares-momentos da celebração do Batismo.....	41
2.2.1. O acolhimento das crianças	41
2.2.1.1. A porta de entrada.....	41
2.2.1.2. Momento do acolhimento.....	43
2.2.2. A celebração da Palavra de Deus	44
2.2.2.1. O ambão, lugar do anúncio kerigmático.....	44

2.2.2.2. Liturgia da Palavra, anúncio que leva à fé.....	46
2.2.3. A celebração do Batismo	48
2.2.3.1. O batistério, lugar do nascimento.....	48
2.2.3.2. Celebração do sacramento, acontecimento em ato	50
2.2.4. A conclusão do Rito	53
2.2.4.1. O altar, mesa e comunhão dos filhos.....	53
2.2.4.2. Ritos conclusivos.....	54
3. Estudo teológico e pastoral de três batistérios da Diocese do Porto.....	57
3.1. Batistério da igreja paroquial do Sagrado Coração de Jesus do Carvalhido	59
3.1.1. Contextualização.....	59
3.1.2. O Batismo na água e no Espírito	61
3.2. Batistério da igreja paroquial de Nossa Senhora da Boavista.....	66
3.2.1. Contextualização.....	66
3.2.2. O Batismo como sacramento da vida nova.....	69
3.3. Batistério da igreja paroquial de Santo Ovídio	73
3.3.1. Contextualização.....	73
3.3.2. O Batismo como participação no mistério pascal.....	74
Conclusão	81
Bibliografia	87

Siglas e Abreviaturas

- AAS *Acta Apostolicae Sedis*, Roma, 1909-.
- ALI CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, «Nota Pastoral *L'adeguamento liturgico delle chiese*», *Il Regno-Documenti* 41 (1996) 449-465.
- CV II II Concílio Ecuménico do Vaticano
- IGMR Instrução Geral do Missal Romano, Fátima: SNL, 2009.
- LG CONCÍLIO VATICANO II, «Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja», AAS 57 (1965) 6-67.
- LMD *La Maison-Dieu*, Paris: Cerf, 1945-.
- OBP «*Ordo Baptismi Parvulorum*» in *Rituale Romanum Pauli V Pontificis Maximi*, Antuérpia: Ex Typographia Plantiniana, 1713.
- PG *Patrologiae Cursus Completus. Series Graeca*, ed. J.-P. Migne, 1-161, Paris, 1857-1866.
- PL *Patrologiae Cursus Completus. Series Latina*, ed. J.-P. Migne, 1-221, Paris, 1844-1864.
- RBC *Ritual Romano da Celebração do Baptismo das Crianças reformado por decreto do concílio ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o Papa Paulo VI*, segunda edição típica, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1994.
- SC CONCÍLIO VATICANO II, «Constituição sobre a sagrada liturgia *Sacrosanctum Concilium*», AAS 56 (1964) 97-138.
- SNL Secretariado Nacional da Liturgia
- RL *Rivista Liturgica*, Camaldoli, 1914-.

Introdução

A liturgia é o lugar por excelência da experiência, em que os sentidos, como a visão, a audição e o tato, são despertados pela ação, pelos gestos, pelos símbolos, pelas palavras e pelos sons. Cirilo de Jerusalém introduz as suas catequeses mistagógicas, precisamente destacando esta dimensão experiencial da vivência da fé, dirigindo-se aos neófitos:

«Há muito tempo que eu desejava falar-vos, filhos legítimos e muito amados da Igreja, sobre estes mistérios espirituais e celestes. Mas, como sabia que a vista é mais fiel que o ouvido, esperava por esta ocasião, para vos encontrar, depois dessa grande noite, mais preparados para compreender o que vos fora dito e levar-vos pela mão ao prado luminoso e fragrante desse Paraíso. Além disso, já estais melhor preparados para compreender os mistérios divinos que se referem ao divino e vivificante batismo»¹.

Desta forma, sintetiza aquilo que é uma das mais belas expressões da liturgia, a experiência sensorial. Aquilo que se realiza, ganha sentido através desta experiência, que revela, o lugar no qual a realidade se desvela.

Desde muito cedo que me fascina a parte cénica do espaço celebrativo e da liturgia. Como tal, o interesse e a curiosidade, sobre esta dimensão da experiência crente, foram o mote para a escolha do tema do presente trabalho de dissertação, elaborado no âmbito do Mestrado Integrado em Teologia. Ao longo do nosso percurso académico, a área da liturgia, particularmente o espaço celebrativo e a capacidade que este tem de nos fazer entrar na relação com o mistério, foram alvo de uma especial atenção. O intuito principal deste trabalho foi, não só aprofundar o conhecimento sobre esta dimensão tão relevante na vivência da fé, mas também de desenvolver uma investigação que tivesse um horizonte pastoral. Dentro da temática do espaço litúrgico, e perante tão abrangente leque de opções, foi necessário balizar o âmbito para melhor poder concretizar. Assim sendo, intuitivamente o nosso foco voltou-se sobre o lugar do Batismo, não apenas o lugar físico onde acontece, mas também, o lugar único do primeiro evento sacramental da iniciação cristã.

Não é possível que alguém se torne membro da comunidade dos discípulos de Jesus sem ter recebido o Batismo, que é o sinal sensível e visível da incorporação na Igreja. As primeiras comunidades cristãs sentiram, desde logo, a necessidade de encontrar espaços para se reunirem

¹ CIRILO DE JERUSALÉM, «Catéchèse Mystagogique I, 1» (Sources Chrétiennes 126), ed. A. Piédagnel – P. Paris, Paris: Cerf, 1966, 82.

e de um lugar para batizar todos aqueles que se convertiam. E, assim, algumas questões se levantam: Que lugar é este o do Batismo, e qual a sua relevância? Qual a relação que existe entre o batistério e os outros lugares do espaço celebrativo? Que implicação tem o Batismo na vivência dos cristãos? Trata-se de um simples rito da Igreja para agremiar elementos? Que relevância é dada à conexão entre a celebração do Batismo e os restantes sacramentos da vida da Igreja?

O último mandato de Jesus aos seus apóstolos foi muito explícito e assertivo: «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19). Não deixa de ser paradigmático que a última instrução dada aos seus apóstolos, tenha sido precisamente, a missão de anunciar a Boa Nova da salvação, edificando a Igreja, com novos discípulos, gerados no testemunho da fé eclesial, pela água e pelo Espírito. Este envio implica a ação de batizar, no nome de Jesus, naquele que é o Enviado do Pai e que pelo Espírito, a todos santifica. Isto mesmo, nos recorda a doutrina da Igreja, quando diz: «O Baptismo, com efeito, é manifestação do amor providente do Pai, participação no mistério pascal do Filho e comunicação duma vida nova no Espírito; ele faz entrar os homens na posse da herança de Deus e agrega-os ao Corpo de Cristo, que é a Igreja»². Aqueles que recebem o Batismo assumem, também eles, a missão dos discípulos de serem testemunhas da fé e da participação na comunhão trinitária. Batizados no mesmo Espírito, todos os cristãos se devem sentir um só, neste dinamismo que impulsiona, reanima e consolida a pertença a este Corpo.

O Batismo é o primeiro e fundamental evento sacramental, a primeira etapa do itinerário progressivo da iniciação cristã, o pórtico da inserção no mistério de Cristo. Para aquele que adere a este caminho é o início e a atualização dessa maravilhosa história de salvação, projetada e realizada por Deus, em Jesus, por meio do Espírito. Este sacramento é o princípio e fundamento de toda a vida cristã, é a vida nova de filhos de Deus e participação na morte e ressurreição de Jesus, assumindo a condição filial e a vocação à santidade, pela ação do Espírito Santo. De modo a evidenciar este carácter pascal do Batismo, desde os primeiros séculos da Igreja, que se celebra o Batismo na Vigília Pascal, uma tradição que compreende este sacramento como uma anamnese, como representação do mistério pascal de Cristo. A este momento salvífico, que acontece na celebração litúrgica, associa-se a comunidade eclesial, que acolhe a graça, escuta a Palavra, renova as suas promessas batismais e é enviada em missão.

O grande objetivo desta reflexão é valorizar o lugar onde se celebra o Batismo, como um espaço essencial para celebração deste sacramento e para a vivência da fé. Nele, todos os

² SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, «Instrução *De baptismo parvulorum*, 9», AAS 72 (1980) 1142.

elementos devem exprimir a experiência e o mistério que se está a celebrar. O batistério em diálogo com a porta, com o ambão e com o altar, e com uma iconografia sóbria, mas representativa, são a base de uma mistagogia de iniciação para os neófitos, para a assembleia celebrante, e para que todos que o contemplam recordem a sua condição de batizados. Mesmo para aqueles que não são crentes, ao entrar numa igreja, o batistério deve desafiá-los a se interrogarem acerca deste lugar e do seu significado.

Podemos definir o batismo como o sacramento pelo qual as pessoas se tornam cristãos e, assim, são admitidos na Igreja, na comunidade dos crentes. Um dos grandes impulsos do CV II foi a promoção da participação ativa daqueles que foram incorporados nesta comunidade. A constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*³ assume de forma explícita essa necessidade, afirmando que «é desejo ardente da mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da liturgia exige e que é, por força do Batismo, um direito e um dever do povo cristão» (SC 14). A Liturgia é a principal, e também necessária, fonte da vivência da fé cristã. «A liturgia não é somente um diálogo, troca de palavras entre Deus e o seu povo: Deus age e o povo adere. É por isso que a liturgia apela a cada passo para outros sinais, mais materiais que a palavra, mais terrestres e pesados, e assim se pode dizer. Exige atitudes corporais, comporta gestos, ações, utiliza coisas, ordena a disposição dos lugares, a confecção dos objectos e consagra-os»⁴. Não se pode aprofundar verdadeiramente o modo de ser cristão, que adquirimos pela condição de batizados, se não mergulharmos nessa fonte que é a liturgia. Para incrementar esta participação ativa dos fiéis, que o Concílio fomentou, é necessária uma formação permanente de todos os batizados.

Depois de delineado o âmbito do trabalho, foi necessário definir a abordagem. Esta teve como ponto de partida o importante contributo da Comunidade de Bose, designadamente a coleção intitulada *Liturgia e Vita*, que contém a publicação das atas do quinto Convénio Litúrgico Internacional, dedicado ao batistério⁵, integrando um conjunto de intervenções muito relevantes para a temática em estudo. Desde logo, intuímos a pertinência e atualidade de uma investigação

³ CONCÍLIO VATICANO II, «Constituição sobre a sagrada liturgia *Sacrosanctum Concilium*», AAS 56 (1964) 97-138.

⁴ AIMÉ-GEORGES MARTIMORT, *A Igreja em Oração. Introdução à Liturgia*, ed. A. G. Martimort, Barcelos: Edições Ora et Labora, 1965, 177.

⁵ F. DEBUYST, «Il Battistero: fonte di vita, di luce, di perdono», in *Il Battistero. Atti del V Convegno Liturgico Internazionale*, ed. Goffredo Boselli, Bose: Edizioni Qiqajon, 2008, 25-33; J. GUYON, «Il Luoghi dell'Iniziazione Cristiana nella Chiesa Antica: L'Occidente», in *Il Battistero*, 79-99; A. TORRICELLI, «Progetti di architetture battesimali per il futuro», in *Il Battistero*, 169-174; C. TOSCO, «Il Luogo del Battesimo dal Medioevo all'epoca Tridentina: Architettura e Liturgia», in *Il Battistero*, 103-116; G. ZANCHI, «I riti battesimali oggi: una lettura mistagogica», in *Il Battistero*, 153-166.

destas, visto que não encontramos em português, nenhuma matéria compendiada sobre o assunto. Optamos por uma abordagem metodológica pautada pela análise dos principais documentos magisteriais, da reflexão dos Padres da Igreja e de algumas obras e publicações de referência sobre o tema. Assim, propomos realizar um percurso a nível histórico, litúrgico, pastoral e artístico, que não pretende de modo algum ser exaustivo, mas sim, expor uma tradição eclesial que nos fornece critérios orientadores e deve ser uma fonte de inspiração para o presente.

O trabalho de investigação agora apresentado é composto por três capítulos. No primeiro capítulo, procuramos entrar na temática fazendo uma abordagem histórica ao lugar da celebração do Batismo. Iniciamos o nosso percurso atravessando as principais etapas históricas, desde os primórdios da Igreja, passando pela fase entre a Idade Média e o disciplinamento tridentino, até chegar à reforma litúrgica promovida pelo CV II. O objetivo deste capítulo é apresentar os elementos estruturais de cada um dos períodos mais significativos da história do batistério, num percurso evolutivo, e alguns dos detalhes que os caracterizam pelo contexto específico da própria celebração. No segundo capítulo, procedemos a uma análise do Ritual reformado da celebração do Batismo das crianças, em dois momentos distintos. Num primeiro momento, recorrendo novamente à história, fazemos um enquadramento sobre evolução da celebração do Batismo das crianças, para, partindo daí, realizar uma comparação entre o primeiro Ritual do Batismo das Crianças e o que foi promulgado após o CV II. Depois desta abordagem contextual, procuramos analisar cada uma das quatro partes que compõem o Ritual do Batismo das Crianças, vinculando-as aos espaços celebrativos onde se desenrolam. É determinante efetuar esta análise para perceber como a estrutura da celebração e o seu conteúdo têm implicações concretas na conceção do próprio espaço celebrativo. No terceiro e último capítulo, tendo em conta aquilo que foi desenvolvido nos dois anteriores, o principal intento é efetuar um estudo de três batistérios, de igrejas da Diocese do Porto projetadas nas décadas posteriores ao CV II. O objetivo primordial é perceber como é que na sua conceção, os responsáveis pelos diversos projetos, encontraram soluções que respondessem às instruções de reforma do espaço litúrgico, acolhendo simultaneamente, a tradição dos batistérios e o RBC, e tendo presente no horizonte a delicada correlação entre a solução arquitetónica projetada e a funcionalidade litúrgica do lugar.

A seleção das três igrejas sobre as quais iríamos estudar os respetivos projetos e os batistérios, assentou num conjunto de critérios, que, desde logo, definimos como essenciais. O primeiro critério definido foi, terem sido projetadas e contruídas após o CV II e em décadas

diferentes. O segundo critério, prendeu-se com a localização e configuração dos batistérios no traçado do projeto. E o terceiro critério foi, a configuração arquitetónica do lugar do Batismo e a inclusão de obras de arte com relevância e de reconhecido valor. Tendo em conta estes critérios, iniciámos um trabalho de pesquisa das várias possibilidades e efetuámos visitas de reconhecimento para encontramos três exemplos que se enquadrassem no objetivo da nossa investigação. Findo este trabalho de pesquisa, a escolha recaiu sobre a igreja paroquial do Sagrado Coração de Jesus do Carvalhido, a igreja paroquial de Nossa Senhora da Boavista e a igreja paroquial de Santo Ovídio. Com estas opções acabámos por deixar de lado outros projetos, que também poderiam ter relevância, como são os casos da igreja paroquial de São Vicente de Alfena, da igreja paroquial de Nossa Senhora da Areosa ou da igreja de Santa Maria no Marco de Canaveses.

Com este trabalho não pretendemos formular uma reflexão que aporte um conjunto de novidades sobre a temática. Atendendo à extensão e multiplicidade de caminhos que esta temática poderia envolver, foi necessário delimitar a nossa abordagem ao contexto do cristianismo ocidental, e em específico à celebração do Batismo das crianças. Reconhecemos, desde já, algumas limitações à nossa investigação, pois, de facto, era impossível abarcar os vários âmbitos do tema em questão, concretamente, todo um rico património arquitetónico e litúrgico do Oriente cristão, sobre o qual daremos nota nuns breves apontamentos, ou aprofundar extensivamente a história da celebração do Batismo.

O nosso objetivo é, sobretudo, procurar dar um contributo para a devida valorização do lugar do Batismo, que contém em si uma herança histórica, patrimonial, litúrgica e pastoral com mais de dois milénios e, que foi sendo moldado pela própria liturgia que nele se celebra. Esta tradição é, do nosso ponto de vista, uma oportunidade para encontrar soluções de expressão contemporânea que se adaptem às necessidades e desafios da vivência da fé nos nossos dias. Este lugar deve ser símbolo da própria unidade da Igreja, como expressa magnificamente a icónica inscrição do batistério de Latrão: «uma fonte, um Espírito, uma fé»⁶.

⁶ «*unus fons, unus Spiritus, una fides*». NOEL DUVAL – JEAN GUYON, «Le baptistère in Occident», *LMD*, 193 (1993) 56.

1. A história do batistério, percurso evolutivo litúrgico e pastoral

O termo batistério surge pela primeira vez, numa carta de Plínio, o Jovem⁷, para designar a bacia do frigidário nos edifícios termas romanos. Desde os primeiros séculos do cristianismo, o rito do Batismo estava relacionado com ritos de purificação pela água, daí, verificarmos, neste período, alguma confusão em relação à necessidade e funcionalidade profana e sagrada dos lugares destinados à celebração batismal. As primeiras comunidades cristãs sentiram, desde logo, a necessidade de encontrar espaços para se reunirem e de um lugar para batizar os catecúmenos. O cristianismo acabou por assumir a denominação batistério para indicar o lugar do Batismo.

Nas primeiras gerações de cristãos, a única coisa necessária para a celebração do Batismo era uma nascente de água, preferencialmente corrente, como relata o Livro dos Atos dos Apóstolos⁸. O Batismo de Cristo, no Rio Jordão, serviu de referência essencial para os primeiros Batismos cristãos, apesar de serem usados outros espaços e lugares para batizar aqueles que se convertiam e recebiam este sacramento. De facto, o desenvolvimento das solenidades litúrgicas, as condicionantes atmosféricas e a multiplicidade dos candidatos, fez com que fosse necessário idealizar, projetar e construir espaços apropriados e edifícios para a liturgia batismal.

Na Didaché encontramos um relevante testemunho sobre a prática deste sacramento da iniciação cristã, com as seguintes instruções: «Quanto ao Batismo, batizai da seguinte maneira: depois de ter ensinado tudo o que precede, batizai em água corrente, em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo»; «Porém, se não tiveres água corrente, batiza noutra água, e se não tiveres água fria, em água quente»; e «Na falta de uma ou outra coisa, derrama três vezes água sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo»⁹.

⁷ «Cohaeret hypocauston et, si dies nubilus, immisso vapore solis vicem supplet. Inde apodyterium balineae laxum et hilare excipit cella frigidaria, in qua baptisterium amplum atque opacum». PLÍNIO O JOVEM, «Epistolae VI, 5», in *Pliny, the Younger: Letters*, vol. 1, trad. W. Melmoth – W. Hutchinson, Londres: William Heinemann, Nova York: The Macmillan Co., 1915, 384.

⁸ At 8, 34: «Pelo caminho fora, encontraram uma nascente de água, e o eunuco disse: “Está ali água! Que me impede de ser baptizado?”»; At 16, 13-15: «No dia de sábado, saímos fora de porta, em direcção à margem do rio, onde era costume haver oração. Uma das mulheres chamada Lídia, negociante de púrpura, da cidade de Tatira e temente a Deus, pôs-se a escutar. O Senhor abriu-lhe o coração para aderir ao que Paulo dizia. Depois de ter sido baptizada, bem como os de sua casa, fez este pedido: “Se me considerais fiel ao Senhor, vinde ficar em minha casa”».

⁹ «Περὶ δὲ τοῦ βαπτίσματος, οὕτω βαπτίσατε: ταῦτα πάντα πρειπόντες, βαπτίσατε εἰς τὸ ὄνομα τοῦ πατρὸς καὶ τοῦ υἱοῦ καὶ τοῦ ἁγίου πνεύματος ἐν ὕδατι ζῶντι»; «ἐὰν δὲ μὴ ἔχης ὕδωρ ζῶν, εἰς ἄλλο ὕδωρ βάπτισον· εἰ δ' οὐ δύνασαι ἐν ψυχρῷ, ἐν θερμῷ»; «ἐὰν δὲ ἀμφότερα μὴ ἔχης, ἔκχεον εἰς τὴν κεφαλὴν τρεῖς ὕδωρ εἰς ὄνομα πατρὸς καὶ υἱοῦ καὶ ἁγίου πνεύματος». *La Doctrine des douze apôtres – Didaché* (Sources Chrétiennes 248), ed. W. Rordorf – A. Tuilier, Paris: Cerf, 1978, 170.

1.1. O lugar da iniciação cristã na Igreja antiga

O primeiro vestígio arqueológico de um batistério, encontra-se em *Dura Europos*, na Mesopotâmia. Apesar de se tratar de um exemplar localizado no Oriente, pela sua importância, é imperativo que seja abordado no contexto deste trabalho. Este singular edifício, cuja datação é anterior ao ano 256, é especialmente relevante por nele se encontrar um dispositivo batismal distinto, o primeiro exemplar de um batistério doméstico, com a configuração de um sarcófago¹⁰.

Deste período da Igreja nascente, particularmente dos primeiros três séculos, não existem vestígios significativos de batistérios. Efetivamente, é nas catacumbas romanas de Priscila e de Ponciano, que ainda hoje se encontram em bom estado de conservação, os mais relevantes exemplares. No cemitério de Priscila, o batistério possui uma abóbada em tijolo coberta com gesso e decorada com festões e flores de cor vermelha. A bacia com 1,40m de profundidade, era utilizada para o Batismo por imersão, mas existe uma outra cavidade que serviria para o Batismo por infusão. O batistério de Ponciano, datado do século VI, está inserido nesse cemitério, mas a sua origem histórica é atestada apenas por lendas hagiográficas. Ao lado das sepulturas dos santos Abdon e Sénen, encontra-se uma bacia quadrada, escavada na rocha com 1,14m de profundidade, à qual se tem acesso por uma escada de dez degraus. Nas paredes podemos observar alguns frescos, que figuram uma cruz adornada com rosas, o Batismo de Jesus e os mártires Abdon e Sénen a serem coroados por Jesus. A fonte é alimentada por uma corrente de água subterrânea, cujo nível sobe e desce dependendo das águas do rio Tibre¹¹.

No século quarto, depois das grandes perseguições, quando a Igreja vivia tempos de paz e gozava já dum estatuto social e de liberdade, começaram a construir-se edifícios específicos para liturgia, concretamente, para o rito batismal. Estes não continham mais do que vulgares bacias, bastante espaçosas, nas quais se descia por alguns degraus, para mergulhar na água. Depois da paz constantiniana, as catequeses dos Padres da Igreja, como Agostinho, Ambrósio e Gregório, atestam uma liturgia batismal articulada que requer a construção desses lugares em edifícios separados ou anexos à igreja, a fim de corresponder às complexas exigências litúrgicas¹². É nesta época que começam a surgir os batistérios que, segundo Debuyste, são «incontestavelmente a criação mais extraordinária e mais poética do mundo paleocristão»¹³.

¹⁰ DUVAL – GUYON, «Le baptistère in Occident», 54.

¹¹ HENRI LECLERCQ, «Baptistère» in *Dictionnaire d'Archeologie Chretienne e Liturgie* 2.1, ed. Fernand Cabrol – Henri Leclercq, Paris: Letouzey et Ané, 1925, 402-407.

¹² ROBERTO LESAGE, *Dizionario Pratico di Liturgia Romana*, Roma: Editrice Studium Roma, 1956, 70.

¹³ FRÉDÉRIC DEBUYTE, «Il Battistero: fonte di vita, di luce, di perdono», in *Il Battistero. Atti del V Convegno Liturgico Internazionale*, ed. Goffredo Boselli, Bose: Edizioni Qiqajon, 2008, 25.

1.1.1. Um espaço moldado pela celebração litúrgica

Em relação à utilização litúrgica do lugar do Batismo na Igreja antiga, a grande diversidade de espaços dificulta a plena compreensão do próprio lugar e do desenrolar das celebrações, especialmente porque os vestígios encontrados sofreram intervenções e alterações, ao longo do tempo. Jean-Charles Picard apresentou um estudo sobre a hermenêutica do espaço tendo como base os textos dos Padres da Igreja na celebração do Batismo, no sul da Gália e no norte de Itália¹⁴. O autor analisou os momentos e as movimentações no próprio espaço, constatando a existência de uma multiplicidade e plasticidade nas práticas litúrgicas, podendo estas ser adaptadas às mais diversas situações e contingências dos locais. Os Padres da Igreja, nos seus sermões, apelavam às dimensões simbólicas, como a descida dos degraus nas fontes para a imersão, ou a água que brotava, na tentativa de representar a água do Rio Jordão.

Como os Batismos eram celebrados pelo bispo, e estavam estreitamente ligados aos outros sacramentos da iniciação cristã, era fundamental a existência de um batistério em cada sede episcopal, localizado perto das catedrais. Em cada igreja local existia, portanto, um batistério, num lugar distinto da catedral, destinado não só aos ritos do Batismo, mas também ao da Confirmação, porque estavam intimamente ligados. Depois da receção destes sacramentos, os neófitos eram levados processionalmente para a igreja, a fim de participarem na Eucaristia¹⁵. Deste modo, destaca-se a importância e a singularidade deste lugar, pois está intimamente ligado à liturgia da iniciação cristã, compreendida e celebrada como um caminho.

Já antes da era constantiniana, como atesta o batistério da *domus ecclesiae* de *Dura Europos*, o ambiente em que se realizavam os ritos batismais distinguia-se do edifício de culto, tendo adquirido gradualmente autonomia arquitetónica, com particularidades que variavam de acordo com a geografia ou com o arco cronológico a que pertencem. Nessa perspetiva, a ligação entre batistério e igreja episcopal aparece privilegiada desde o começo, e regista os exemplos mais antigos nos batistérios de Roma, Milão, Ravena, Poitiers ou Marselha¹⁶.

Em Roma, entre os séculos IV e V, multiplica-se o número de batistérios, não só por influência do evergetismo dos Papas mas, sobretudo, por causa das necessidades pastorais. Em relação aos batistérios dos subúrbios, esta proliferação deve-se sobretudo às mudanças nas

¹⁴ JEAN-CHARLES PICARD, «Ce que les textes nous apprennent sur les équipements et le mobilier liturgique nécessaires pour le baptême dans le Sud de la Gaule et l'Italie du Nord», in *Actes du XIe Congrès International d'Archéologie Chrétienne*, Roma: École Française de Rome, 1989, 1451-1468.

¹⁵ LECLERCQ, «Baptistère», 391-392.

¹⁶ JEAN GUYON, «Il Luoghi dell'Iniziazione Cristiana nella Chiesa Antica: L'Occidente», in *Il Battistero. Atti del V Convegno Liturgico Internazionale*, ed. Goffredo Boselli, Bose: Edizioni Qiqajon, 2008, 82.

estruturas organizativas e instituições eclesiásticas, que adquiriram um papel mais definido, especialmente em relação às necessidades das populações rurais, desde o tempo do Papa Gelásio I, com o surgimento das intituladas *ecclesiae baptismales*¹⁷.

Na Península Ibérica, apesar das fontes revelarem a prática batismal nos primeiros séculos do cristianismo, não há vestígios de nenhum batistério anterior ao século IV. No Concílio de Elvira, no início do século IV, surge uma referência às comunidades rurais, à frente das quais se encontravam presbíteros ou diáconos, que estavam autorizados a administrar o Batismo. A maioria dos batistérios hispânicos são da época de apogeu do domínio visigótico, com construção de novos edifícios, mas também com significativas intervenções em alguns espaços já existentes¹⁸. Em Portugal foram encontrados importantes vestígios arqueológicos de dois batistérios em Mértola, datados do século V, e outros dois em Idanha-a-Velha, do século VI. É interessante salientar que dos quarenta batistérios hispânicos conhecidos, só cinco exemplares se encontram em ambientes urbanos, com são os casos de Barcelona, Valência, Ergara, Idanha-a-Velha e Mértola¹⁹.

1.1.2. Configuração arquitetónica do lugar e da fonte batismal

A configuração arquitetónica dos batistérios, desde os primórdios, nunca foi uniforme, apresentando três plantas mais comuns, octogonal, circular ou hexagonal, apesar de se encontrarem exemplares de plantas retangulares, pentagonais, em cruz grega e em trevo. No entanto, na diversidade de formas, o que confere unidade e integralidade é a referência ao acontecimento, que é o fundamento do sacramento, a Páscoa de Jesus²⁰. Algumas formas enfatizam mais a descida, outras a co-sepultura com Cristo na morte, outras ainda enfatizam o elemento da superação da morte, a ressurreição e a passagem para a nova vida, e outras o começo de uma vida totalmente nova.

O octógono é uma forma geométrica particularmente adequada para evocar o oitavo dia da ressurreição de Jesus. É relevante recuperar a este propósito, uma inscrição atribuída a Ambrósio, acerca da regeneração batismal, no batistério de *S. Giovanni alle Fonti*, em Milão: «Para o uso sagrado, levantou-se este templo com oito nichos, e a fonte octogonal é digna dessa função. Convinha este número para ser elevado o pátio da sagrada imersão, que restitui a saúde

¹⁷ MARIO RIGHETTI, «Il Battistero», *Manuale di Storia Liturgica*, vol. I, Milão: Editrice Ancora, 1950, 394.

¹⁸ CRISTINA GODOY FERNÁNDEZ, «Baptisterios Hispánicos (siglos IV al VIII): arqueología y liturgia», in *Actes du XIe Congrès International d'Archéologie Chrétienne*, Roma: École Française de Rome, 1989, 607-610.

¹⁹ VIRGÍLIO LOPES, «O complexo religioso e os batistérios de Mértola na Antiguidade Tardia», *Medievalista online* 23 (janeiro-junho 2018) 1-22.

²⁰ LECLERCQ, «Baptistère», 391-393.

aos povos na luz da ressurreição de Cristo»²¹. Deste batistério, da primeira metade do século IV, foram encontrados alguns vestígios, incluindo uma fonte octogonal, sob a sacristia da catedral de Milão. O valor simbólico do número oito entre os Padres da Igreja, exaltado pela inscrição ambrosiana no batistério de Milão e o batistério octogonal, combina perfeitamente padrões antigos com significados, funções e simbologias do mundo cristão. A configuração octogonal parece ser a mais difundida no centro-norte de Itália e no norte dos Alpes, podendo também encontrar-se exemplos significativos em Mértola e Barcelona²².

A configuração hexagonal é a mais rara nos batistérios, surgindo sobretudo no formato das fontes, com uma difusão particular em Aquileia, mas com alguma ocorrência no resto do mundo cristão, designadamente em França, na Grécia, na Dalmácia e no norte de África²³. A adoção da forma hexagonal pode estar relacionada com a importância dada ao papel desempenhado pela teologia batismal nas controvérsias arianas, com atenção especial na construção dos batistérios. O número seis é múltiplo do três, sendo também um número perfeito, e correspondendo, na exegese patrística, ao número de dias da Criação²⁴.

Os dados arqueológicos atestam que o batistério da igreja episcopal de Roma, em Latrão, é o mais antigo do cristianismo ocidental, datado do século IV. Este exemplar, que desde as suas origens teve a sua própria autonomia arquitetónica, com um plano circular, mais tarde foi substituído pela configuração octogonal com a intervenção de Sisto III (432-440)²⁵. A fase sistina do batistério de Latrão representa uma espécie de fronteira no que diz respeito à difusão desta fórmula arquitetónica em Itália, a sul de Roma, onde, no entanto, o número de batistérios sobreviventes parece menor do que no resto da península.

Um capítulo significativo a esse respeito é o relativo ao tamanho das fontes batismais, muito maior no Ocidente, especialmente em Itália, do que no Oriente. Talvez isso esteja relacionado com a presença de diáconos e sacerdotes que acompanhavam o catecúmeno na

²¹ «*Octachorum sanctos templum surrexit in usus octagonus fons est munere dignus eo. Heo numero decuit sacri baptismatis aulam surgere, quo populis uera salus rediit, Luce resurgentis Christi*». DUVAL – GUYON, «Le baptistère in Occident», 62.

²² CRISTINA GODOY FERNÁNDEZ, «De la Mort à la Vie par le Baptême: notes d'archéologie et de liturgie dans l'Antiquité tardive», in *Mort et Réssurrection dans l'Antiquité chrétienne*, ed. Robert Baró – Albert Viciano – Daniel Vigne, Paris: Éditions Parole et Silence, 2017, 150-158.

²³ GUYON, «Il Luoghi dell'Iniziazione Cristiana nella Chiesa Antica», 87-88.

²⁴ CHIARA SANMORI, «I mosaici del battistero paleocristiano di Napoli: una proposta di lettura», in *Giocare davanti a Dio. L'universo liturgico tra storia, culto e simbolo*, ed. Pasquale Giustiniani – Carmine Matarazzo, Nápoles: Pontificia Facoltà Teologica dell'Italia Meridionale, 2006, 341-342.

²⁵ DUVAL – GUYON, «Le baptistère in Occident», 56.

bacia, uma tradição que foi preservada em algumas áreas pelo menos até ao século VIII²⁶. Deve ser lembrado que, originalmente, o mergulho era quase total e que além disso eram preferencialmente batizados os adultos após um longo catecumenato.

Na Península Ibérica, os vestígios arqueológicos confirmam esta adaptação, com uma estreita ligação entre o batistério e liturgia batismal. Aqui, de facto, há um processo progressivo de monumentalização do ambiente destinado ao Batismo, anteriormente mais modesto, que também corresponde à transformação das fontes, mais largas e mais profundas do que as mais antigas, possuindo em alguns casos formas atípicas. No sudoeste peninsular encontram-se vestígios arqueológicos de fontes batismais em forma de cruz, sendo os casos mais representativos desta configuração, os batistérios de Casa de Herrera, Torre de Palma, Idanha-a-Velha e Cornus. Estes dois últimos exemplares apresentam uma particularidade na sua configuração, os braços da cruz não possuem degraus, nem conteriam água, pois seriam destinados aos ministros ordenados que celebravam o Batismo²⁷.

Foram encontrados vestígios da presença de pequenas bacias perto da fonte batismal, que podem ser explicados, especialmente no Ocidente, à luz de um rito pós-batimal descrito por Ambrósio, o lava-pés, mas também como lugar reservado à celebração do Batismo das crianças. As fontes literárias e litúrgicas não oferecem elementos para uma plena compreensão do fenómeno relacionado com a presença dessas bacias no batistério. Apesar de estas serem um elemento bastante difundido no mundo cristão, é necessário ter em conta que, muitas vezes, a segunda bacia é inserida mais tarde do que a original e que, em qualquer caso, poderia ser uma solução para a administração simultânea do Batismo²⁸.

A este respeito, questiona-se também se a presença do cibório nas fontes está relacionada com a possibilidade de isolar o catecúmeno com cortinas no momento do Batismo, mas, como apontado por Noël Duval, naqueles raros casos em que o cibório aparece bem preservado, não há vestígios de sulcos para vigas destinadas a apoiar as telas. Poderá estar relacionado com a evolução do rito, com a contração da fonte batismal ligada a uma simplificação do Ritual, ou com a generalização do Batismo das crianças, que a partir do século VI vai suplantando gradualmente o dos adultos. Normalmente, nas diversas intervenções efetuadas com o objetivo de reduzir o tamanho e a profundidade da fonte, a parede era revestida com argamassa, coberta com

²⁶ PICARD, «Ce que les textes nous apprennent sur les équipements et le mobilier liturgique nécessaires pour le baptême dans le Sud de la Gaule et l'Italie du Nord», 1463.

²⁷ GODOY FERNÁNDEZ, «Baptisterios Hispánicos», 627.

²⁸ GODOY FERNÁNDEZ, «Baptisterios Hispánicos», 627-629.

mármore ou cerâmica, por vezes alterando mesmo a configuração original. Particularmente interessante, é o caso dos batistérios de Genebra e de Lyon, que ao longo dos séculos viram a sua fonte ser reduzida várias vezes²⁹.

Desde os primórdios, a liturgia recomendava o uso de água corrente, tanto quanto possível, para a administração do sacramento da iniciação, mas, apesar disso, a grande maioria dos batistérios estava longe de poder ter um sistema de abastecimento e escoamento da água. Este facto deve-se essencialmente a dois motivos: o primeiro porque o sistema hidráulico seria débil e com necessidade de constante manutenção; e o segundo deve-se ao abandono progressivo da prática do Batismo por imersão em água corrente, dando lugar ao Batismo por infusão³⁰. No entanto, é curioso observar alguns batistérios mais complexos que apresentam provas da existência de um sistema hidráulico com canalizações de chumbo ou cerâmica, de alimentação e ou de escoamento das águas, como são os casos dos batistérios de Latrão, Lyon, Riez e Mariana³¹. Nos batistérios em que não existe qualquer vestígio de um sistema de canalização, a água seria derramada manualmente sobre o catecúmeno com recurso a cântaros.

No interior do edifício, os vários lugares correspondiam às diferentes ações rituais, sendo o centro a fonte batismal. O Batismo de imersão não requeria necessariamente uma grande fonte, e mesmo quando se tratava de um exemplar de grandes dimensões, nada prova que estaria cheio até ao topo. A largura também variava e, quase sempre, permitia batizar vários adultos ao mesmo tempo, podendo os catecúmenos adotar diferentes posições, em pé, deitados ou de joelhos. As dimensões e a forma do batistério frequentemente ditavam o tamanho e a forma da própria fonte³². A fonte era escavada no chão com degraus para se descer, geralmente em número de sete, um dado que Isidoro de Sevilha nas suas especulações procurou interpretar. Ali eram evocados os setes dons do Espírito Santo com três degraus de acesso e outros três para a saída, enquanto que o elemento intermediário constituído pelo fundo da fonte batismal se referiria ao Filho do Homem³³.

²⁹ NOEL DUVAL, «Les monuments chrétiens de la Gaule Transalpine», in *Actas del VIII Congreso Internacional de Arqueología Cristiana*, Barcelona, 1972, 57-106.

³⁰ GUYON, «Il Luoghi dell'Iniziazione Cristiana nella Chiesa Antica», 88.

³¹ DUVAL – GUYON, «Le baptistère in Occident», 62-63.

³² LECLERCQ, «Baptistère», 395.

³³ «*Fons autem in delubris locus regenerantium est, in quo septem gradus in Spiritu sancti mysterio formantur; tres in descensu et tres in ascensu: septimus vero is est qui et quartus, id est similis Filio hominis, extinguens fornacem ignis, stabilimentum pedum fundamentum aquae; in quo plenitudo divinitatis habitat corporaliter*». ISIDORO DE SEVILHA, «*Etymologiae XV, 10*», in *PL 82*, ed. J.-P. Migne, Paris: 1850, 545A.

Na sua fase inicial e até aos séculos V e VI, mas sobretudo no arco do século IV, a prosperidade do batistério corresponde à difusão dos textos catequéticos dos Padres da Igreja no Ocidente e no Oriente. Nesta primeira fase, há uma variedade de padrões tipológicos, a presença de elementos tradicionais e inovadores na mesma área, e a ausência de regras precisas sobre a localização do batistério em relação ao edifício de culto. No Ocidente, enquanto que, especialmente em Itália, o batistério surge geralmente distinto da igreja e com a sua própria autonomia arquitetónica, na Península Ibérica e no norte da África na maioria dos casos ocupa um lugar adjacente ou integrado na própria igreja, apesar de existirem algumas exceções³⁴.

Em França destaca-se o grupo dos batistérios provençais, de Marselha, Fréjus e Riez, autónomos, com um plano octogonal inscrito num átrio e com nichos, enquanto que o batistério de Aix-à-Provence, do século IV-V, que originalmente tinha um plano quadrangular, foi alterado no final do século XI quando foram adicionados os nichos. De destacar também outros formatos de plantas, como o dos batistérios de Lyon e Genebra, ambos com um átrio retangular, ou o dos batistérios na Córsega e Mariana, o primeiro do final do século IV e o segundo atribuído ao final do século V, que apresentam um plano cruciforme³⁵. Alguns dos batistérios sobreviventes adotam um plano quadrangular com uma cúpula, como é o caso do batistério de *Marcellianum* em Nápoles, recentemente descoberto³⁶.

Em Portugal, é relevante destacar os quatro exemplares conhecidos de batistérios paleocristãos, dois em Mértola e os outros dois em Idanha-a-Velha. Os primeiros apresentam uma configuração octogonal, e os segundos uma cruciforme e outra retangular. Estas fontes batismais ocupavam um lugar central no edifício onde estavam inseridas, anexando-se alguns espaços contíguos. Apesar de apresentarem dimensões diversas, neste período da história, todas as fontes seriam utilizadas para a prática do Batismo por imersão, sendo constituídas por diferentes níveis de degraus até à base central, e revestidas de lajes de mármore³⁷.

1.1.3. Relevância da ornamentação, iconografia e catequese

A relação entre o batistério e o edifício de culto é marcada não só pela funcionalidade e prática litúrgica, mas também por um conjunto de significados atribuídos a este sacramento da iniciação cristã. A equação da função liturgia-decoração é documentada a partir dos primeiros exemplos de batistérios. Assim, a arte cristã primitiva é um veículo de muitos significados, com

³⁴ GUYON, «Il Luoghi dell’Iniziazione Cristiana nella Chiesa Antica», 83.

³⁵ DUVAL – GUYON, «Le baptistère in Occident», 59.

³⁶ CHIARA SANMORI, «I mosaici del battistero paleocristiano di Napoli: una proposta di lettura», 342-343.

³⁷ LOPES, «O complexo religioso e os batistérios de Mértola na Antiguidade Tardia», 1-23.

um reportório figurativo que recorre à Sagrada Escritura como uma fonte inesgotável de temas. É, portanto, uma arte altamente sugestiva, que em muitos casos se torna ainda mais simbólica.

O simbolismo dos batistérios recuperou a iconografia já adotada nas catacumbas. Desse modo, são utilizados os frescos e os mosaicos relacionados com os mistérios do Batismo. Surgem representados, nas fontes, paredes e tetos, o monograma de Cristo Bom Pastor, a pomba que se salvou das águas do dilúvio com ramo de oliveira, o golfinho, a âncora e o peixe. Os elementos preferenciais da decoração dos batistérios, tanto no Ocidente como no Oriente, são a cena do Batismo de Jesus, os apóstolos e João Baptista. Em alguns exemplares destacam-se também as representações dos mártires e dos evangelistas, bem como do bispo que patrocinou o batistério ou dos santos mais venerados³⁸.

O batistério da *Dura Europos*, do século III, contém um programa iconográfico, constituído por representações dos milagres de Cristo aludindo à água, a Adão e Eva, às Marias no sepulcro e ao Bom Pastor, apresentando muitas afinidades com o batistério de Nápoles, do final do século IV³⁹. Entre os temas privilegiados na decoração dos batistérios, o Batismo de Cristo ocupa um lugar cimeiro, tanto como cerne de todo o programa iconográfico ou apenas como uma representação isolada. A decoração dos batistérios, inevitavelmente, reflete a sua função específica e daí a representação das águas, do banho regenerador, da fonte da vida.

Um dos conceitos muito explorados pelos Padres da Igreja, é a associação do Batismo à sepultura, inspirados pelas palavras do apóstolo Paulo, na Carta aos Romanos⁴⁰. A exegese deste texto por parte dos Padres, foi referência para comparar o rito de imersão nas águas do Batismo à morte e ressurreição, e à interpretação simbólica das fontes batismais como túmulos⁴¹. É assim, muito provavelmente ligada a esta associação, que surge a construção de batistérios nas basílicas dos mártires e a presença de relíquias nos batistérios. Trata-se de um fenómeno de grande magnitude, perceptível no Ocidente, especialmente em Itália, Espanha e na Gália⁴².

A introdução nos batistérios de várias relíquias conduz-nos ao tema do mobiliário no batistério. Os arqueólogos discutem sobre a função dos altares que, por vezes, não eram mais do

³⁸ LECLERCQ, «Baptistère», 397.

³⁹ LUCIEN DE BRUYNE, «La décoration des baptistères paléochrétiens», in *Actes du Ve Congrès International d'Archéologie Chrétienne*, Paris, 1957, 341-369.

⁴⁰ Rom 6, 3-5: «Pelo Baptismo fomos, pois sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também caminhemos numa vida nova. De facto, se estamos integrados nele por uma morte idêntica à sua, também o estaremos pela sua ressurreição».

⁴¹ GODOY FERNÁNDEZ, «De la Mort à la Vie par le Baptême: notes d'archéologie et de liturgie dans l'Antiquité tardive», 144-147.

⁴² GODOY FERNÁNDEZ, «Baptisterios Hispánicos (siglos IV al VIII)», 632.

que simples mesas com pequenas colunas. A presença de altares no batistério, surge como necessidade de ter um local onde depositar e expor as relíquias, mas não só, porque com base nos vestígios encontrados em Mérida, a capital da Lusitânia, o altar no batistério seria usado para colocar o óleo do Crisma⁴³.

Enquanto algumas igrejas menos afortunadas ou menos ambiciosas, possuíam uma simples bacia, outras empenhavam-se nestas instalações, dotando-as de apuro e luxo, com colunas, balaustradas, pedestais e entablamentos. Em diversos exemplares, é possível constatar que a água brotava para dentro das fontes através de orifícios embelezados com figuras animais ou vegetais, feitas de metais preciosos. No batistério de Santo Estevão em Milão, a água saía através das colunas de mármore do cibório⁴⁴.

No caso do célebre batistério de Latrão⁴⁵, que foi no reinado de Constantino a principal igreja de Roma, não subsistem vestígios aparentes desse período propriamente dito. A parte inferior do atual monumento deve-se à obra de Sisto III, sendo que sofreu diversas alterações, principalmente na Idade Média. Esta intervenção do pontífice preservou alguns mosaicos absidais, com representações de uma videira e algumas cruces, um detalhe muito semelhante ao observado no gesso que reveste a abside do batistério de Priscila. Do pontificado do Papa Silvestre ao de Sisto III, cerca de um século, há poucos dados em relação a este batistério. Sabe-se que, após o grande saque de Roma em 410, Sisto III empreendeu várias obras para reparar as espoliações realizadas. A fonte batismal, ainda existente, adquiriu a forma octogonal, de pórfiro com decorações em prata. Foi adicionada uma coluna de pórfiro no meio da fonte, no topo da qual um vaso de ouro servia para colocar um perfume líquido que ardia. Na borda da fonte foram colocadas duas imagens em prata, de Cristo e João Baptista, quase em tamanho real, separadas por um cordeiro dourado. Na época de Silvestre, a água saía da boca desse cordeiro, mas depois da reestruturação de Sisto III, as figuras de sete veados passaram a cumprir essa função. O Papa Hilário (461-468) é o autor de um conjunto de construções que modificaram consideravelmente a aparência do batistério de Sisto III, com a anexação de capelas e oratórios.

Um exemplar que merece destaque pelo seu valor histórico e artístico é o batistério ortodoxo de Ravena⁴⁶, do século VI. É um edifício octogonal, cujo interesse está essencialmente no seu interior. Apresenta uma fonte batismal com a mesma configuração contendo uma espécie

⁴³ DUVAL – GUYON, «Le baptistère in Occident», 68.

⁴⁴ RIGHETTI, «Il Battistero», 393.

⁴⁵ LECLERCQ, «Baptistère», 409-416.

⁴⁶ PIETRO SORCI, «Lo Spazio per il “Battistero”», *RL* 88/4 (2001) 575.

de púlpito de mármore, e uma abóbada esférica ricamente decorada com mosaicos. Uma série de colunas suportam duas fileiras de arcos sobrepostos, acima dos quais se eleva a cúpula. No plano das janelas, a decoração é inteiramente de estuque, com nichos, figuras e ornamentos, representando pavões, lebres, pombos, veados, leões-marinhos e, personagens bíblicas, como os profetas Daniel e Jonas. No topo, à volta do medalhão central com a representação do Batismo de Jesus, sobre um fundo azul, uma faixa circular apresenta as imagens dos doze apóstolos, vestidos com túnicas, suportando coroas de ouro nas mãos, avançando majestosamente em duas filas, com Pedro e Paulo à frente.

Os primeiros cristãos não negligenciaram nada para tornar os batistérios em lugares cuidadosamente preparados e preciosos. A decoração dos batistérios é algo que está intimamente ligada à celebração do Batismo, não se tratando apenas de uma contribuição que enfatiza o significado teológico, mas também o significado cosmológico dos programas iconográficos implementados. Numa grande parte dos batistérios, a decoração era elaborada através de um excepcional jogo de mosaicos, policromia das pedras ou mármore que geralmente cobriam as fontes, ou o chão e as paredes. Dois exemplos de relevo do século VI, são os batistérios de Albenga e Kelibia. O primeiro com uma estrutura octogonal com grandes nichos, alternadamente circulares e retangulares, apresenta um teto de mosaicos no qual está representado, sob um azul do céu estrelado, um tríplice cristograma evidenciando uma profissão de fé trinitária, rodeado por doze pombas brancas. No caso do segundo exemplar, o destaque está na rica ornamentação em mosaicos da fonte batismal, apresentando um cristograma e uma vegetação primaveril, no fundo e nas laterais do batistério⁴⁷.

1.2. O lugar do Batismo da Idade Média ao tempo de Trento

A Idade Média é uma época caracterizada pelas profundas transformações sociais e culturais, com natural reflexo na arquitetura e produção artística religiosas. Os lugares sagrados acompanharam estas mutações e foram sendo também adaptados às novas exigências litúrgicas e pastorais. Segundo Carlo Tosco:

«Não devemos pensar no longo período da liturgia medieval, que durou quase mil anos, como um fenómeno monolítico, numa idade estática e tradicionalista, mas, pelo contrário, como uma fase de

⁴⁷ GUYON, «Il Luoghi dell'Iniziazione Cristiana nella Chiesa Antica», 91-92.

grande dinamismo. A Idade Média é dominada pelo particularismo litúrgico, que perdura substancialmente até ao Concílio de Trento»⁴⁸.

1.2.1. Influências do período românico ao renascimento

Nos alvares da Idade Média, a Igreja teve de adaptar-se ao modo de vida dos cristãos, cuja grande maioria vivia nas áreas rurais. A organização assente na reforma carolíngia tinha como objetivo a unificação do império e a afirmação da sua matriz cristã. Os vestígios arquitetónicos confirmam essa organização, embora muitos batistérios venham a ser reformulados ou até demolidos na época Moderna. No entanto, a desintegração do império carolíngio, no final do século IX, e a conseqüente crise político-social tiveram fortes repercussões na vida da Igreja. Entre os séculos X e XII, dá-se um renascimento das cidades devido à hegemonia episcopal, o que implicou uma reorganização eclesial, com a fixação dos limites territoriais e respetivos ministros responsáveis pelo seu cuidado pastoral.

É importante salientar que já no século VI, há alguns exemplares de batistérios ligados às igrejas, apesar de só a partir do século IX é que a fonte batismal é colocada no interior da própria igreja. No entanto, esta prática não foi generalizada, enquanto no centro e norte de França o modelo dos batistérios autónomos foi abandonado no período merovíngio, no sul de França este tipo de construções persistiram durante o período românico e em Itália até mesmo ao renascimento⁴⁹.

As cidades voltam a viver um período de grande revigoração e expansão, com a ascensão das classes de comerciantes e a primeira burguesia urbana. Os bispos tornam-se os detentores do poder público, configurando uma nova realidade religiosa, social e institucional. O povo reunido em torno do seu bispo no espaço sagrado da igreja catedral, representa uma manifestação concreta da unidade urbana. O Batismo, administrado pelo bispo, ocorria habitualmente uma vez por ano, na Vigília Pascal, a grande celebração cristã. No centro-norte de Itália, a partir do período românico, testemunhamos desta forma um grande reflorescimento dos batistérios⁵⁰.

O estudo da tipologia do batistério, próximo do ano mil, deve ter em consideração o marco da renovação da arquitetura sagrada naquele tempo, e, também a prática adotada para a

⁴⁸ CARLO TOSCO, «Il Luogo del Battesimo dal Medioevo all'epoca Tridentina: Architettura e Liturgia», in // *Battistero. Atti del V Convegno Liturgico Internazionale*, ed. Goffredo Boselli, Bose: Edizioni Qiqajon, 2008, 104.

⁴⁹ LECLERCQ, «Baptistère», 393.

⁵⁰ TOSCO, «Il Luogo del Battesimo dal Medioevo all'epoca Tridentina», 106-107.

celebração do Batismo. Do ponto de vista topográfico, a transição para o primeiro milénio é apontada como o ponto de inflexão da construção de batistérios como edifícios autónomos, observando-se o surgimento de pequenas fontes batismais, nos séculos IX-X, inseridas no interior das igrejas. Porém, em particular no norte da Itália, nos séculos XII e XIII, as grandes catedrais de Génova, Pisa, Luca, Parma, Florença, Piacenza, Pádua, Siena e Pistoia, ainda construíram grandiosos batistérios autónomos, equipados com fontes monumentais e ricamente adornados. Para tal, contribuiu a tradição mantida em Itália, mais do que em qualquer outro lugar, de reservar ao bispo e, portanto, ao batistério da igreja catedral, o Batismo de todas as crianças da cidade e arredores. Em algumas das catedrais acima referidas essa prática permaneceu até aos tempos recentes⁵¹.

Os batistérios das catedrais continuaram a ocupar um lugar de destaque na península itálica, em alguns casos devido a modificações feitas em edifícios existentes, e noutros por novas construções. Os exemplos sobreviventes oferecem comparações interessantes entre a reformulação de estruturas existentes e as novas criações. Simultaneamente às reformulações emergem construções radicalmente novas, embora mantendo a configuração de planta central.

A evolução das práticas de culto no início da Idade Média teve um relevante peso na transformação dos batistérios. O aspeto que terá tido maior influência foi a difusão generalizada do Batismo das crianças, a partir do século VI. Esta prática conduziu a uma redução do tamanho das fontes batismais e à instalação de dispositivos mais funcionais, configurando dessa forma o lugar do Batismo na época medieval. Enquanto o Oriente conservava o batismo por imersão, o Ocidente afastava-se cada vez mais dessa prática. Como até ali a administração do Batismo estava reservada ao bispo, só a partir do século XI é que todos os sacerdotes obtiveram esse direito, e todas as paróquias passaram a possuir fontes batismais. Os batistérios, que inicialmente estavam localizados em edifícios isolados, aproximaram-se progressivamente da igreja sendo transferidos para uma simples capela, situada a oeste do edifício e a uma curta distância da porta⁵².

As fontes medievais mais antigas seriam usadas para o Batismo de imersão das crianças, com a forma de uma bacia circular, raramente octogonal, ampla e profunda. Na face exterior dominavam as decorações geométricas esculpidas ou figuras simbólicas, muitas vezes acompanhadas de inscrições. As fontes, que remontam ao século XIII, têm na sua maioria uma bacia hemisférica menos ampla e profunda, consequência do abandono generalizado do batismo por imersão, geralmente assentes numa coluna estilizada ogival ou clássica, que se apoia numa

⁵¹ RIGHETTI, «Il Battistero», 393-394.

⁵² LECLERCQ, «Baptistère», 393.

base grande no chão. No entanto, o modelo octogonal das fontes batismais continua a ser uma referência, como são os casos da catedral de Orvieto e da catedral de Florença. De facto, em Itália, essa tipologia foi a preferida pelos artistas da Renascença. O interior da pia era frequentemente dividido em duas partes, uma para a reserva da água benzida e outra na qual se derramava a água na cabeça da pessoa que era batizada⁵³.

É ao nível urbano que em Itália os batistérios expressam toda a sua monumentalidade. Na Europa cristã dos séculos XII e XIII, foi abandonada a construção dos batistérios ao lado das catedrais góticas, com exceção de Itália, como são o caso dos já referidos batistérios de Florença, Parma e Pisa. A região da Toscana é um território privilegiado para explorar o tema do lugar do Batismo, espaços e formas na Idade Média, pela presença de batistérios monumentais nos principais centros episcopais da região, exemplares do alto nível de qualidade da arquitetura românica e gótica. Os batistérios seguidamente detalhados das catedrais de Florença, Parma e Pisa são excelentes exemplos, não só porque as suas fontes foram concebidas com um valor simbólico-funcional, como peças suntuosas, constituídas por lajes de mármore com esculturas de alto relevo e incrustações policromadas, mas por todo o conjunto e aparato do mobiliário litúrgico.

O batistério de *S. Giovanni* em Florença⁵⁴ é um edifício do românico florentino, projetado no início do século XII, em frente à catedral de Santa Reparata, construída meio século antes. Trata-se de um exemplar construído de raiz, sem qualquer ligação a estruturas pagãs ou cristãs pré-existentes, concebido segundo um projeto que adotou modelos antigos e reelaborou o próprio estilo românico. Segundo documentos da cidade, em 1128, houve uma transferência da fonte batismal da catedral para o novo batistério. Em Florença, perdeu-se o *layout* original do espaço litúrgico do batistério de *S. Giovanni*, mas provavelmente a fonte seria quadrada com quatro orifícios angulares, apresentando uma cerca octogonal, que o circundava e ligava ao altar. No pavimento, os desenhos geométricos das incrustações e os padrões cosmológicos, convergiam para o ponto central do espaço, que era a fonte batismal. Os vestígios existentes dessa fonte românica, que foi desmontada em 1577, encontram-se no Museu *Opera del Duomo*.

O batistério de Parma⁵⁵, datado do século XII, foi projetado com o objetivo de construir um lugar alternativo para a celebração deste sacramento, até ali administrado na catedral.

⁵³ RIGHETTI, «Il Battistero», 394-395.

⁵⁴ ANNAMARIA DUCCI, «Vasche e fonti battesimali delle pievi medievali toscane: dati, problemi, ipotesi», in *Monumenta. Rinascere dalle acque. Spazi e forme dell battesimo nella Toscana medievale*, ed. Annamaria Ducci – Marco Frati, Pisa: Pancini Editore, 2011, 97-98.

⁵⁵ Tosco, «Il Luogo del Battesimo dal Medioevo all'epoca Tridentina», 108-109.

Precisamente a fonte original, vinda da catedral, foi recuperada e colocada num nicho deste novo edifício. No centro do batistério, destaca-se a fonte octogonal, esculpida num bloco de pedra, colocada sob uma base de dois degraus. Apresenta uma particularidade, no centro da fonte foi inserido um poço de forma quadrilobada, onde os celebrantes se colocavam para administrar o Batismo. O bispo iniciava a celebração e depois quatro ministros realizavam a imersão das crianças na água. Este batistério de Parma foi projetado para responder às solenidades litúrgicas da cidade, podendo ser considerado, para todos os efeitos, uma igreja, com altares para outras celebrações e um colégio canónico próprio, distinto do da catedral.

O batistério de Pisa⁵⁶ foi edificado em frente à catedral, a partir de 1152, prolongando-se a construção até ao século seguinte. A monumental fonte batismal octogonal, com quatro poços cilíndricos nas laterais para administrar o sacramento às crianças, esculpida em 1245, é única pelo seu tamanho, *design* e preciosidade dos painéis de mármore. Os pormenores decorativos da fonte são dignos de apontamento, não só pelos dezasseis painéis com fundo embutido em tons de branco, preto e vermelho, como também pelo próprio desenho ondulado do fundo a preto e branco. O piso de mármore destaca a centralidade arquitetónica da fonte e expande radialmente a imagem simbólica do octógono. A disposição do mobiliário litúrgico é semelhante à de um presbitério, com o altar, o púlpito e o cadeiral. Este batistério foi projetado seguindo como modelo arquitetónico e programático o Santo Sepulcro de Jerusalém, com o intuito claro de associar o Batismo à ressurreição.

As fontes medievais foram projetadas de diversas formas, com pernas ou uma base de pedestal, algumas assumindo a configuração de um cálice, mas recuperando os desenhos octagonais, hexagonais e côncavos. Estas eram geralmente feitas de pedra, simbolizando Cristo como a Rocha e a Pedra Angular, bem como a rocha da qual Moisés tirou água (cf. Ex 17, 5-6), mas existem também exemplares feitos em bronze, chumbo ou madeira. Na ornamentação dos batistérios além das representações bíblicas, como o Batismo de Cristo, a crucificação, a ressurreição ou as quatro criaturas do Apocalipse, surge também a iconografia de diferentes santos⁵⁷. Segundo Steven Schloeder, a mentalidade medieval associou símbolos mais complexos ao Batismo, como a luta demoníaca pelas almas com dragões, grifos, ou cobras, afirmando:

«A iconografia do Batismo na Idade Média era muito mais extensa do que a dos primórdios do cristianismo. A maioria dos elementos, no entanto, não podem ser considerados inadequados, mas,

⁵⁶ DUCCI, «Vasche e fonti battesimali delle pievi medievali toscane», 98-99.

⁵⁷ J. STEVEN SCHLOEDER, *Architecture in Communio. Implementing the Second Vatican Council through Liturgy and Architecture*, São Francisco: Ignatius Press, 1998, 118.

como o Batismo é a atualização da obra salvadora de Cristo, pode haver poucos temas cristãos que não possam ser associados mais ou menos a ele. Talvez tenha sido colocado demasiado ênfase na luta com o diabo do que é agradável à mente moderna, mas resultou na produção de alguns dos melhores exemplos de escultura medieval e serviu para tornar a fonte um instrumento bonito e imponente do primeiro sacramento de salvação»⁵⁸.

No final da Idade Média, na península itálica, o lugar do Batismo viu o seu apogeu entrar em declínio, tanto nas cidades como nos meios rurais. Nas igrejas que ainda iam adquirindo direitos batismais, não são construídos novos batistérios, mas encontrada uma solução que garanta a prática da celebração deste sacramento. O novo espaço celebrativo adquire a forma de uma simples capela, onde era colocada uma fonte batismal, geralmente à entrada das igrejas. Os grandes batistérios da era cristã primitiva ou do românico tornaram-se monumentos históricos, perdendo o interesse e a utilidade no contexto da dimensão litúrgica paroquial. Em alguns casos, os batistérios foram incorporados nas igrejas, transformando-se em espaços contíguos para a celebração da eucaristia, e noutros casos, tornaram-se até mausoléus⁵⁹.

1.2.2. A reforma tridentina e exuberância do barroco

A arquitetura e a arte do período barroco, entre os séculos XVII e XVIII, foram expressas através da linguagem da teatralidade, da cenografia e da riqueza dos materiais, especialmente destinadas a surpreender o observador. A grande maioria das igrejas barrocas, assume uma configuração arquitetónica segundo o esquema de uma única nave com capelas laterais, em que todos os pormenores são pensados para despertar a atenção daqueles que participavam nas celebrações litúrgicas, como são os casos do aprimoramento geométrico das plantas, da exuberância dos mármore de cores e da talha dourada, e ainda o aparato da qualidade iconográfica. De facto, todos estes pormenores tornam-se expressão formal da Igreja triunfante e da liturgia reformada após a reforma católica tridentina.

Perante os sinais de crise que se vivia ao nível litúrgico e nas formas de culto, agudizados nos finais da Idade Média, dentro da Igreja surgem vozes de alarme e de expectativa de uma resposta veemente às questões sérias que se levantavam. No que ao nosso tema diz respeito, até mesmo o rito batismal atravessava uma fase de crise, tornando-se cada vez mais privatizado e afastado do controlo das paróquias. O Concílio de Trento e o seu programa de reforma católica procuraram intervir nesta realidade com um conjunto de instruções precisas. A iniciação cristã tornou-se um Ritual uniforme, segundo o modelo da cúria romana, com regras e ações litúrgicas

⁵⁸ SCHLOEDER, *Architecture in Communio*, 119.

⁵⁹ TOSCO, «Il Luogo del Battesimo dal Medioevo all'epoca Tridentina», 111-112.

bem definidas. Algumas das medidas concretas foram o término das grandes celebrações coletivas, com numerosos padrinhos, limitadas aos dias de Páscoa e Pentecostes, definindo a prática de celebrações familiares, com apenas dois padrinhos, sendo o Batismo administrado à criança tão breve quanto o possível⁶⁰.

A capela batismal, lugar mais pequeno e com a sua intimidade, passou a ser o novo modelo de espaço adequado para essas celebrações. Observa-se um empobrecimento em relação ao lugar onde se realiza o Batismo, com a marginalização do papel do batistério, que geralmente passou a ocupar o espaço da primeira capela junto à entrada, do lado do Evangelho. Uma pequena fonte substitui a grande, acompanhando a transição da grande catequese teológica que coloca o especial enfoque na celebração deste sacramento como preocupação religiosa-moral da purificação do pecado. O centro de todas as atenções deixa de ser o próprio acontecimento batismal, sendo sobrevalorizado o símbolo da água sagrada.

Dessa forma, a estrutura da fonte passa a ter uma função de sacralidade, com a pia, embora de pedra, a ser suportada por uma coluna, e fechada com uma tampa preciosa. Há uma similitude com a forma de uma píxide na qual se guarda a água benzida na Vigília Pascal. Um simples objeto escultural é, de facto, o protagonista da encenação das capelas batismais ao longo do período barroco. A fonte como uma taça, projetada pelo arquiteto ou artista que concebeu a capela, assumindo um modelo padronizado de uma pia de mármore de dimensões limitadas, apoiada por uma coluna mais ou menos decorada e fechada com uma tampa de madeira ou metal. A pia é encimada por uma tampa plana ou piramidal, que se torna funcional para o Ritual do Batismo por infusão. De facto, além da função de proteção, permite a preservação dos objetos usados durante a liturgia, quando equipada com compartimentos nos quais podiam ser armazenados os óleos sagrados e a concha. Há alguns exemplares que apresentam ainda um baldaquino com frisos e inscrições, e as representações do Batismo de Cristo, do Cordeiro ou do Espírito Santo em forma de pomba⁶¹.

Carlos Borromeu, que foi um dos principais promotores da reforma tridentina, publicou, em 1577, um compêndio de diretrizes sobre a configuração e aplicação dos decretos conciliares nas igrejas. A sua obra intitulada *Instructiones Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae*⁶², é um

⁶⁰ TOSCO, «Il Luogo del Battesimo dal Medioevo all'epoca Tridentina», 113.

⁶¹ RIGHETTI, «Il Battistero», 396-397.

⁶² CARLOS BORROMEU, «Instructiones Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae», I, XIX, in *Acta Ecclesiae Mediolanensis a Sancto Carolo*, vol. 1, ed. Carolo Cajetano, Mediolani: Edente Paulo Pagnonio, 1843, 639-644.

manual litúrgico com uma coleção de indicações práticas. Nele estão presentes instruções precisas sobre a construção dos batistérios e da fonte batismal.

De entre as regras prescritas pelo arcebispo de Milão, destacamos as notas mais significativas, começando pelo local onde deveria ser colocada a fonte batismal, com detalhes precisos em relação às dimensões e configuração do espaço:

«Um local será escolhido, como o arquiteto achar conveniente, distante da fachada da igreja, dependendo do layout do terreno, voltado para o sul. Aqui será construída uma capela dedicada a São João Batista. Terá um volume de cerca de trinta e três côvados, com uma estrutura digna para corresponder às características da igreja. Será redonda, octogonal ou hexagonal, ou outra forma que não excederá os limites de um círculo perfeito. A forma mais adequada e decorosa é o octógono. [...] O piso será de mármore ou pedra sólida, com mosaicos ou, quando isso não for possível, pelo menos em tijolo».

Elenca também os pontos essenciais relativos à centralidade da fonte batismal, enunciando as suas medidas precisas, os materiais de que deve ser composta e alguns detalhes sobre o escoamento da água:

«O batistério deve estar no centro da capela. Este terá onze côvados de largura e profundidade, de modo que pelo menos três degraus o conduzam a partir do chão da capela. Essa descida e essa profundidade relativa farão com que se pareça com um sepulcro. No centro deste espaço, será colocada a pia batismal ou bacia, na qual a água flui. Terá três côvados de largura, excluindo os bordos, calculados no eixo central e dois côvados de profundidade. Será redonda ou octogonal, ou alguma outra forma, conforme o apropriado à forma da capela. Se possível, será feita de um único bloco de mármore ou outra pedra. Ou será feita de duas ou mais lajes de mármore ou pedra, com duas onças de espessura. Essas lajes serão sólidas e não porosas. [...] Terá uma inclinação suavemente em direção ao centro e terá alguns sulcos, para que a água possa ser guiada em direção ao orifício no centro, escavado sob a base de uma pequena coluna. Debaxo do fundo da bacia, no subsolo, haverá uma pequena cisterna semelhante, para a qual fluirá a água que escorre da cabeça da criança que está a ser batizada».

Todos os detalhes são pensados, até a tampa da fonte batismal deve, segundo Borromeu, obedecer a um conjunto de regras na sua concepção:

«Para manter a água batismal limpa, uma tampa feita de dois painéis de noqueira será usada na bacia do batistério, tanto do rito romano como do ambrosiano, construída na forma prescrita. Os painéis serão unidos ao centro por dobradiças de ferro e colocados entre o cibório e a bacia. A tampa cobrirá e fechará completamente a abertura da própria bacia, de acordo com a sua forma e

proporções. Onde, de acordo com o rito ambrosiano, o batismo é por imersão, essa tampa será usada apenas nos batistérios maiores, para que não impeça a imersão da criança, enquanto pode ser usada em todos os batistérios do rito romano, onde o batismo é administrado por infusão».

Nem os pormenores relativos ao armário onde se guardam os santos óleos e todos os objetos necessários para a celebração do Batismo, são descurados, como se pode observar:

«O armário para guardar os vasos do Santo Crisma e o óleo dos catecúmenos, o livro Ritual dos sacramentos, as toalhas e todas as outras coisas necessárias para a administração do batismo, seja no batistério de rito romano ou ambrosiano, pode ser colocado de um lado da capela do batistério, na parede ou encostado na parede, como o arquiteto achar conveniente. Será bem fechado com painéis, fechadura e decorado com mármore trabalhado ou imagens piedosas esculpidas. No interior, haverá divisórias claramente diferenciadas de acordo com o tipo de objetos a serem mantidos ali e o seu uso, e forrada com painéis de choupo ou outra madeira, para evitar a humidade da parede ou do mármore. Será completamente forrado a seda branca».

Em quase todas as capelas batismais surgiu a representação do Batismo de Jesus, por João Baptista nas águas do Rio Jordão. Esta representação difundida deve-se às indicações dadas pelo cardeal nas *Instructiones Fabricae*:

«Dentro deve ser construído apenas um altar, dois côvados da parede voltada para leste, se houver espaço suficiente na capela. Na parede acima do altar será representada a história sagrada de São João Baptista batizando Cristo. Se for impossível construir um altar como indicado e desse tamanho, substitua-se por uma imagem ou uma pintura sagrada de São João Baptista na parede».

Estas diretrizes elaboradas por Carlos Borromeu influenciaram decisivamente o *layout* dos batistérios, reduzindo o lugar do Batismo a um espaço celebrativo que tinha que corresponder estritamente às instruções e normas litúrgicas. Tudo isto conduziu a um progressivo empobrecimento até à reforma litúrgica promovida pelo CV II.

1.3. O lugar do Batismo na arquitetura sacra contemporânea

Entre o apogeu da reforma tridentina e a era contemporânea há um hiato de tempo considerável, mas que para o estudo do nosso tema não tem relevância concreta. De facto, neste longo período não existem alterações dignas de apontamento, senão um desgaste e decadência das práticas litúrgicas e uma crescente ânsia de uma nova vivência celebrativa da fé. O Movimento Litúrgico surge nos alvares do século XX, como resposta a uma situação concreta na vida da Igreja, o distanciamento dos fiéis da liturgia, consequência da forma como se realizavam

as celebrações litúrgicas. Defendia-se a necessidade de um regresso às fontes do cristianismo, na sua essência e autenticidade, um recentrar da liturgia em Jesus Cristo, e um estimular a participação ativa dos fiéis na ação litúrgica, de modo que esta fosse, de facto, a oração de todos em Igreja.

Como sintetiza José Ribeiro Gomes:

«O CV II é o ponto de chegada deste longo caminho iniciado no final do século XIX. O Movimento Litúrgico preparou à distância a renovação que o Concílio veio consagrar. Do mesmo modo, o Magistério e os Papas, também eles, marcaram o caminho duma reforma que pouco a pouco se instalou e que o Concílio consagrou de modo efetivo. [...] O CV II articula de maneira feliz ricas perspetivas eclesiológicas com uma conceção renovada do culto divino. Daí tira consequências pastorais nas quais se insere a questão da reorganização e da conceção dos edifícios de culto»⁶³.

É precisamente sobre o impulso e o dinamismo conciliar na projeção dos espaços celebrativos, que pretendemos desenvolver o terceiro ponto deste capítulo, debruçando-nos sobre os textos principais, a sua leitura e aplicação.

1.3.1. Desafios de uma renovação litúrgica e pastoral

O CV II ofereceu indicações relevantes sobre a teologia e a celebração do Batismo, nas quais se devem inspirar as conceções arquitetónicas e as expressões artísticas do lugar da celebração. A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* foi o primeiro documento aprovado, com data de 4 de dezembro de 1963. Não foi por acaso que os padres conciliares perceberam que se tratava de uma dimensão da vida da Igreja muito importante e, após um caminho consolidado que os antecedeu, elaboraram uma Constituição sobre a Sagrada Liturgia. O principal objetivo era reformar a liturgia da Igreja, de forma a incrementar a participação ativa dos fiéis e a todos entusiasmar à experiência de oração em comunidade, dimensões consideradas essenciais para uma vivência plena da fé cristã.

Em relação à temática desenvolvida neste trabalho, destacamos dois documentos conciliares: a referida *Sacrosanctum Concilium* e a Constituição *Lumen Gentium*⁶⁴. O primeiro afirma que «pelo Batismo são os homens enxertados no mistério pascal de Cristo: mortos com Ele, sepultados com Ele, com Ele ressuscitados» (SC 6), baseado na teologia de Paulo recupera a imagem do batistério como o lugar do sepulcro; e dá a instrução «reveja-se o rito do Batismo

⁶³ JOSÉ MANUEL RIBEIRO GOMES, «Liturgia e arquitetura: uma nova arquitetura para um novo projeto litúrgico», *Didaskalia* 36 (2006) I. 217.

⁶⁴ CONCÍLIO VATICANO II, «Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja», AAS 57 (1965) 6-67.

de crianças e adapte-se à sua real condição» (SC 67). No segundo é explícito que «só Cristo é mediador e caminho de salvação e Ele torna-Se-nos presente no Seu corpo, que é a Igreja; ao inculcar expressamente a necessidade da fé e do Baptismo, confirmou simultaneamente a necessidade da Igreja, para a qual os homens entram pela porta do Baptismo» (LG 14), e acrescenta que «a Igreja que contempla a sua santidade misteriosa e imita a sua caridade, cumprindo fielmente a vontade do Pai, toma-se também, ela própria, mãe, pela fiel recepção da palavra de Deus: efetivamente, pela pregação e pelo Baptismo, gera, para vida nova e imortal, os filhos concebidos por ação do Espírito Santo e nascidos de Deus» (LG 64), referindo-se ao Batismo como um novo nascimento, sugere a imagem do batistério como um ventre. Em ambos os casos, a referência histórico-salvífica é tal, que não se pode deduzir a possibilidade de construir um batistério como um mero objeto, sendo a indicação claramente orientada para uma imagem deste espaço celebrativo como um lugar de ação comunitária, que permite a relação e a interação do Corpo Vivo com o Mistério do Ressuscitado.

Tendo como base estes novos influxos conciliares, não só os Rituais e os textos deviam ser reformados, mas também o lugar de culto tinha de ser repensado, a partir desta valorização da vocação batismal dos cristãos. Como vimos até aqui, o *design* do batistério foi sendo determinado sobretudo pela prática pastoral e tradição, mas também pelas normas litúrgicas. Nos Preliminares Gerais do Ritual da Celebração do Batismo das Crianças⁶⁵, surge a seguinte instrução:

«O batistério, ou lugar onde está a fonte batismal com água corrente ou não, é reservado ao sacramento do Batismo e deve ser verdadeiramente digno, pois ali renascem os cristãos pela água e pelo Espírito Santo. Seja em capela situada dentro ou fora da igreja, seja em outro lugar dentro da igreja à vista dos fiéis, de futuro construir-se-á por forma a corresponder a uma numerosa participação».

Neste ponto é explícito que as igrejas paroquiais são os locais apropriados para a celebração do Batismo e, como tal, todas as paróquias devem ter um batistério, acrescentando:

«Os ritos que, na celebração do Baptismo, devem ser realizados fora do baptistério, celebrem-se nos lugares da igreja que mais adequadamente respondam ao número das pessoas presentes e às diversas partes da liturgia baptismal. Para aqueles ritos que costumam realizar-se no baptistério, também podem escolher-se outros lugares mais aptos na igreja, se a capela do baptistério for demasiado pequena para conter todos os catecúmenos ou todas as pessoas presentes».

⁶⁵ «Preliminares Gerais do Batismo das Crianças, nr. 25», in *RBC*.

As inovações introduzidas pelo CV II, ainda que lentamente, foram começando a ser absorvidas pelas comunidades paroquiais, particularmente na conceção e construção de novas igrejas. De forma a auxiliar a concretização destas reformas conciliares, algumas Conferências Episcopais elaboraram um conjunto de subsídios com instruções de como reformular os espaços litúrgicos, incluindo naturalmente referências ao lugar do Batismo.

Em 1988, a Comissão de Liturgia da Conferência Episcopal Alemã elaborou um documento intitulado «Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos»⁶⁶, e num ponto dedicado ao lugar do Batismo, começa por destacar o carácter comunitário da celebração deste sacramento, «que deve ter lugar na igreja paroquial; cada igreja paroquial deve ter, portanto, uma fonte batismal». Ressalta que «tal como o altar e o ambão, também a fonte batismal tem um significado que ultrapassa a celebração do sacramento: é memória permanente do Batismo, e isto devia encontrar expressão também na sua configuração funcional e artística». Destaca também que:

«A fonte batismal pode ser edificada em diferentes lugares do espaço da igreja. Na medida do possível, deve estar no campo visual da assembleia. Pode, no entanto, também situar-se num espaço anexo ou numa capela batismal. Em qualquer dos casos deve garantir-se que se possa reunir uma assembleia batismal. Ao planificar o lugar do Batismo deve-se considerar que a liturgia batismal tem diferentes partes que se realizam em diferentes lugares».

Este documento da Conferência Episcopal Alemã termina a abordagem deste tópico com um parágrafo explicativo, onde acrescenta:

«As pias batismais tradicionais serviam em primeiro lugar para conservar a água batismal ao longo de todo o ano. Atualmente, com exceção do tempo pascal, a água é benzida em cada celebração do Batismo. Desta realidade brotam novas exigências e possibilidades para a configuração da fonte batismal. O simbolismo da água viva pode ganhar especial expressão visual se for utilizada água corrente. [...] A altura, as dimensões e a configuração da fonte batismal deveriam ser calculadas de tal forma que o Batismo possa ser feito também por imersão. Na planificação geral de um lugar de Batismo devem ser previstos ainda os lugares para o círio pascal e para os óleos sagrados, bem como o recipiente para a água benta».

⁶⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ALEMÃ, «*Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*», trad. Vítor Coutinho, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005, 38-40.

No seguimento destes pronunciamentos, a Conferência Episcopal Italiana elaborou, em 1996, uma nota pastoral intitulada: «A adequação litúrgica das igrejas»⁶⁷. Nela dedicou um significativo capítulo à «adequação dos espaços para a celebração do Batismo», onde destaca a valorização da fonte batismal no espaço celebrativo:

«No âmbito duma igreja, além dos espaços para a celebração eucarística, devem valorizar-se os “lugares” destinados às outras celebrações sacramentais, cada qual com os seus próprios valores simbólicos, a sua própria carga de memória e as suas próprias características iconográficas. Entre esses “lugares”, nas igrejas catedrais e nas igrejas paroquiais, devem considerar-se o batistério e a fonte batismal. A valorização do batistério, em sintonia com a tradição eclesial, foi confirmada pela recente reforma litúrgica, que repropõe com força como momento gerador da experiência cristã o caminho da iniciação, articulado em várias etapas catequísticas e celebrativas. Nesse caminho, a celebração do batismo é reconhecida como a “porta da fé”, cujo valor essencial pode ser recuperado, ao longo da vida do cristão, também graças à constante visibilidade do batistério, verdadeiro “memorial” deste sacramento» (ALI 25).

Realça ainda o cuidado que os agentes pastorais devem ter na adequação litúrgica dos batistérios existentes nas igrejas, e em todas as intervenções que possam realizar:

«Com a entrada em vigor do novo Ritual da Celebração do Batismo das crianças, muitos batistérios existentes foram julgados - sem razão - não aptos à celebração comunitária. Por consequência, em muitos casos, foram postos de lado e substituídos por fontes batismais móveis ou situadas em lugares da igreja diversos dos originários. Esta situação deve ser ultrapassada com decisão, recuperando os batistérios existentes e os antigos que deixaram de ser usados, sem excluir a sua eventual adequação. Se tal não for possível, haverá que pensar num novo batistério. Os batistérios e as fontes batismais existentes, na maior parte dos casos, são obras de grande importância histórica e artística e, em todo o caso, são sinais de inestimável significado religioso e afetivo, dado que marcaram a existência de muitas gerações de cristãos. Por isso, as eventuais intervenções de adequação devem ser estudadas e executadas com grande respeito e delicadeza, de modo a não alterar o património de arte e história e a não comprometer o seu valor memorial e a sua mensagem espiritual» (ALI 25).

O número seguinte deste mesmo documento é dedicado à adequação da fonte e do batistério, onde é sublinhado pela Comissão Episcopal que:

«Quando se elabora um projeto de adequação é de excluir a transferência do batistério ou da fonte batismal para dentro da área do presbitério, porque o batistério é um lugar dotado de fisionomia e

⁶⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, «Nota Pastoral *L'adeguamento liturgico delle chiese*», *Il Regno-Documenti* 41 (1996) 449-465.

função própria, inteiramente distintas das do presbitério. A tradição, além disso, colocou-o geralmente na proximidade da entrada da igreja, como o melhor espaço para o sacramento que introduz na comunidade cristã. Por fim, o percurso da iniciação cristã vai do batismo (fonte batismal) à Eucaristia (altar): esse percurso deve ser posto em destaque pelo projeto de adequação, evitando ao mesmo tempo elaborações de tipo alegorizante ou antropomórfico. Na colocação do batistério deve evitar-se conferir-lhe uma posição e um papel proeminente ou até central na igreja, em concorrência com o altar. Em todo o caso, a escolha de um novo lugar para o batistério deve ser feita de harmonia com a destinação das diversas partes da igreja e do ambiente no seu conjunto» (ALI 26).

Nesta nota pastoral a Comissão Episcopal Italiana elenca as exigências litúrgicas fundamentais na projeção ou adequação do batistério, enunciando os seguintes pontos:

«a) Antes de mais, deve favorecer-se a participação comunitária na celebração do sacramento do batismo quer de adultos quer de crianças. Para tal, toda a aula da igreja deve ser atentamente considerada: para os ritos de introdução, o átrio e a porta; para a liturgia da Palavra, a nave e o ambão; para os ritos de conclusão, o presbitério. Mesmo se a fonte batismal não é visível a toda a assembleia, devido à concreta configuração da igreja, será sempre necessário que o batistério esteja em comunicação espacial e acústica com a assembleia reunida.

b) A amplitude do batistério e da área circundante à fonte deve ser tal que possa acolher ao menos as pessoas que para aí se dirigem processionalmente, segundo as indicações dos livros rituais: batizados, padrinhos, pais e ministros.

c) A fonte batismal deve consentir não só o batismo por infusão mas também o batismo por imersão, como gesto mais significativo da ação sacramental.

d) O batistério e a fonte sejam projetados como lugares e sinais de particular dignidade, permanentes, evidentes, únicos e constituam um forte apelo para todos, mesmo fora da celebração» (ALI 27).

Sobre esta temática conclui com um ponto, onde através de situações concretas de algumas igrejas, procura apresentar hipóteses de solução para a adaptação ou conceção de um lugar para o batistério:

«a) Numa igreja de uma só nave com capelas laterais, a fonte batismal seja colocada numa dessas capelas, suficientemente ampla, situada perto da entrada, sem outra destinação.

b) Numa igreja duma só nave sem capelas laterais, com a fonte batismal colocada na proximidade da entrada, dotado apenas duma área muito limitada, a fonte poderá ser colocada noutra parte da igreja, com um espaço circundante mais amplo, a destacar de modo oportuno.

c) Numa igreja com várias naves, em que o batistério se situa numa nave lateral, continue a usar-se a fonte existente, pondo-a em destaque mediante oportunas intervenções; a nave lateral pode ser usada como aula para a assembleia durante a celebração do sacramento.

d) Numa igreja em que o batistério existente não possa ser utilizado nem modificado, pode projetar-se um novo batistério com a sua respetiva fonte, a colocar num lugar adaptado, que se harmonize com o conjunto arquitetónico existente» (ALI 28).

Desde os documentos conciliares, passando pelo Ritual reformado, até às intervenções do magistério da Igreja que aqui elencamos, é evidente a relevância dada ao lugar da celebração do Batismo. A sua singularidade e papel na vivência da fé cristã devem ser objeto de profunda reflexão, aquando da adaptação ou projeção de novos espaços destinado à celebração deste sacramento. As intervenções devem respeitar a significação do que se celebra, o valor patrimonial e artístico do lugar, e a memória de tantas gerações de cristãos que ali nasceram.

1.3.2. Recuperação do lugar do Batismo e sua importância para a celebração

O Batismo é o primeiro de todos os sacramentos e, portanto, o pórtico da vida cristã. Os batistérios são, deste modo, lugares de acesso à vida cristã, pois neles se celebra o sacramento primordial da iniciação cristã. Este lugar especial tem sido objeto de muita experimentação arquitetónica. Após a difusão dos documentos do CV II e da promulgação dos novos Rituais, levantaram-se grandes questões, particularmente aos liturgistas e arquitetos, sobre como projetar ou adaptar os espaços celebrativos. As diferentes interpretações das diretrizes conciliares deram origem a um leque de experiências e concretizações arquitetónicas, que valem a pena ser explanadas neste tópico. A centralidade deste lugar é, de facto, repensada e concretizada de diversos modos nas igrejas construídas após o Concílio⁶⁸.

Numa breve análise dos espaços celebrativos contemporâneos, podem ser distinguidas três perspetivas de abordagem sobre o lugar onde é administrado o Batismo em relação à sua conexão arquitetónica com o corpo central da igreja⁶⁹: *i)* o batistério separado; *ii)* o batistério não separado, mas distinto; *iii)* o batistério integrado na igreja.

i) o batistério separado: este modelo do batistério separado do corpo da igreja recupera, como abordado anteriormente, a prática da era patrística em países como Itália e França. Após o CV II e as reformas subsequentes, levantaram-se questões sobre a pertinência de projetar um tipo de estrutura semelhante à dos primeiros séculos para a celebração deste sacramento. A ideia

⁶⁸ SCHLOEDER, *Architecture in Communio*, 120-124.

⁶⁹ JUAN PLAZAOLA ARTOLA, *Arte Sacro Actual*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006, 129-134.

do Batismo como caminhada de entrada na Igreja foi explorada trazendo a fonte para uma capela separada e arquitetonicamente distinta, anexada ao edifício principal. Segundo esta perspectiva os novos dados conciliares inspiraram este modelo, com uma estrutura que marcadamente recupera a configuração do lugar do Batismo na igreja antiga.

ii) o batistério não separado, mas distinto: este modelo de batistério possui uma estrutura própria, discernível na arquitetura exterior do edifício. O que o diferencia do anterior é a sua conexão visível com a igreja. Esta opção de projetar o batistério num espaço lateral junto à entrada, do lado do Evangelho, ressalta a importância que os arquitetos deram a este lugar, considerando cuidadosamente a sua ligação com os outros elementos relevantes do espaço litúrgico. Este modelo não apresenta nenhuma inovação, já que esta colocação pode ser entendida como uma proposta remanescente da solução pós-tridentina. No entanto, com a sua conceção, o objetivo não é alcançar uma simples anexação à igreja, mas uma autêntica conexão, a partir do triplo aspeto simbólico, funcional e estético. Dentro desta perspectiva, em alguns templos contemporâneos, a fonte batismal foi colocada no eixo principal do espaço litúrgico, junto à porta principal, para que todos os que neles entram tenham que passar por ela, e se recordem do local onde foram incorporados na vida da Igreja.

iii) o batistério integrado na igreja: este modelo de colocar a fonte batismal dentro da área da igreja sem volume estrutural definido, foi comumente adotado na construção de novas igrejas na segunda metade do século XX. Com o intuito de sublinhar o vínculo entre o Batismo e a Eucaristia, algumas construções contemporâneas, colocaram a fonte batismal ao lado do presbitério. De facto, como vimos, há exemplos de antigos batistérios que continham um altar, de modo que, imediatamente após o Batismo, os novos cristãos pudessem participar no banquete eucarístico. Esta perspectiva de colocar o batistério perto do altar, ou mesmo no próprio presbitério, foi justificada pelos seus projetistas por razões pastorais, teológicas e bíblicas, mas acima de tudo, como sendo um posicionamento que torna a celebração do Batismo mais visível a toda a assembleia. Esta colocação pretende destacar o carácter comunitário da celebração deste sacramento, mas também recordar aos cristãos que participam em cada Eucaristia o seu próprio Batismo.

Estes três modelos de batistérios apresentados, segundo a interpretação dos seus executores, procuram aplicar as instruções conciliares e conceber o espaço celebrativo com base no tamanho e no carácter das comunidades, projetando os lugares que melhor possibilitassem exaltar liturgicamente os quatro momentos exigidos pelo dinamismo do Ritual do Batismo: os ritos de acolhimento, a liturgia da palavra, a liturgia do sacramento e os ritos de conclusão.

2. Ritual Romano da Celebração do Batismo das Crianças

Depois de termos feito um percurso histórico sobre o lugar da celebração do Batismo ao longo da história da Igreja, e chegados à reforma litúrgica promovida pelo CV II, propomo-nos neste capítulo desenvolver o trabalho tendo por base o Ritual reformado da celebração do Batismo das crianças. É fundamental analisar este Ritual para perceber como a estrutura da celebração e o seu conteúdo têm implicações concretas na conceção do próprio espaço celebrativo.

O Ritual promulgado em 1969, e cuja utilização vigora nos nossos dias, não surgiu de forma espontânea, sendo fruto de uma longa tradição litúrgica e sacramental da Igreja, e de um acurado trabalho de estudo e investigação desse caminho percorrido ao longo da história, numa perspectiva que não se baseou apenas na revisão das formas rituais, mas na valorização da dimensão teológica dos conteúdos e ações. Este trabalho procurou pôr em prática aquilo que o CV II tinha assumido como primordial e tendo em vista a principal finalidade da reforma:

«Para permitir ao povo cristão um acesso mais seguro à abundância de graça que a Liturgia contém, a santa mãe Igreja deseja fazer uma acurada reforma geral da mesma Liturgia. Na verdade, a Liturgia compõe-se duma parte imutável, porque de instituição divina, e de partes susceptíveis de modificação, as quais podem e devem variar no decorrer do tempo, se porventura se tiverem introduzido nelas elementos que não correspondam tão bem à natureza íntima da Liturgia ou se tenham tornado menos apropriados. Nesta reforma, proceda-se quanto aos textos e ritos, de tal modo que eles exprimam com mais clareza as coisas santas que significam, e, quanto possível, o povo cristão possa mais facilmente apreender-lhes o sentido e participar neles por meio de uma celebração plena, activa e comunitária» (SC 21).

Na ação litúrgica, e nos espaços onde ela se desenrola, todos os elementos são relevantes para se perceber o verdadeiro sentido daquilo que se realiza. Como tal, vamos dedicar esta etapa do nosso trabalho a explorar o Ritual da Celebração do Batismo das Crianças, com especial enfoque em cada um dos seus momentos, nos lugares onde acontecem, e a cada passo, nas palavras, nos gestos, nos símbolos e nas movimentações.

2.1. Enquadramento histórico do Ritual

Ao longo de dois milénios a iniciação cristã das crianças foi progressivamente sofrendo alterações, particularmente a partir do século VI, quando se generaliza a prática do Batismo das mesmas. De modo a realizarmos uma abordagem mais completa sobre o Ritual do Batismo das Crianças é necessário enquadrá-lo devidamente e percorrer os marcos históricos mais relevantes que o precederam, não pretendendo de modo algum ser exaustivos.

2.1.1. As origens de uma prática eclesial

Durante séculos, a iniciação cristã das crianças não estava separada da dos adultos, estas eram admitidas ao Batismo, desde os tempos apostólicos, misturadas com os adultos. Entre os séculos VII e XIII, ocorreram algumas mudanças na celebração dos sacramentos da iniciação cristã, o catecumenato foi perdendo expressão, desenvolveu-se a prática do Batismo das crianças e deu-se uma separação entre o Batismo e a Confirmação, sendo celebrados em lugares e momentos distintos. Embora durante mais de treze séculos a grande maioria dos cristãos tenha sido batizada logo após o nascimento, a celebração do Batismo das crianças ainda não possuía um Ritual próprio⁷⁰.

Num olhar sobre a prática sacramental da iniciação cristã ao longo dos séculos, particularmente o catecumenato, cuja última etapa distribuía as celebrações durante toda a Quaresma, em relação às crianças, mais do que a vontade de adaptar a liturgia à realidade, a reflexão teológica e pastoral induziu à administração do Batismo numa celebração contínua. De facto, através da prática secular da Igreja, a reflexão teológica reconheceu que a necessidade do Batismo afeta tanto as crianças quanto os adultos. Além disso, a análise escolástica da profusão de ritos pré-batismais e batismais, distinguiu facilmente os elementos fundamentais da estrutura sacramental. E, finalmente, o cuidado pastoral, alarmado na Idade Média pela alta taxa de mortalidade infantil, teve como consequência que a nível litúrgico, se abandonasse a prática tradicional de batizar as crianças apenas na Páscoa e no Pentecostes. O Concílio de Florença, em 1442, estipulou mesmo que se batizasse as crianças «*quam primum*», ou seja, o mais rapidamente possível. Todo este percurso foi despertando a sensibilidade para a criação de um Ritual mais simples que, celebrado de uma só vez, poderia ser realizado quantas vezes fosse necessário. Alguns passos importantes foram concretizados no *Liber Sacerdotalis* do Padre Castellani, em 1523, e posteriormente nos trabalhos preparatórios do Cardeal Santori, em 1584, para a edição do Ritual Romano. Estes contributos serviram de base, na reforma litúrgica

⁷⁰ LOUIS LIGIER, «Le Nouveu Rituel du Baptême des Enfants», *LMD* 98 (1969) 8.

promovida pelo Concílio de Trento, à promulgação do *Ordo Baptismi Parvulorum*, em 1614, pelo Papa Paulo V. Este primeiro Ritual foi inquestionavelmente um progresso, apesar de na realidade não ser mais do que a forma abreviada do Ritual do Batismo dos adultos. Um longo caminho foi percorrido, para se chegar à administração do Batismo apenas numa celebração⁷¹.

No entanto, apesar do título promissor, este Ritual de Paulo V trouxe apenas uma satisfação mais aparente do que real. Estava longe de se adaptar à verdadeira condição das crianças, sendo apenas um Ritual do Batismo de adultos, comprimido e abreviado. Apesar de destinado ao Batismo das crianças, considerava-as como adultos. A criança era interrogada diretamente, sobretudo nos momentos em que tinha de expressar a vontade de receber o Batismo, na renúncia a satanás e na profissão de fé, como se esta tivesse a capacidade para responder às perguntas e assumir esse compromisso. As crianças eram acolhidas à porta da igreja, interrogadas, batizadas e unidas como adultos, como se fossem capazes de ouvir, responder e participar ativamente na sua iniciação. O esquema desse Ritual continha as três principais etapas do Ritual dos adultos, sendo que os espaços onde decorria a celebração, sucessivamente à porta da igreja, na igreja e finalmente no batistério, correspondiam, respetivamente, à entrada do adulto na Igreja⁷².

Em todo este percurso, a reflexão sobre a teologia e a prática do sacramento do Batismo foi sendo desenvolvida, mas alguns acontecimentos tiveram um papel particularmente relevante, como é o caso da recuperação da Vigília Pascal, pela mão do Papa Pio XII, em 1951. Segundo Aidan Kavanagh:

«Este evento, um marco no movimento litúrgico moderno, que produzira não menos que cinquenta e sete documentos papais entre 1903 e 1953, atraiu novamente a atenção dos teólogos, e injetou forçosamente na consciência popular as fórmulas litúrgicas romanas pré-agostinianas, tocantes ao batismo no seu contexto pascal. Seria difícil sobrestimar a importância deste acontecimento, pois ele provocou uma série de revisões estratégicas na prática católica autorizada pelo CV II de 1960 a 1963. [...] Num período de vinte e um anos, desde 1951, a liturgia batismal católica romana foi gradualmente despojada de muitos elementos tardio-romano, e restaurada no seu contexto original no culto público da Igreja, no ápice pascal do ano cristão»⁷³.

⁷¹ ROGER BÉRAUDY, «A Iniciação Cristã», in *A Igreja em Oração. Introdução à Liturgia*, ed. A. G. Martimort, Barcelos: Edições Ora et Labora, 1965, 595-606.

⁷² LIGIER, «Le Nouveau Rituel du Baptême des Enfants», 11-12.

⁷³ AIDAN KAVANAGH, *Batismo. Rito da Iniciação Cristã: Tradição, Reformas, Perspectivas*, São Paulo: Edições Paulinas, 1987, 87-88.

Apesar de todo este processo, será necessário, no entanto, esperar que o Papa Paulo VI após o CV II, ou seja, passados três séculos e meio, promulgue um Ritual do Batismo das Crianças que realmente corresponda ao seu nome. O CV II, na Constituição sobre a Sagrada Liturgia prescreve: «reveja-se o rito do Baptismo de crianças e adapte-se à sua real condição. Dê-se maior realce, no rito, à parte e aos deveres dos pais e padrinhos (SC 67); «prevejam-se adaptações no rito do Baptismo, a usar, segundo o critério do Ordinário do lugar; para quando houver grande número de neófitos» (SC 68). No seguimento destas diretrizes, em 1964, um grupo de teólogos foi encarregue de estudar e preparar a reforma dos ritos contidos no Ritual Romano. Este trabalho de suma relevância, que teve por base a história da liturgia da Igreja, sublinhou o carácter comunitário da celebração do Batismo e o lugar da Sagrada Escritura, seguindo os traços fundamentais: a brevidade e a solenidade⁷⁴.

Isto mesmo reafirma Manuel Ramos, num estudo em que fez uma abordagem sobre os dois Rituais reformados, o do Batismo das Crianças e o da Iniciação Cristã dos Adultos:

«O Concílio e a reforma litúrgica pós-conciliar proporcionaram-nos um imenso tesouro, fruto de uma reflexão qualitativa ao nível de princípios, já realizada no Concílio, e de uma aplicação desses princípios a nível prático, levada a cabo nos rituais da reforma pós-conciliar. Foi um esforço exigente, preparado por um verdadeiro exército de especialistas, contrastado com a experiência realizada e multiforme da pastoral no terreno e referendada pelos máximos responsáveis hierárquicos do Povo de Deus»⁷⁵.

2.1.2. Os dois Rituais do Batismo: comparação e evolução

A reforma litúrgica promovida pelo CV II concedeu à Igreja o Ritual do Batismo das Crianças. Visto que, como anteriormente explicitamos, este foi concebido tendo por base o *Ordo Baptismi Parvulorum* existente e, obviamente, todo o percurso da iniciação cristã ao longo da história, é interessante nesta etapa conhecer e comparar a estrutura dos rituais. Pretendemos debruçar o olhar sobre estes dois Rituais, num estudo comparativo, para conhecer as suas estruturas e conteúdos, os ritos que se mantiveram e aqueles que foram alterados, os novos elementos e os que foram suprimidos. É relevante para o trabalho que estamos a realizar, esta análise, de forma perceber como a estrutura do próprio Ritual tem influência nos espaços onde se celebra este sacramento.

⁷⁴ ANNIBALE BUGNINI, *La Riforma Liturgica, 1948-1975* (Bibliotheca Ephemerides Liturgica Subsidia 30), Roma: Edizioni Liturgiche, 1997, 583-586.

⁷⁵ MANUEL RAMOS, «El bautismo de párvulos y la iniciación de adultos. Comparación de sus Rituales», *Phase* 129 (1982) 199.

As tabelas que se seguem apresentam a estrutura dos dois Rituais, com o intuito de perceber quais as principais partes constituintes de cada um deles, e os diversos momentos que compõem cada uma dessas partes da celebração do sacramento do Batismo.

OBP (1969) ⁷⁶	OBP (1713) ⁷⁷
<p><u>Ritus Recipiendi Parvulos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ «Quod nomen infánti ...?» ⇒ «Quid pétitis ab Ecclesia Dei ...?» ⇒ «Baptísmum pro infántibus vestis peténtes ...?» ⇒ «N. , magno gaúdio communita [...] In cuiús nomine ego signo vos signo crucis ...» 	<p><u>Ad Fores Ecclesiae:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ «N. Quid petis ab Ecclesia Dei?» ⇒ «Fides quid tibi praestat?» ⇒ «Si igitur vis ad vitam ingredi ...» ⇒ «Exi ab eo, immunde spiritus ...» ⇒ «Accipe signum Crucis ...» ⇒ «Omnipotens sempiterne Deus ...» ⇒ «Exorcizo te creatura salis ...» ⇒ «N. Accipe salem sapientiae ...» ⇒ «Exorcizo te, inmúnde ...» ⇒ «Et hoc signum sanctae Crucis ...» ⇒ «Aeternam ac justissimam ...» ⇒ «N. Ingredere in templum Dei ...»
<p><u>Sacra Verbi Dei Celebratio:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Lectiones biblicae et homilia ⇒ Oratio fidelium ⇒ Oratio exorcismi ⇒ Unctio praebaptismalis 	<p><u>In Ecclesiae:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ «Credo in Deum ...» ⇒ «Pater noster ...» ⇒ «Exorcizo te ...» ⇒ «Ephpheta ...» ⇒ « N. Abrenúntias satanae?» ⇒ «Ego te línio Oleo ...»
<p><u>Celebratio Baptismi:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ «Orémus, frates dilectíssimi ...» ⇒ Benedictio et invocatio Dei super aquam ⇒ Abrenuntiatio ⇒ Professio fidei ⇒ Batismus ⇒ Unctio sacri chrismatis ⇒ Impositio vestis candidae ⇒ Traditio cerei accensi ⇒ «Ephphetha» 	<p><u>In Baptisterio:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ «N. Credis in Deum ...?» ⇒ «N. Ego te baptizo ...» ⇒ «Deus Omnipotens [...] ipse te liniat Chrismate salutis ...» ⇒ «Accipe vestem candidam ...» ⇒ «Accipe lampadem ...» ⇒ «N. Vade in pace ...»
<p><u>Conclusio Ritus:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Recitation orationis dominicae ⇒ Benedictio 	

⁷⁶ Ordo Baptismi Parvulorum ex Decreto Sacrosancti Ecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum. Editio Typica, Roma: Typis Polyglottis Vaticanis, 1969.

⁷⁷ «Ordo Baptismi Parvulorum» in Rituale Romanum Pauli V Pontificis Maximi, Antuérpia: Ex Typographia Plantiniana, 1713.

Como é observável, houve mudanças consideráveis, desde logo na própria estrutura do Ritual, passando de três para quatro partes. Particularmente na primeira parte há uma série de ritos, como a insuflação, a imposição das mãos, a bênção e a imposição do sal, a oração de exorcismo, e a duplicação da signação, que foram perdendo o seu sentido e expressão, e como tal, foram removidos na reforma do Ritual. Foi introduzido um momento dedicado à celebração da Palavra de Deus, uma inovação importante, porque as crianças são batizadas na fé da Igreja, facto presente na comunidade que celebra este sacramento. Uma outra diferença é a bênção da água, que no Ritual anterior não estava prevista, pois era benzida na Vigília Pascal e conservada na fonte batismal, durante todo o ano. Através da introdução desta nova forma consegue-se uma plenitude de significação simbólica, histórico-salvífica, que se atualiza em cada celebração do Batismo⁷⁸. O Ritual reformado foi ainda completado com uma parte final, de conclusão do rito, que não existia no Ritual anterior.

Segundo Pablo Martínez Sáiz, em relação ao RBC devem ser destacados alguns pontos importantes: *i)* a estrutura harmónica e o dinamismo da ação sacramental; *ii)* a maior simplicidade, flexibilidade e riqueza das fórmulas; *iii)* a supressão de ritos inúteis e expressões inadequadas; *iv)* a adaptação à verdadeira condição da criança; *v)* a relevância do papel dos pais; *vi)* a participação da comunidade; *vii)* o valor acrescentado com a celebração da Palavra; *viii)* o enriquecimento teológico em vários aspetos, como o maior equilíbrio entre os simbolismos batismais fundamentais, a explicitação do sacerdócio real, a acentuação do Batismo como sacramento da fé, e a síntese teológica a partir dos elementos bíblicos tradicionais⁷⁹.

O Ritual de Paulo V expressava de forma imperfeita o significado bíblico e teológico do Batismo, enquanto que no RBC o simbolismo bíblico é evocado nas várias orações e na bênção da água batismal. Nos textos que o compõem é claramente manifestada a doutrina paulina do Batismo. A graça do sacramento, tanto na perspetiva presente como escatológica, é expressa nas orações, nas aclamações ou nos ritos complementares. É devidamente ressaltado, nos diversos momentos, o papel do Espírito Santo. Além disto, procurou-se elaborar um esquema que valorizasse a sobriedade da liturgia romana. Desta feita, não se deve de modo nenhum esquecer que este Ritual, a sua estrutura e conteúdo, é resultado de um grande número de pesquisas históricas, pastorais e litúrgicas⁸⁰.

⁷⁸ RAMOS, «El bautismo de párvulos y la iniciación de adultos. Comparación de sus Rituales», 194-196.

⁷⁹ PABLO MARTÍNEZ SÁIZ, «Rasgos teológicos del nuevo Ritual para el bautismo de niños», *Phase* 55 (1970) 34.

⁸⁰ LIGIER, «Le Nouveu Rituel du Baptême des Enfants», 30-31.

Em relação ao conteúdo dos textos, que o RBC apresenta, para Martínez Sáiz houve sem dúvida um progresso em relação ao Ritual anterior, particularmente em três âmbitos: a revalorização do essencial, a inclusão de novos elementos e o deslocamento de alguns conteúdos. Estes três pontos são fruto de uma acurada reflexão teológica, e os três estão mutuamente implicados, pois, ao reformar o Ritual, foi necessário um trabalho de purificação e enriquecimento, realizando-se adaptações e deslocamentos como resultado de uma reestruturação do equilíbrio.

Em relação à revalorização do essencial⁸¹, Martínez Sáiz destaca o lugar primordial que o carácter pascal do Batismo voltou a assumir, elemento que tinha sido relegado para segundo plano no Ritual anterior. O autor elenca manifestações explícitas disso, designadamente como celebrar o Batismo na Páscoa ou no domingo, a escolha de certas passagens bíblicas, a bênção da água, o tema da «nova vida» ou o simbolismo da luz. Isso mesmo vem explicitado nos Preliminares Gerais do RBC⁸²: «no Baptismo, nada mais se comemora e realiza senão o mistério pascal, enquanto nele os homens passam da morte do pecado para a vida». E destaca também, que o RBC apresenta uma estrutura orgânica do sinal sacramental, onde a Palavra e o rito são harmonizados, como uma verdadeira ação litúrgica com um dinamismo progressivo. A prática anterior tinha por base um Ritual, que era um vestígio arqueológico de uma celebração batismal antiga, muito complexa e destinada a adultos. O contexto teológico em que o Batismo era administrado esteve muito tempo baseado fundamentalmente no ministro, na validade, na «matéria» e na «forma». Segundo Martínez, «a renovação trazida pelo movimento litúrgico, consistiu principalmente um retorno às fontes, uma redescoberta dos elementos essenciais e uma ânsia de levar o homem à liturgia. E isso foi concretizado no novo Ritual».

No que toca à inclusão de novos elementos⁸³, Martínez afirma «que a celebração da Palavra é seguramente a principal novidade. [...] As leituras bíblicas, orações e salmos, que preenchem grande parte do novo Ritual, são um sinal de esperança, porque significa uma valorização da Palavra de Deus no culto». A celebração da Palavra, como parte integrante da ação batismal, também significa uma restauração do equilíbrio entre Palavra e Sacramento. Outro elemento novo é o papel da comunidade. O RBC supõe-no nos seus textos e rubricas e, em diversos momentos dos Preliminares Gerais surge a categoria «Povo de Deus», destacando o carácter comunitário da celebração, e as funções dos pais e padrinhos. Além disso, o Ritual inicia com um rito de acolhimento, coisa que não acontecia no Ritual anterior, e segundo o autor «é

⁸¹ MARTÍNEZ SÁIZ, «Progreso de la teología en el Ritual del Bautismo para niños?», 108.

⁸² «Preliminares Gerais do Batismo das Crianças, nr. 6», in *RBC*.

⁸³ MARTÍNEZ SÁIZ, «Progreso de la teología en el Ritual del Bautismo para niños?», 109-110.

uma redescoberta da eclesiologia moderna, que soube valorizar a comunidade reunida pela convocação da Palavra de Deus como uma epifania da presença de Cristo». De tudo isto, resultou uma participação mais ativa, real e eficaz da comunidade presente, que antes não tinha tanta importância. O Batismo é, portanto, uma verdadeira celebração comunitária. O terceiro elemento a que este Ritual dá um especial enfoque é a questão da responsabilidade. Os textos apelam continuamente ao compromisso dos pais, dos padrinhos e da comunidade. São estes que se comprometem, que renunciam e que professam a fé. No que diz respeito ao Ritual anterior, é totalmente inédita a afirmação de que «para completar a verdade do sacramento é, contudo, necessário que as crianças sejam, depois, educadas na fé em que foram batizadas» (RBC 3).

Apesar das verdades fundamentais permanecerem imutáveis, a perspectiva com que se olha para elas pode evoluir ao longo dos tempos. Esta reflexão foi obviamente incorporada aquando da conceção ou adaptação dos Rituais. Isto mesmo sucedeu com o RBC, com o «deslocamento» de alguns conteúdos como explicita Martínez Sáiz⁸⁴: *i)* da «matéria e forma» a uma reta conceção sacramental, na qual Palavra e Sacramento formam a unidade dinâmica da ação cultual; *ii)* do «ministro» à comunidade, o ministro é aquele que preside à comunidade, perdendo aquele carácter plenipotenciário; *iii)* do pontual ao linear, isto é, da prática do Batismo desligada dos outros acontecimentos eclesiais, ao Batismo que é o primeiro passo da iniciação cristã; *iv)* da salvação individual à entrada numa comunidade de salvos; *v)* do «*ex opere operato*» à completa verdade do sacramento, ou seja, do rito quase mágico ao sacramento da fé, através da tradução para uma vida segundo o Evangelho; *vi)* da criança quase “possuída” à criatura humana; *vii)* do diabo ao mistério do pecado, a figura do demónio foi relegada para o segundo plano, com a redução dos exorcismos; *viii)* do negativo ao positivo, o acento que era colocado no pecado original e na libertação do poder demoníaco, foi suplantado pelo dom de uma nova vida e pela entrada numa comunidade de pessoas salvas; *ix)* do «*quam primum*» às «primeiras semanas após o nascimento da criança».

Como observamos, o RBC não só ao nível da sua orgânica, como também dos conteúdos apresenta consideráveis mudanças em relação ao que estava em uso até ao CV II. Destacamos particularmente a valorização dada à harmonização entre as palavras e os gestos, para uma compreensão mais plena do mistério que se realiza em cada ação sacramental, e que no caso do Batismo tem esta marca tão acentuada.

⁸⁴ MARTÍNEZ SÁIZ, «Progreso de la teología en el Ritual del Bautismo para niños?», 110-113.

2.2. Os quatro lugares-momentos da celebração do Batismo

Neste ponto propomo-nos percorrer todo o RBC, através da análise das quatro partes que o compõem, vinculando-as aos espaços celebrativos envolvidos nos ritos batismais, começando com os ritos de acolhimento e a porta, seguindo-se a liturgia da Palavra em torno do ambão, depois a liturgia do sacramento na fonte batismal, e a conclusão dos ritos no altar. O Ritual pela sua própria ordem simbólica manifesta de forma clara os quatro movimentos fundamentais da dinâmica eclesial, a introdução, a Palavra, o sacramento e a missão, através dos quais se atualiza a ação sacramental instituída pelo próprio Jesus Cristo.

A celebração deste sacramento ocorre num espaço concreto que é a Igreja, e percorre os vários lugares como expressão de uma caminhada que se realiza, não apenas espiritualmente, mas também fisicamente. Como tal, os espaços celebrativos devem ser adequados à sua funcionalidade mas, sobretudo, terem em atenção a integralidade de cada um dos lugares que o compõe, pois:

«Efectivamente, no espaço litúrgico é importante a distância e a posição dos membros da assembleia celebrante, uns em relação aos outros e todos em relação aos objectos presentes no lugar em que se celebra. Esta é a razão pela qual a disposição dos espaços deverá ter em conta as acções litúrgicas, com os seus gestos, movimentos, palavras, o canto, o silêncio e tudo aquilo que manifesta as relações intersubjectivas entre os irmãos e as irmãs que celebram o mistério pascal»⁸⁵.

O RBC procurou concretizar com a sua estrutura esta dinâmica, ao especificar o local e o papel de cada um, e tê-lo em consideração no decorrer da celebração. Cada um dos momentos da celebração tem o seu lugar que seguidamente analisaremos com o devido detalhe.

2.2.1. O acolhimento das crianças

2.2.1.1. A porta de entrada

É na porta da igreja que tudo começa. A porta é o elemento que marca a passagem, e de facto, não foi por acaso que o Ritual definiu este espaço para aí se iniciar a celebração do sacramento do Batismo. A porta simboliza o lugar da passagem entre duas realidades, de um domínio ao outro, e no caso concreto dos templos é o ponto de abertura e entrada no espaço sagrado⁸⁶. Ao refletir sobre este elemento Romano Guardini diz que a «porta fala», há uma

⁸⁵ BERNARDINO COSTA, *Espaço Celebrativo*, Fátima: SNL, 2017, 18.

⁸⁶ PIERRE PRIGENT, «Puerta», in *Diccionario de los Símbolos*, ed. Jean Chevalier, Barcelona: Editorial Herder, 1988, 855.

realidade que se transpõe, e afirma: «através da porta entramos num recinto alheio a interesses, separado da praça, silencioso e sagrado: no santuário»⁸⁷.

Para entrar numa igreja é imperativo passar pela porta, mas pela normalidade com que o fazemos é um elemento que quase passa despercebido. A porta é esta linha que separa o exterior do interior, e é nela que se acolhem os pais, os padrinhos e a restante comunidade, que apresentam diante de Deus as crianças para serem batizadas. Não chegam a um lugar qualquer, entram na casa de Deus, e Guardini acrescenta aquilo que a porta diz:

«Presta atenção: ao entrares, involuntariamente levantas a cabeça e os olhos. O olhar lança-se para o alto e abraça a vastidão do recinto; o peito dilata-se e a alma parece crescer. O espaço amplo e alto da igreja simboliza a eternidade sem fim, o céu onde Deus mora. [...] Aqui o espaço é reservado a Deus, feito e santamente configurado para Ele. Sentimo-lo nas colunas que se erguem para o alto, nas paredes amplas e robustas, nas altas abóbadas: sim esta é a casa de Deus, a morada de Deus, duma maneira especial e íntima»⁸⁸.

Nas tradições judias e cristãs a porta sempre foi um elemento de grande importância, pois ela era ponto de acesso à Revelação, como atestam inúmeras passagens bíblicas do Antigo Testamento e do Livro do Apocalipse. O próprio Jesus utiliza a imagem da porta para falar de si, quando afirma «Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim estará salvo» (Jo 10, 9). Jesus é a verdadeira porta, e fala de si próprio, Ele é a porta pela qual se entra no Reino dos Céus, e é por Ele que se alcança o mistério da redenção. A porta, como lugar de passagem é símbolo da iminência do acesso a uma realidade superior, assume a designação simbólica do próprio Cristo.⁸⁹

O Batismo entendido como uma entrada na Igreja, sendo um sinal eficaz de incorporação em Cristo, a porta é o ponto de partida desta etapa de participação na filiação divina: «A porta introduz o homem neste mistério. Ela diz: “desfaz-te do que é mesquinho, deita fora tudo o que é apertado e angustiante. Afasta o que te oprime. Enche o peito. Levanta os olhos. Liberta a alma! Este é o templo de Deus, imagem de ti mesmo. Porque tu és realmente templo vivo de Deus, no teu corpo e na tua alma»⁹⁰.

A porta, que é tantas vezes desvalorizada por se tratar de um lugar comum, é um elemento verdadeiramente importante na celebração deste sacramento. Marca de forma indelével, esta passagem não apenas do exterior para o interior, mas essencialmente do desconhecido para

⁸⁷ ROMANO GUARDINI, *Sinais Sagrados*, Fátima: SNL, 2017, 29.

⁸⁸ GUARDINI, *Sinais Sagrados*, 30.

⁸⁹ PRIGENT, «Puerta», in *Diccionario de los Símbolos*, 856-857.

⁹⁰ GUARDINI, *Sinais Sagrados*, 30-31.

aquela pessoa que passa a partilhar um espaço, que pertence ao núcleo familiar. É o lugar onde se acolhem aqueles que chegam, onde se convida a entrar, que se transpõe e pelo qual se passa a estar dentro.

2.2.1.2. Momento do acolhimento

A comunidade cristã acolhe um novo membro, e isto acontece, como anteriormente foi referido, à porta da igreja, sendo este o local onde as famílias se reúnem e aguardam a chegada do ministro celebrante. O termo acolhimento, que define esse ato inicial, deve ser assumido no sentido pleno da palavra, ao mesmo tempo interpessoal, social e religioso. O rito em si é dirigido aos pais e padrinhos, não menos que aos filhos. Centrado no acolhimento, cujas dimensões deseja expressar ritualizando-as, esta primeira parte deve estar livre de qualquer sobrecarga. O acolhimento deve ser capaz de se expressar, iniciando-se com um diálogo que termina num rito⁹¹.

O celebrante faz então as primeiras perguntas: «Que nome dais ao vosso filho?»; «Que pedis à Igreja de Deus para N.?» (RBC 37). Estas perguntas, que não são triviais no dia do Batismo, não podem ser evitadas. Porque, mesmo que a criança não precise de ser questionada diretamente, esta deve ser tratada pessoalmente. Só a declaração do seu nome, pelos seus pais, permite que ela seja nomeada como tal desde o início. A pergunta neste limiar, como todo o gesto litúrgico, é um símbolo precisamente porque liga a vontade de Deus ao desejo do homem. E se a Igreja sugere as respostas, indicadas no próprio Ritual («o Batismo» ou «a fé» ou «a graça de Cristo» ou «a entrada na Igreja» ou «a vida eterna»), não é com o objetivo de evitar pedidos que não sejam suficientemente conscientes, mas para que a verdade cristã seja plenamente expressa. Esta é a tarefa performativa da palavra litúrgica, na palavra expressa pelo Ritual, até a vaga expectativa dos pais encontra o reconhecimento do seu significado último⁹².

O diálogo é retomado e continua por iniciativa do celebrante principal. O ministro representa a Igreja, e como as crianças serão batizadas na fé desta Igreja, é diante dele que os pais e padrinhos devem assumir a sua responsabilidade. Inicialmente, os pais são recordados da sua missão de educadores na fé, e depois os padrinhos como seus auxiliares. A estas interrogações os pais e padrinhos respondem afirmativamente (cf. RBC 39-40)⁹³. Aparentemente

⁹¹ LOUIS LIGIER, «Le Nouveu Rituel du Baptême des Enfants», *LMD* 98 (1969) 13-14.

⁹² GIULIANO ZANCHI, «I riti battesimali oggi: una lettura mistagogica», in *Il Battistero. Atti del V Convegno Liturgico Internazionale*, ed. Goffredo Boselli, Bose: Edizioni Qiqajon, 2008, 156.

⁹³ ADRIEN NOCENT, «Os Ordines da iniciação cristã do Vaticano II», in *Anámneseis 4, Os sacramentos: teologia e história da celebração*, ed. Adrien Nocent, São Paulo: Edições Paulinas, 1989, 93.

óbvio, esse pedido expresso pelo Ritual através desse duplo interrogatório, constitui na verdade uma das inovações mais incisivas introduzidas pela reforma do Ritual.

A signação conclui este rito de acolhimento. Este sinal que é o ponto culminante da primeira parte, é a expressão da receção das crianças pela comunidade dos batizados. Para recebê-los, de facto, a Igreja não pode fazer nada melhor do que marcá-los pela primeira vez com o sinal da cruz de Cristo. O sinal da cruz assinalado na testa da criança, primeiro pelo ministro e depois pelos pais e padrinhos, sela a aliança com a Igreja, e celebra o acolhimento da criança entre aqueles a quem o próprio Senhor atribui o direito de uma pertença filial. Como dizem as palavras que o acompanham, pretende significar a alegria da comunidade, que acolhe as crianças. É notável este sinal, e por isso deve ser enfatizado, livre de qualquer outro gesto, sendo o único rito que foi mantido nesta primeira parte do anterior Ritual⁹⁴.

Terminado este momento, o ministro convida a assembleia a participar na liturgia da Palavra. Portanto, todos se encaminham para junto do ambão.

2.2.2. A celebração da Palavra de Deus

2.2.2.1. O ambão, lugar do anúncio kerigmático

Rito e Palavra, são duas realidades que estão profundamente interligadas. O RBC instituiu que o segundo momento da celebração seria dedicado à liturgia da Palavra. A liturgia da Palavra é, pois, a expressão sacramental da Palavra, é a manifestação da presença de Cristo. Como declara a SC: «está presente com o seu dinamismo nos Sacramentos, de modo que, quando alguém baptiza, é o próprio Cristo que baptiza. Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura» (SC 7). O ambão é o lugar por excelência da proclamação da Palavra. A reforma litúrgica procurou potenciar a importância da Palavra de Deus e da sua proclamação e, como tal, o ambão readquiriu a sua preponderância como um dos polos simbólicos no espaço celebrativo⁹⁵. Segundo Ignasi Fossas, esta relevância foi evidenciada não só na celebração da Eucaristia como nas celebrações sacramentais, e dessa forma, «um sinal da correta compreensão do lugar da Palavra de Deus na vida cristã e na celebração, será a adequada disposição do “lugar” onde esta Palavra é proclamada à assembleia»⁹⁶.

⁹⁴ BUGNINI, *La Riforma Liturgica*, 589-590.

⁹⁵ JOSÉ ALDAZÁBAL, «Ambón», *Vocabulario Basico de Liturgia*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1996, 26.

⁹⁶ IGNASI FOSSAS, «El ambón, espacio litúrgico para la proclamación de la Palabra», *Phase* 254 (2003) 133.

No Livro dos Atos do Apóstolos encontra-se um testemunho que atesta a importância da inclusão deste momento no Ritual do Batismo, ao afirmar «os que aceitaram a sua palavra receberam o baptismo» (Act 2, 41). De facto, o ambão é o lugar litúrgico onde se revela a Palavra, e é pela escuta dessa Palavra, que desde a antiguidade cristã, muitos se convertiam e posteriormente eram batizados.

O ambão é o lugar de onde a Palavra é proclamada e, como tal, os documentos pós-conciliares destacam a dignidade que este lugar deve ter, no momento dedicado à liturgia da Palavra em cada celebração. A Instrução Geral do Missal Romano⁹⁷ explicita: «a dignidade da palavra de Deus requer que haja na igreja um lugar adequado para a sua proclamação e para o qual, durante a liturgia da palavra, convirja espontaneamente a atenção dos fiéis» (IGMR 309). E posteriormente nos Preliminares do Ordenamento das Leituras da Missa⁹⁸ é explícito que «no espaço da igreja deve haver um lugar elevado, fixo, dotado de conveniente disposição e nobreza, que corresponda à dignidade da palavra de Deus».

O ambão é o lugar do anúncio evangélico da ressurreição, a referência ao sepulcro vazio e ao Anjo que naquela manhã de Páscoa anuncia às mulheres: «Não tenhais medo. Sei que buscais Jesus, o crucificado; não está aqui, pois ressuscitou, como tinha dito» (Mt 28, 5-6; Mc 16, 6; Lc 24, 5-6). O ambão é o monumento icónico da proclamação do Evangelho e de toda a Sagrada Escritura, é o ícone do sepulcro de onde parte o anúncio da ressurreição de Cristo⁹⁹.

A presença do ambão explicita, portanto, o significado da liturgia da Palavra. Ele é «destinado ao uso sagrado, para que se manifeste a todos como sinal da mesa da palavra de Deus, que é o primeiro e indispensável alimento da nossa vida cristã»¹⁰⁰. A fé é uma resposta a uma palavra anunciada, vivida e testemunhada, é a aceitação de uma palavra que nutre, de uma palavra que é a Palavra de Deus. Memória do anúncio da Páscoa, como seu ícone espacial, o ambão desempenha essa função no espaço litúrgico¹⁰¹.

⁹⁷ *Introdução Geral do Missal Romano*, Fátima: SNL, 2009.

⁹⁸ «Preliminares, nr. 32», in *Ordenamento das Leituras da Missa*, Fátima: SNL, 1995.

⁹⁹ MARCO MORAIS LIMA, *Igreja, ícone da Trindade: espaço litúrgico, imago ecclesiae*, Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2012, 188.

¹⁰⁰ «Bênção do novo ambão, nr. 908», in *Ritual Romano da Celebração das Bênçãos reformado por decreto do concílio ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o Papa João Paulo II*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991.

¹⁰¹ CETTINA MILITELLO, «Un luogo per celebrare», *RL* 101/1 (2014) 42.

2.2.2.2. Liturgia da Palavra, anúncio que leva à fé

A assembleia é convidada a dirigir-se até ao lugar previsto para aí escutar a Palavra de Deus (cf. RBC 42), lugar que é por excelência o ambão. Este momento é uma originalidade do RBC, e deve ser enfatizada a sua importância. O grupo de trabalho constituído para a elaboração do Ritual, concretizou este seu intento apesar das vozes que se opunham à inclusão de uma parte dedicada à liturgia da Palavra. Sendo o Batismo o sacramento da fé, esta deve ser expressa e despertada pela Palavra de Deus¹⁰². Nos Preliminares é precisamente explicitada esta questão:

«A celebração da palavra de Deus tem por finalidade despertar, antes da realização do mistério, a fé dos pais e padrinhos e das pessoas presentes, e alcançar o fruto do sacramento mediante a oração comum. Os elementos desta celebração da palavra de Deus são a leitura de um ou vários textos da Sagrada Escritura, a homilia seguida de um tempo de silêncio, e a oração dos fiéis, que se conclui com uma oração em forma de exorcismo, a qual introduz a unção com o óleo dos catecúmenos ou a imposição das mãos» (RBC 17).

Como pertinentemente enfatiza Pedro Tena, numa reflexão acerca da celebração da Palavra de Deus no Ritual do Batismo:

«A fé vem pela Palavra de Deus. No sacramento do Batismo - sacramento da fé - a Palavra de Deus tem um lugar incontestável. Esta Palavra com a sua presença, assinala que a celebração não é algo homogêneo, mas que é um acontecimento noutra linha, como uma irrupção, aqui e agora, da salvação de Deus. Escutando a Palavra de Deus, nós transcendemo-nos. A Palavra de Deus anuncia aquilo que realiza o sacramento. [...] A proclamação da Palavra é o anúncio da obra de Deus, da sua intervenção, que suscita a fé dos que escutam, a fim de que possam entrar frutuosamente no encontro sacramental com o Senhor. A história da salvação é “hoje”»¹⁰³.

E completando esta linha de raciocínio, Louis Ligier acrescenta:

«Além disso, argumentos imperativos de ordem teológica e pastoral exigiam que, antes da celebração do mistério, a fé da comunidade fosse despertada e que um movimento de oração preparasse para o rito sacramental. Nos nossos dias, com efeito, muitas famílias veem no batismo dos seus filhos apenas um rito sociológico e exterior: era necessário que o próprio contexto da celebração os confrontasse com os requisitos de oração e fé, exigidos pelo sacramento»¹⁰⁴.

Este momento dedicado especialmente à escuta das leituras bíblicas, incluído no RBC, advém do forte impulso dado pelo CV II, quando declara: «para se poder ver que na Liturgia o rito

¹⁰² BUGNINI, *La Riforma Liturgica*, 590.

¹⁰³ PEDRO TENA, «Notas al nuevo Ritual del bautismo de niños», *Phase* 57 (1970) 233.

¹⁰⁴ LIGIER, «Le Nouveu Rituel du Baptême des Enfants», 16.

e a palavra estão intimamente unidos: seja mais abundante, variada e bem adaptada a leitura da Sagrada Escritura nas celebrações litúrgicas» (SC 35). Há uma razão de fundo para a relevância dada a este momento. É perceptível que muitos veem hoje a Igreja como uma mera dispensadora de sacramentos, e não como evangelizadora, como tal, não deve haver ação sacramental sem uma evangelização que a preceda e acompanhe. O gesto sacramental, como gesto humano que é, com os seus múltiplos significados, só se torna verdadeiramente sacramento se lhe é incluída a Palavra que lhe dá significado¹⁰⁵.

A liturgia da Palavra responde essencialmente a esta necessidade. É um momento catequético do próprio rito batismal e do mistério que ali se cumpre. Foi incluído no RBC porque, de facto, ajuda a compreender como a celebração batismal reproduz as maravilhas realizadas por Deus no Antigo Testamento e por Cristo no Novo Testamento, e como elas são renovadas na Igreja e na pessoa que pede para ser incorporada em Cristo pelo Batismo. O que é proclamado na liturgia da Palavra é realizado na celebração do sacramento¹⁰⁶.

Em relação à oração dos fiéis, momento que se segue (cf. RBC 47), esta tem por base o modelo da oração universal restaurado pelo CV II. Para torná-la autêntica e relevante, o Ritual oferece várias formas e permite que o ministro possa também adaptá-las. Para concluir esta oração, o Ritual inclui um momento litânico (cf. RBC 48), onde é invocada a interceção da Virgem Maria, de José, de João Batista, dos apóstolos, e de outros, como o santo padroeiro da paróquia ou da Igreja local¹⁰⁷.

Após a oração universal, foram colocadas no esquema do Ritual a oração de exorcismo e a unção pré-batismal. Fruto de um cuidadoso trabalho de enquadramento, também doutrinal, foi composta a oração de exorcismo, destacando a sua teologia positiva. O principal objetivo era que expressasse a santificação operada pelo Batismo através da configuração com Cristo, que veio ao mundo para libertar a humanidade do «espírito do mal», arrebatando-o do poder das trevas e introduzi-lo no admirável reino da luz. Pelo Batismo, a criança, purificada do pecado original, torna-se «morada do Espírito Santo» (cf. RBC 49). Há, portanto, nessa condição humana universal a base de uma oração de exorcismo que expressa a necessidade de redenção¹⁰⁸. O Ritual apresenta ainda uma outra fórmula opcional para a esta oração, no número 221.

¹⁰⁵ J.-B. MOLIN – G. BECQUET, «La célébration de la Parole dans le nouveau rituel du baptême des enfants», *LMD* 98 (1969) 34.

¹⁰⁶ SPIRITO RINAUDO, «Liturgia della Parola nel nuovo rito del Battesimo», *RL* 57/3 (1970) 453-454.

¹⁰⁷ LIGIER, «Le Nouveau Rituel du Baptême des Enfants», 17-18.

¹⁰⁸ NOCENT, «Os Ordines da iniciação cristã do Vaticano II», 94.

Segue-se imediatamente, a unção pré-batismal (RBC 50), que constitui o segundo dos sinais do efeito libertador da fé em Jesus. Esta unção feita com o óleo dos catecúmenos, infunde a proteção, tal como o óleo que usavam os antigos lutadores para untar o corpo e aquecer os músculos. A unção no peito simboliza essa proteção, como se de um “escudo” se tratasse. Se a oração de exorcismo declara o domínio sobre o maligno, a unção vem, pelo seu valor simbólico, consagrar essa habitação de Deus¹⁰⁹.

Embora este momento seja essencialmente dedicado à liturgia da Palavra, só está completo com a ação. Como tal, os ritos que aqui estão incluídos prefiguram os efeitos do sacramento que é celebrado.

2.2.3. A celebração do Batismo

2.2.3.1. O batistério, lugar do nascimento

O batistério é o lugar que acolhe o momento central da celebração do sacramento do Batismo. «Todos lá nasceram» (Sal 87, 5) como diz o salmista. E, verdadeiramente, é na fonte baptismal que os cristãos passam a assumir essa condição. O batistério tem o seu lugar próprio no espaço celebrativo. O Batismo está intimamente ligado ao simbolismo da água e da luz, e esses são dois elementos essenciais deste lugar.

A oração de bênção e invocação de Deus sobre a água, presente no número 54 do RBC, pode ser considerada uma síntese programática do próprio espaço onde se celebra este momento central do sacramento. Desde logo, a bênção da água é uma inovação incorporada pelo RBC. Na SC é explicitamente referido que «fora do tempo pascal, pode benzer-se a água baptismal no próprio rito do baptismo e com uma fórmula especial mais breve» (SC 70). Colocando em prática essa faculdade, o RBC inicia este momento com essa bênção, que a liturgia latina até aqui reservava para a Vigília Pascal. A análise, que se segue, desta bênção constitui-se como um relevante instrumento de estudo para se retirarem as características fundamentais e estruturantes do batistério¹¹⁰.

A oração é dirigida ao Pai, como é característica basilar da oração cristã, e começa por enumerar as maravilhas de Deus. Surgindo desde logo uma definição de sacramento: «pelo vosso poder invisível, realizais maravilhas nos vossos sacramentos [visíveis]» (RBC 54). Esta ação divina, no caso o Batismo, foi antecedida por outras ações que, num esquema tipológico, têm como

¹⁰⁹ ZANCHI, «I riti battesimali oggi: una lettura mistagogica», 159.

¹¹⁰ LIMA, *Igreja, ícone da Trindade: espaço litúrgico, imago ecclesiae*, 228-233.

objetivo dar a conhecer a graça do Batismo através dos momentos ligados à água ao longo da história da salvação.

Já desde a origem do mundo que o Espírito de Deus pairava sobre as águas com a finalidade de lhes conceder o poder de santificar (cf. Gn 1, 2). Deste modo, o Batismo está ligado ao início da criação, apresentado como a recriação do homem. Essa recriação, obra do Espírito, é simbolizada pela água, que tem o seu primeiro episódio no dilúvio, pois nas águas foi introduzida a corrupção humana, para que fosse exterminada e, no seu lugar, nascesse a santidade (cf. Gn 6, 5 - 9, 17). Esta tipologia é posteriormente recuperada na Primeira Carta de Pedro¹¹¹. O segundo episódio evocado é a travessia do Mar Vermelho, a libertação do povo de Israel da escravidão do Egito e a passagem para a terra prometida (cf. Ex 13, 17 - 15, 27). Foi necessária esta travessia para que nascesse um povo para Deus, uma nação santa que guardasse a Aliança, passagem que Cristo consumou plenamente, «Ele se entregou por nós, a fim de nos resgatar de toda a iniquidade e de purificar e constituir um povo de sua exclusiva posse e zeloso na prática do bem» (Tt 2, 14).

Após a tipologia veterotestamentária, a oração centra-se no mistério do Verbo Encarnado, revelando o Batismo de Jesus como uma unção do Espírito Santo (cf. Act 10, 38). Como o Pai declara que Jesus é o «Filho muito amado» e o céu se abre para o Espírito Santo descer sob a forma de pomba (cf. Mt 3, 16-17; Mc 1, 10-11; Lc 3, 21-22), assim também pelo Batismo, «nos tornamos filhos no Filho e ungidos no Ungido e, portanto, enviados por Deus, pois a filiação está vinculada à missão»¹¹². A oração evoca diretamente a paixão e morte de Jesus, «o sangue e a água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado são tipos do Baptismo e da Eucaristia, sacramentos da vida nova»¹¹³, e o mandato do ressuscitado «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19). O que dá pleno sentido ao Batismo de Jesus é a sua morte e ressurreição. Aqueles que recebem o Batismo morrem para o pecado e renascem para a graça de Deus (cf. Rom 6, 1-14), pela ação do Espírito Santo.

A oração continua dirigindo uma súplica a Deus: «olhai agora, Senhor para a vossa Igreja e dignai-Vos abrir para ela a fonte do Baptismo» (RBC 54). Esta surge logo após o mandato

¹¹¹ 1 Ped 3, 19-21: «Foi então que foi pregar aos espíritos cativos, outrora incrédulos, no tempo em que, nos dias de Noé, Deus os esperava pacientemente enquanto se construía a Arca; nela pouca pessoas - oito apenas - se salvaram por meio da água. Isto era uma figura do batismo, que agora vos salva, não por limpar impurezas do corpo, mas pelo compromisso com Deus de uma consciência honrada, em virtude da ressurreição de Jesus Cristo».

¹¹² LIMA, *Igreja, ícone da Trindade: espaço litúrgico, imago ecclesiae*, 231.

¹¹³ *Catecismo da Igreja Católica*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993, 1225.

missionário, pedindo, precisamente, a Deus que dê a água do Batismo à Igreja, para que ela siga o mandato de Jesus. É o Pai quem concede, pela ação do Espírito Santo, a graça do Filho à água batismal, para que o homem pelo Batismo «seja purificado das velhas impurezas e ressuscite homem novo» (RBC 54). Estes efeitos aqui expressos recuperam a reflexão paulina na Carta aos Romanos¹¹⁴, que esteve na base da tradicional doutrina do pecado original, e daquilo que o próprio Jesus afirmou: «quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus» (Jo 3, 5).

A oração conclui com um gesto, de toque com a mão direita na água. Na última estrofe reforça-se e explicita-se a súplica feita anteriormente. Aqui a petição é que, sobre a água do Batismo, desça «por vosso Filho, a virtude do Espírito Santo» (RBC 54). É evocada a união Trinitária na ação da bênção da água, fazendo novamente eco da teologia paulina, à eficácia sacramental do Batismo, «para que todos, sepultados com Cristo na sua morte, pelo Batismo, com Ele ressuscitem para a vida» (cf. Rom 6, 4-5).

Após a análise desta oração concluímos que este lugar, tal como o ambão que anteriormente abordamos e o altar que se seguirá, são monumentos comemorativos da Páscoa. A configuração do batistério encontra nesta oração as linhas orientadoras do seu projeto e da iconografia que o completa. Há, no entanto, uma dimensão pneumatológica da conceção do espaço onde se insere a fonte batismal, que deve ser devidamente considerada, para que exprima simbolicamente o sentido pleno da ação que ali acontece.

2.2.3.2. Celebração do sacramento, acontecimento em ato

É no batistério que se desenvolve este terceiro momento. Como sacramento da água, que se torna vivificante pela ação do Espírito Santo, é de facto, neste espaço que o mistério é cumprido. Do lugar da escuta da Palavra, a assembleia encaminha-se até ao lugar da fonte

¹¹⁴ Rom 5, 12-21: «Por isso, tal como por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte, assim a morte atingiu todos os homens, uma vez que todos pecaram. De facto, antes da Lei já existia o pecado no mundo; mas o pecado não é tido em conta quando não há lei. Apesar disso, desde Adão até Moisés reinou a morte, mesmo sobre aqueles que não tinham pecado por uma transgressão idêntica à de Adão, que é figura daquele que havia de vir. [...] Com efeito, o julgamento, que partiu de um só, teve como resultado a condenação; enquanto que o dom gratuito, que partiu de muitas faltas, teve como resultado a justificação. De facto, se pela falta de um só e por meio de um só reinou a morte, com muito mais razão, por meio de um só, Jesus Cristo, hão-de reinar na vida aqueles que recebem em abundância a graça e o dom da justiça. Portanto, como pela falta de um só veio a condenação para todos os homens, assim também pela obra de justiça de um só veio para todos os homens a justificação que dá a vida. De facto, tal como pela desobediência de um só homem todos se tornaram pecadores, assim também pela obediência de um só todos se hão-de tornar justos. A lei interveio para aumentar a falta, mas, onde aumentou o pecado, superabundou a graça. E deste modo, tal como o pecado reinou pela morte, assim também a graça reina pela justiça até à vida eterna, por Jesus Cristo, Senhor nosso».

batismal, como prescreve o Ritual: «em seguida, se o baptistério é fora da igreja ou fora da vista dos fiéis, vai-se até lá em procissão. Se, porém, está colocado à vista da assembleia, o celebrante, e os pais e padrinhos com as crianças aproximam-se dele, enquanto os demais permanecem nos seus lugares» (RBC 52).

Ali chegados, o celebrante faz uma breve monição que precede a oração de bênção e invocação de Deus sobre a água, já desenvolvida no ponto anterior. Apesar de, como indica o Ritual, se poder conservar no Tempo Pascal a água consagrada na Vigília Pascal (cf. RBC 55), a bênção da água batismal neste momento da celebração tem a sua relevância, em ordem a expressar claramente que esta água não tem por si só a força sacramental, mas que é o próprio Deus que atua e se serve dela. Como destaca Louis Ligier:

«Expondo aos olhos da assembleia esse grandioso rito no momento em que o ato essencial está próximo, a liturgia faz compreender desde o início que o mistério sacramental não será mais do que uma intervenção divina manifestada no símbolo da água. A atenção é despertada. Todos ouvem e olham. A água, na sua simplicidade transparente, é colocada antes de tudo no centro de um mistério divino»¹¹⁵.

Antecedendo esse momento foi colocada a renúncia a satanás e a profissão de fé. Nos trabalhos de composição do RBC foi levantada a questão da pertinência da manutenção desta renúncia, mas acabou por ser conservada por se tratar de uma prática antiga. O esquema que ficou definido é resultado de um reforço que tem por base a tradição, mas adequado ao nosso tempo. As perguntas são precedidas por uma monição cujo objetivo é não só esclarecer os pais sobre as suas responsabilidades como educadores, mas também e, acima de tudo, alertá-los sobre o significado da sua profissão de fé. A renúncia a satanás e a profissão de fé, estão situadas uma em relação à outra, como que em contraponto. É um momento de grande importância, em que são convidados, renunciando ao diabo e ao pecado, a proclamar a sua fé, porque as crianças que apresentam, apenas podem ser batizadas na fé da Igreja. O facto de, no caso das crianças, as questões serem dirigidas aos pais e padrinhos, faz com que estes, com sua renúncia e profissão de fé, assumam a fé dos batizados, produzindo um ato de confirmação do seu próprio Batismo, e juntamente com a comunidade afirmem: «Esta é a nossa fé. Esta é a fé da Igreja, que nos gloriamos de professar em Jesus Cristo, Nosso Senhor» (RBC 59)¹¹⁶.

¹¹⁵ LIGIER, «Le Nouveau Rituel du Baptême des Enfants», 20.

¹¹⁶ BUGNINI, La Riforma Liturgica, 591-592.

Após a profissão de fé é necessária uma declaração final de consentimento explícito dos pais que levam a criança à fonte batismal e, como tal, o ministro retoma a temática do Batismo na fé da Igreja, colocando a seguinte questão: «Quereis portanto, que N. receba o Batismo na fé da Igreja que todos, convosco, acabámos de professar?» (RCB 60). Esta interrogação destaca a presença do mistério sacramental, de modo a garantir que o rito da água não se transforme apenas num momento mágico ou de espetáculo, e faz referência à participação comunitária na celebração¹¹⁷.

Este rito central do Batismo é marcado por uma fórmula Ritual ternária e trinitária. A cada mergulho ou a cada infusão, é invocado o «nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo» (RBC 60). O Ritual concede duas formas opcionais para o gesto batismal, permitindo tanto no modo de imersão como no modo de infusão. A imersão, prática abandonada durante muitos séculos, é a primeira opção apresentada neste Ritual, recuperando-a. «Se o primeiro modo dramatiza o ato da sepultura simbólica, da gestação no útero, de uma morte Ritual, portanto, o tema da participação cristológica, o segundo modo alude, de maneira quase mimética, à descida do Espírito»¹¹⁸.

Em relação aos ritos explicativos que se seguem, destinados a sublinhar, pelo seu simbolismo variado, os efeitos presentes e escatológicos do Batismo, foram mantidos em relação ao anterior Ritual, sendo renovadas as suas fórmulas. O primeiro consiste na unção pós-batimal, feita «no alto da cabeça» com o óleo do santo crisma (cf. RBC 62). Esta evoca a memória da antiga consagração dos sacerdotes, dos profetas e dos reis, que eram ungidos como sinal da proteção do Espírito e confirmação da sua escolha para a missão que lhes era confiada. Como explicita a oração que precede a unção, o cumprimento pleno desta encontra-se no último e definitivo unção do Senhor, Jesus Cristo. Nele, o sacerdócio, a profecia e a realeza adquirem o seu significado absoluto e definitivo. Por meio d'Ele, os batizados assumem a condição de filhos adotivos do Pai, com um vínculo vital e irreversivelmente consagrado¹¹⁹.

O segundo rito recupera um símbolo do catecumenato, a imposição da veste branca (RBC 63). A veste, que o Ritual explicitamente declara que deve ser de cor branca, é uma manifestação marcante e externa da metamorfose interna. Ao assumir uma nova condição, depois de ter sido

¹¹⁷ LIGIER, «Le Nouveu Rituel du Baptême des Enfants», 23.

¹¹⁸ ZANCHI, «I riti battesimali oggi: una lettura mistagogica», 161.

¹¹⁹ ZANCHI, «I riti battesimali oggi: una lettura mistagogica», 162.

despojada de qualquer mácula induzida pelo mal, a criança é revestida do próprio Cristo e da sua dignidade (cf. Cl 3, 9-10)¹²⁰.

O terceiro rito é o da entrega da vela acesa (RBC 64). O celebrante apresenta o círio pascal, símbolo do Ressuscitado, e os pais ou padrinhos acendem nele a vela da criança. Neste momento, o celebrante recorda aos pais e padrinhos a missão que têm de velar por esta luz da fé, assumindo a responsabilidade e o compromisso de um cuidado constante ao longo da vida da criança¹²¹.

O último rito intitulado «*Effetha*», de admissão opcional pelas Conferências Episcopais, foi também alvo de alguma discussão aquando da elaboração do Ritual, sobre a pertinência da sua manutenção. Acabou por ser conservado, perdendo o seu contexto de exorcismo, por se tratar de um elemento catequético considerado de valor, pois o cristão, em virtude do Batismo, está habilitado a escutar a Palavra de Deus, falar para professar a sua fé, louvar a Deus e participar na vida da Igreja¹²².

2.2.4. A conclusão do Rito

2.2.4.1. O altar, mesa e comunhão dos filhos

O altar é Cristo e, como tal, destaca-se a sua centralidade no espaço litúrgico, pelo seu princípio de unidade e como o ponto de referência mais espontâneo. Isto mesmo é afirmado na Instrução Geral do Missal Romano: «O altar, em que se torna presente sob sinais sacramentais o sacrifício da cruz, é também a mesa do Senhor, na qual o povo de Deus é chamado a participar quando é convocado para a missa» (IGMR 296).

O altar é símbolo do próprio Jesus, que, como afirma Paulo na Carta aos Hebreus, é para todos os cristãos, ao mesmo tempo sacerdote, vítima e altar¹²³. Ele encerra em si esta dupla significação - ara, vítima e sacrifício - e ao mesmo tempo - mesa, ceia e refeição festiva - os traços do Seu mistério de oferta filial ao Pai. A leitura do altar em chave cristológica é necessária e fundamental. O simbolismo do altar, a sua representação de Cristo, é um dado essencial pelo facto de que a Igreja nasceu da Eucaristia. Nele se realiza a ação ritual, a memória da doação de Cristo pela humanidade, tornando-se alimento para todos, edificados num só corpo e sangue do Senhor. A participação neste corpo é a atualização do mistério pascal¹²⁴.

¹²⁰ ZANCHI, «I riti battesimali oggi: una lettura mistagogica», 162.

¹²¹ NOCENT, «Os Ordines da iniciação cristã do Vaticano II», 95.

¹²² BUGNINI, La Riforma Liturgica, 592.

¹²³ ALDAZÁBAL, «Altar», *Vocabulario Basico de Liturgia*, 25.

¹²⁴ MILITELLO, «Un luogo per celebrare», 39-41.

Não há nenhuma contradição no facto de o altar cristão ser ao mesmo tempo ara e mesa, enquanto ara remete para o sacrifício da cruz, na qual Jesus se entregou livre e radicalmente por amor, e enquanto mesa remete para o lugar da ceia, na qual Jesus se dá em alimento para que tenhamos vida. Em ambos os casos, remete para o Corpo de Cristo entregue (sacrifício) e tomado e comido (ceia). O próprio Cristo se entrega como vítima e se oferece a si próprio em alimento¹²⁵. O Catecismo da Igreja Católica sintetiza isto mesmo ao afirmar: «O altar da Nova Aliança é a cruz do Senhor, de onde dimanam os sacramentos do mistério pascal. Sobre o altar, que é o centro da igreja, é tornado presente o sacrifício da Cruz sob os sinais sacramentais. Ele é também a mesa do Senhor, para a qual o povo de Deus é convidado»¹²⁶.

Segundo a IGMR, o altar, «pela sua localização, há-de ser o centro de convergência, para o qual espontaneamente se dirijam as atenções de toda a assembleia dos fiéis (IGMR 299). O altar por ser o lugar onde se celebra o memorial da Páscoa de Cristo é monumento pascal e, assim, «deve ocupar uma função central, dinâmica de conversão e expansão. A sua posição no interior da igreja, e a dos fiéis, em relação ao altar, são de fundamental importância, para que seja entendida, não só pela fé, mas também psicologicamente, aquela realidade que a todos congrega, tornando-os participantes do mistério que sobre ele se celebra»¹²⁷.

Nos Preliminares do RBC é claramente descrita a sua relevância neste momento: «a anunciar com antecedência a futura participação na Eucaristia, diz-se, diante do altar, a oração dominical, na qual os filhos de Deus oram ao Pai que está nos céus. Em seguida, para que a graça de Deus se derrame sobre todos, são abençoados as mães e os pais, e todas as pessoas presentes» (RBC 19). O Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar enfatiza precisamente que a partir dali, pela condição de batizados os «filhos da Igreja podem celebrar o memorial de Cristo e sentar-se à mesa do Senhor»¹²⁸.

2.2.4.2. Ritos conclusivos

Como está prescrito pelo Ritual, «em seguida, a não ser que o Baptismo tenha tido lugar no próprio presbitério, vai-se em procissão até ao altar, levando acesas as velas dos batizados.» (RBC 67). Este último momento da celebração desenrola-se precisamente no altar. O Ritual anterior não incluía este momento dedicado à conclusão. A escolha do lugar tem o intuito de

¹²⁵ LIMA, *Igreja, ícone da Trindade: espaço litúrgico, imago ecclesiae*, 242.

¹²⁶ *Catecismo da Igreja Católica*, 1182.

¹²⁷ COSTA, *Espaço Celebrativo*, 67.

¹²⁸ *Pontifical Romano da Dedicção da Igreja e do Altar reformado por decreto do concílio ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o Papa Paulo VI*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1990, Capítulo IV, 4.

demonstrar claramente que o Batismo é apenas o primeiro estágio de uma iniciação, que só será completada com os sacramentos da Confirmação e da Eucaristia¹²⁹.

O altar é, portanto, o lugar que o RBC definiu como sendo o mais apropriado e para o qual se desloca a atenção de todos aqueles que participam na celebração. O celebrante introduz este momento com uma monição, que antecede a oração do Pai Nosso, e na qual se desenvolve o elenco de etapas destinadas a completar a iniciação cristã das crianças recém-batizadas, afirmando: «Pela Confirmação, hão-de receber um dia a plenitude do Espírito Santo; aproximando-se do altar do Senhor, participarão da mesa do sacrifício de Cristo; membros da Igreja, hão-de chamar a Deus seu Pai» (RBC 68). Esta monição é dirigida aos pais e a todos os presentes, lembrando-lhes a sua condição e a sua responsabilidade¹³⁰.

Após esta monição o celebrante convida a assembleia a rezar, em nome da criança recém-batizada, a oração que Jesus ensinou, o Pai Nosso. O Ritual anterior, tal como estava definido na liturgia do catecumenato, determinava que esta oração fosse rezada antes do Batismo¹³¹. No RBC esta oração dos filhos de Deus foi deslocada para este momento, apontando claramente para uma ação com perspectiva de futuro e de significado eucarístico.

Para terminar, o celebrante invoca a bênção de Deus sobre as mães que sustentam as crianças, os pais e toda a assembleia. O celebrante, portanto, estende as mãos sob a assembleia para uma tripla invocação. As mães são convidadas a viver com gratidão o dom dos seus filhos, os pais são chamados a dar bom testemunho aos seus filhos, e todos são convidados a serem membros vivos do povo de Deus. Abençoa-os em nome da Santíssima Trindade e despede-os com a paz de Deus (cf. RBC 70). Deste modo, de cada vez que fazemos o sinal da cruz recordamos o Batismo.

De forma detalhada realizámos uma análise do RBC, cujo principal intuito foi percorrer cada uma das partes que o compõem e os lugares onde acontecem. Optámos por seguir o primeiro esquema apresentado, do Batismo de várias crianças.

Este trabalho, ainda que não pretenda ser exaustivo, tem especial relevância para compreender todo o desenrolar da celebração, desde os ritos às rubricas apresentadas, das

¹²⁹ BUGNINI, *La Riforma Liturgica*, 593.

¹³⁰ ZANCHI, «I riti battesimali oggi: una lettura mistagogica», 164-165.

¹³¹ LIGIER, «Le Nouveau Rituel du Baptême des Enfants», 27.

palavras que compõem as orações às respostas dos intervenientes, passando pelos gestos, símbolos e movimentações. Todos estes detalhes têm preponderância na compreensão total da ação litúrgica que se realiza, que obviamente não está desvinculada do espaço onde se desenrola.

Percebemos como a orgânica da celebração induz a uma caminhada que aqueles que celebram o sacramento do Batismo são convidados a realizar. A ordem dos ritos e a disposição dos momentos pelos diversos lugares não é aleatória, convergindo tudo para um só sentido, a configuração com Aquele que é «o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14, 6). E porque se trata de um acontecimento marcante da fé, todos os batizados são chamados a testemunhar com a própria vida a graça dessa filiação divina e da missão.

O RBC apresenta um conjunto de possibilidades para a celebração do Batismo: presidido por um sacerdote ou diácono; de várias crianças ou de uma criança; mas também a administração deste sacramento por um catequista na falta de sacerdote ou diácono; e em caso de perigo de morte da criança na ausência do sacerdote ou diácono. Para a elaboração deste capítulo tomámos como referência a sequência da primeira opção e, além disso, a celebração do Batismo fora da Eucaristia. A primeira instrução da celebração do Batismo, no momento do acolhimento da criança, refere o seguinte: «Celebre-se o Baptismo, quanto possível, no domingo, dia em que a Igreja recorda o mistério pascal, numa celebração comum para todas as crianças nascidas há pouco tempo, e com grande número de fiéis, pelo menos dos familiares, amigos e vizinhos, e a sua participação activa» (RBC 32). Assim, é claro que o domingo é o dia por excelência para a celebração deste sacramento, mas colocam-se algumas questões litúrgicas e pastorais, como por exemplo: Deve o Batismo ser administrado dentro ou fora da Eucaristia? Quando é celebrado dentro da Eucaristia é privilegiada esta participação comunitária ativa? O itinerário da celebração proposto pelo Ritual, percorrendo os diferentes lugares, é valorizado ou ofuscado quando o Batismo é celebrado dentro da Eucaristia? A celebração do RBC mantém a unidade da iniciação cristã, com o itinerário Batismo, Crisma e Eucaristia? Estas são questões sobre as quais não pretendemos neste espaço apresentar uma formulação conclusiva, apenas deixar em aberto, pois julgamos que são merecedoras de uma reflexão aprofundada.

3. Estudo teológico e pastoral de três batistérios da Diocese do Porto

Após o caminho percorrido até aqui, em que num primeiro momento fizemos um percurso histórico sobre o lugar da celebração do Batismo, e num segundo momento nos debruçámos sobre o RBC, vamos ocupar-nos, neste terceiro momento a analisar, com base no que foi tratado nos dois capítulos anteriores, como é que, aquando da projeção de novas igrejas, após a reforma litúrgica empreendida pelo CV II, foram integrados esses dados históricos, litúrgicos e pastorais.

Na projeção de novos templos, desde sempre se debateu a questão da delicada correlação entre a solução arquitetónica e a funcionalidade litúrgica, particularmente após a reforma da liturgia, no âmbito da qual se procuram conceber espaços que integrem estas duas dimensões de expressão contemporânea. No que diz respeito ao lugar onde se celebra o Batismo é fundamental ter em conta a longa tradição da Igreja, da arquitetura sacra, onde encontramos uma enorme quantidade de imagens, de símbolos e uma grande e variada riqueza de formas, como afirma Angelo Torricelli:

«No arco histórico compreendido entre a era paleocristã e o início da era moderna, a arquitetura do batistério narra e ilustra uma história dinâmica marcada por variações significativas em relação aos contextos, às formas de representatividade na esfera religiosa e civil, ao declínio do rito e as suas mudanças, mas, ao mesmo tempo, identificada pela permanência de alguns caracteres típicos, nos quais o local da iniciação cristã se tornou reconhecível»¹³².

Ao conceber um espaço celebrativo é necessário conjugar e sintetizar a criatividade com este depósito, mas, sobretudo, ter como referência primordial que este deve ser o lugar por excelência de encontro com Deus. O espaço celebrativo deve ter como finalidade propiciar essa relação com o sagrado, o transcendente, o mistério, partindo da experiência mistagógica. A arquitetura e a arte das igrejas contemporâneas devem ser expressão desta experiência de mergulhar no mistério que é o próprio Cristo, e deste sentido profundo da vivência eclesial. Assim sendo, desde a configuração dos espaços, às modelações da luz, passando pelos lugares fundamentais, até às obras de arte incorporadas, todos os elementos devem ser pensados para remeterem para esse sentido e significado do mistério.

Pelo Batismo, os cristãos tornam-se “pedras vivas” do templo espiritual, que é a Igreja (cf. 1 Ped 5) e, como tal, o lugar onde essa transformação acontece é de grande relevância, não só

¹³² ANGELO TORRICELLI, «Progetti di architetture battesimali per il futuro», in *Il Battistero. Atti del V Convegno Liturgico Internazionale*, ed. Goffredo Boselli, Bose: Edizioni Qiqajon, 2008, 169.

como memorial histórico, mas, sobretudo, como sinal de renovação permanente dessa condição e consciência de batizados. Na conceção destes lugares, aqueles que estão diretamente envolvidos devem procurar naturalmente que seja concretizada a sua função, mas, essencialmente, que o espaço seja projetado com a clara intenção de que «quer esteja o baptistério separado da nave da igreja, de modo que nele se realizem integralmente todos os ritos do Baptismo, quer se trate da pia baptismal colocada na própria nave, deve ser tudo disposto de tal modo que se manifeste claramente o nexó do Baptismo com a palavra de Deus e com a Eucaristia, que é o vértice da Iniciação Cristã»¹³³. E este dado deve ser assumido como uma bela oportunidade, pois, de facto, «a instalação do novo baptistério ou da nova pia baptismal tem grande importância na vida espiritual da comunidade cristã. [...] Convém instruí-los sobretudo acerca do sentido e significado da fonte baptismal, de modo que se estimulem os seus sentimentos de veneração e amor para com o Baptismo e o seu sinal que é a pia baptismal»¹³⁴.

Os critérios que estiveram na base da seleção das três igrejas da Diocese do Porto, sobre as quais iríamos estudar os respetivos projetos e analisar os seus batistérios foram os seguintes: terem sido contruídas no contexto da reforma litúrgica, no pós CV II; a relevância arquitetónica e artística das obras executadas; a localização e configuração dos seus batistérios; e por fim, terem sido concebidas em diferentes décadas. Assim, depois uma ampla pesquisa e trabalho de reconhecimento das várias possibilidades, a escolha recaiu sobre a igreja paroquial do Sagrado Coração de Jesus do Carvalhido, a igreja paroquial de Nossa Senhora da Boavista e a igreja paroquial de Santo Ovídio.

Vamos concretizar esta abordagem a cada um dos batistérios das três igrejas, começando por fazer uma breve contextualização da paróquia, do projeto e dos intervenientes na sua conceção, seguindo-se, depois, uma reflexão teológica e pastoral sobre o lugar do Batismo e os seus elementos fundamentais.

¹³³ «Bênção do novo baptistério ou da nova fonte baptismal, nr. 835», in *Ritual Romano da Celebração das Bênçãos reformado por decreto do concílio ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o Papa João Paulo II*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991.

¹³⁴ «Bênção do novo baptistério ou da nova fonte baptismal, nr. 841», in *Ritual Romano da Celebração das Bênçãos*.

3.1. Batistério da igreja paroquial do Sagrado Coração de Jesus do Carvalhido

3.1.1. Contextualização

O projeto desta igreja é da autoria do arquiteto Luiz Cunha, que obteve o seu diploma em arquitetura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, no ano de 1957. A versatilidade e ecletismo que possuía permitiu-lhe que, para além da sua atividade principal, se dedicasse também ao desenho e à pintura, procurando integrar essas expressões plásticas nos seus projetos arquitetónicos¹³⁵. Foi um dos grandes impulsionadores do Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR), um grupo de arquitetos e sacerdotes que dedicaram especial atenção à renovação da arquitetura e da arte sacra, no qual teve oportunidade de partilhar influências e conhecimentos técnicos, dando o seu importante contributo particularmente no norte de Portugal. Até ao início da década de 80, do século passado, projetou um vasto conjunto de edifícios e de equipamentos religiosos, que marcou com o seu estilo arquitetónico pós-modernista e com um estilo expressionista muito próprio, projetos esses que lhe valeram a reconhecida notoriedade.

Numa entrevista que deu, Luiz Cunha afirmou que o movimento de renovação litúrgica e arquitetónica que se estava a viver, e que depois o CV II consagrou:

«Era no fundo um redescobrir uma fonte de pureza, ou seja, por um lado não escamotear as novas técnicas de construção, portanto semi-industriais que eram aquelas que resultavam até mais económicas; uma estética de simplicidade e de pureza que estava de acordo com os ideais evangélicos, que a meu ver coincidia com certos modelos de arte contemporânea, porque a arquitetura moderna é uma arquitetura de ornamentos, era muito transparente, simples, geométrica, acabando por haver uma certa coincidência entre uma pseudo ligação às origens, às fontes e uma estética que se baseava na simplicidade, na modernidade, no contemporâneo, no abandonar de tudo o que era ornatos»¹³⁶.

O arquiteto Luiz Cunha tem uma vasta obra, de grande originalidade, na arquitetura e arte religiosa contemporânea em Portugal, desde a segunda metade do século XX até ao princípio deste século. O seu modo de ser, a maneira como olhava o mundo e, particularmente o seu sentimento religioso, contribuíram, certamente, para aquela singularidade artística e espiritual, que o distinguiu, refletindo-se na preocupação pelo simbolismo que a sua arquitetura desde

¹³⁵ MICHEL ALVES PEREIRA, «Luiz Cunha - Tempos Recentes», in *Tendências da Arquitetura Portuguesa: Obras de Álvaro Siza, Hestens Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Macau: Fundação Oriente, 1990, 69.

¹³⁶ EURICO ALMEIDA – JOSÉ PROENÇA SANTOS – RICARDO VAZ, «Entrevista a Luiz Cunha», *A obra nasce: revista de Arquitectura da Universidade Fernando Pessoa* 3 (janeiro 2006) 121-122.

sempre demonstrou. Na conceção dos edifícios religiosos procurou evidenciar a sua importância simbólica com a escolha de referências, geometrias orientadoras da forma e do espaço, e elementos decorativos, nunca esquecendo o local para onde projeta¹³⁷. Isso mesmo explicitou o próprio quando disse: «A nível do sagrado, eu creio que também é uma dimensão que procuro que esteja presente com os meios rudimentares que são sempre os nossos; a gente trabalha com a luz, com a altura dos tetos, com os materiais, com os percursos que levam as pessoas a passar de um ambiente com mais reboliço, para um mais tranquilo onde haja mais meditação»¹³⁸.

Localizada no Carvalhido, o projeto desta nova igreja, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, é de 1966. A paróquia, criada em dezembro de 1940, assumiu uma capela do século XVIII como igreja paroquial, mas, com o aumento da população nessa zona, tornou-se exígua para acolher o crescente número de habitantes. Em 1967, depois de aprovado pela Diocese do Porto, ocorreu a bênção da primeira pedra, em junho desse mesmo ano. No entanto, dada a extensão do programa e a dificuldade económica para a sua concretização, a construção foi realizada em três etapas. Sendo primordial a igreja propriamente dita, todo o complexo paroquial só ficaria concluído em 1977.

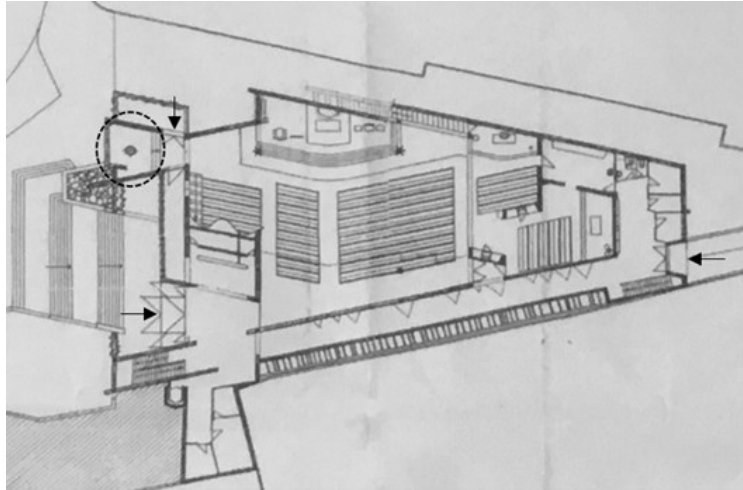
O projeto foi implementado num terreno com uma forma triangular e, como tal, o arquiteto traçou um edifício de matriz triangular, de forma a rentabilizar da melhor maneira possível o espaço que estava destinado à construção e evitar cantos desaproveitados¹³⁹. A área no nível da nave é de 1967 m², onde estão incluídas as seguintes dependências: o nártex, duas sacristias, os espaços anexos, o local para o órgão e coro, o presbitério, o batistério, a capela de Nossa Senhora de Fátima, a capela do Santíssimo Sacramento e os confessionários. A igreja foi projetada para ter a capacidade de 500 lugares sentados¹⁴⁰. Como se pode observar na planta abaixo, existem dois acessos laterais ao piso da nave, em cada um dos extremos do traçado, sendo que um deles é claramente o acesso principal, e um terceiro que dá acesso direto ao batistério.

¹³⁷ PEREIRA, «Luiz Cunha - Tempos Recentes», 68-69.

¹³⁸ ALMEIDA – SANTOS – VAZ, «Entrevista a Luiz Cunha», 126.

¹³⁹ LUIZ CUNHA, *Memória Descritiva da Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus*, in Arquivo da Comissão Diocesana de Infraestruturas e Bens Culturais da Diocese do Porto, nº 201, 1966, 4.

¹⁴⁰ CUNHA, *Memória Descritiva da Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus*, 2.



Planta ao nível da nave ¹⁴¹

Na memória descritiva, ao desenvolver a exposição sobre volume interior da igreja, o autor introduz uma pequena nota:

«A renovação litúrgica promulgada pelo Concílio e que vinha constituindo aspiração justificada dos fiéis, um pouco por toda a parte, tem como principal característica, segundo pensamos, transformar todos os actos em acções conscientemente praticadas. Assim a ideia de “participação” ganha profundo significado tanto no que diz respeito ao celebrante como aos fiéis. Compreende-se pois que certas disposições funcionais tendentes a exprimir e facilitar o desenrolar dos atos litúrgicos adquiram uma importância que por certo não teriam se predominasse na liturgia o acento contemplativo»¹⁴².

3.1.2. O Batismo na água e no Espírito

O arquiteto Luiz Cunha procurou, como em todas as igrejas que projetou, dar uma grande relevância e atenção ao batistério, sendo um dos elementos que mais se destaca no conjunto arquitetónico, particularmente no tratamento da luz, das superfícies e das peças de arte. Numa entrevista concedida o arquiteto afirmou:

«Eu sempre gostei muito dos batistérios antigos e daqueles batistérios que toda a gente conhece na Itália, e no próximo Oriente... houve uma época na Igreja em que o baptismo se tornou uma manifestação de massas, quando as conversões eram feitas às centenas e aos milhares de uma vez, o batistério passou a ser um espaço em que era preciso que coubesse muita gente, porque a festa era uma festa coletiva, comunitária. Claro que hoje nas sociedades modernas isso não existe. De

¹⁴¹ ISABEL BRANCO PIRES, *Considerações sobre o símbolo na arquitectura religiosa de Luiz Cunha*, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2006, 61.

¹⁴² CUNHA, *Memória Descritiva da Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus*, 5.

qualquer maneira, a forma arquitectónica do baptistério evoluiu no sentido de todos esses significados»¹⁴³.

O arquiteto expressa que é necessário ter um especial cuidado na projeção dos espaços celebrativos, e neste caso em concreto, o lugar do baptistério, pois este não traduz apenas uma realidade física, mas sobretudo uma realidade espiritual:

«Essas coisas são importantes, às vezes fico com pena que este espírito científico que é tão interessante ponha em causa este tipo de leitura, mas nós como crentes e artistas, não podemos prescindir desta leitura. Repare que a arte moderna, quando se afastou da representação do sagrado, tem sido uma degradação constante. Por muito geniais que sejam os artistas, o caminho tem sido uma constante degradação, partir as coisas aos bocados, de deixar as coisas incompletas, nem sequer a própria comunicação entre as pessoas se faz»¹⁴⁴.

Em relação à localização do baptistério em planta, é perceptível que o arquiteto privilegiou a sua colocação junto à entrada principal da igreja. No entanto, esta presença é discreta, pois como afirma na memória descritiva o objetivo era «pôr em evidencia a relação entre o batismo e o sacrifício da missa, sem no entanto abandonar a tradição tão carregada de simbolismo de fazer a entrada do neófito que vem receber o seu primeiro sacramento através deste espaço e só a partir dele penetrar na igreja propriamente dita»¹⁴⁵. Contudo, esta descrição, não é muito evidente, ao observarmos o local, porque, quando se acede à igreja pela entrada principal, não se vê imediatamente o baptistério e, como tal, não se constata a relação referida pelo arquiteto, e quando se está no centro do espaço celebrativo o baptistério também não se impõe claramente¹⁴⁶.

No traçado do arquiteto observa-se que existe uma clara distinção dos diversos lugares no espaço celebrativo, reconhecendo-se perfeitamente os seus limites. Mas há um dado observável curioso, apesar de haver uma ligação entre a nave da igreja e o baptistério, e este distar muito pouco do presbitério, no traçado surge quase como um módulo separado de todo o conjunto, recuperando, em certa medida, aquele modelo primitivo dos baptistérios isolados do corpo da igreja. A própria leitura de Luiz Cunha, não é clara sobre esta questão, quando afirma que o baptistério «dispõe de dois acessos, um ligando com o espaço da entrada e outro comunicando com a nave, bastante próximo do santuário [presbitério]»¹⁴⁷, não explicitando que disposição

¹⁴³ PIRES, *Considerações sobre o símbolo na arquitectura religiosa de Luiz Cunha*, 45.

¹⁴⁴ PIRES, *Considerações sobre o símbolo na arquitectura religiosa de Luiz Cunha*, 45.

¹⁴⁵ CUNHA, *Memória Descritiva da Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus*, 6.

¹⁴⁶ PIRES, *Considerações sobre o símbolo na arquitectura religiosa de Luiz Cunha*, 63.

¹⁴⁷ CUNHA, *Memória Descritiva da Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus*, 6.

pretende destacar. O batistério encontra-se num nível inferior ao da nave, sendo necessário descer um degrau para se entrar no seu espaço.



A fonte batismal, desenhada pelo próprio arquiteto Luiz Cunha, apresenta alguns detalhes interessantes. Desde logo, a forma octogonal do patamar onde se encontra assente, da tampa que cobre a bacia fonte, e da coluna de onde jorra a água. Ao elemento da água foi dado um especial destaque, esta cai na bacia através de uma coluna de pedra com uma bica, evocando não só a água corrente do Rio Jordão, mas também a água que brotou da rocha no deserto¹⁴⁸. A pia é encimada por uma tampa amovível, de metal dourado. A centralidade da fonte batismal é destacada pela dinâmica do revestimento mosaico do qual é composto o chão, num tom claro, distinto do pavimento da nave da igreja.

Do lado de fora do espaço onde está instalado o batistério, no exterior, junto à entrada da igreja, o arquiteto concebeu uma instalação curiosa. Uma espécie de gárgula, que são as partes salientes das calhas dos telhados que escoam a água a uma distância da parede, com o principal

¹⁴⁸ Ex 17, 5-6: «O Senhor disse a Moisés: Passa diante do povo e toma contigo alguns anciãos de Israel; e leva na tua mão a vara com que feriste o rio, e vai. Eis que estarei diante de ti, sobre a rocha no Horeb. Tu ferirás a rocha e dela sairá água, e o povo beberá».

objetivo de fazer escoar, através desta, as águas da chuva provenientes do telhado¹⁴⁹. A sua localização no exterior do batistério é propositada, e tem como finalidade fazer mais uma referência ao elemento da água, particularmente importante na entrada da Igreja.

O batistério, tal como o presbitério, é iluminado por uma ampla abertura no teto, numa referência arquitetónica à luz que vem do alto, o que confere aos espaços litúrgicos uma luz uniforme e os destaca dos demais. Esta luz que reflete nos mosaicos cerâmicos, através de um grande lanternim no topo, é modelada pela gradualidade dos tons de azul de cima para baixo¹⁵⁰. O tratamento da luz neste lugar é um elemento importante, e neste caso, o arquiteto introduziu um dado interessante, tanto o lanternim superior como as três aberturas de luz, de alto a baixo que estão colocadas sob o lado esquerdo do batistério, não são de vidro transparente. Luiz Cunha concebeu um conjunto de desenhos vitrais, em diversos tons de azul, com uma espécie de línguas de fogo. Destacamos ainda, a referência clara que o arquiteto procurou significar da dimensão pneumatológica do sacramento do Batismo, pela colocação de uma pomba branca, com uma dimensão considerável, que desce no meio do painel cerâmico.

O elemento que mais se destaca neste batistério é a água. A intensão de quem o projetou foi amplamente concretizada e expressa no monumental painel cerâmico que reveste todo o espaço, em diferentes tons de azul que vão escurecendo gradualmente desde o topo até ao chão. Essa gradualidade descendente cria o efeito do mergulhar nas águas, do submergir, tal como a definição apresentada pelo Catecismo da Igreja Católica: «baptizar significa “mergulhar”, “imersão”»¹⁵¹. O Batismo de Jesus é o modelo do Batismo cristão, e ali no Rio Jordão os candidatos desciam até à água e eram mergulhados. Desde os tempos primitivos da Igreja que o simbolismo da água está orientado para o entendimento de que a água batismal não é apenas purificadora, mas também vivificante, que regenera o homem e o torna «uma nova criatura» (2 Cor 5, 17). A água é para o homem símbolo da vida, da morte e da purificação, simbolismos estes que a liturgia batismal assumiu. Não é a água, por si só, o centro da liturgia, mas a ação realizada por essa água. Batizar é precisamente essa ação de mergulhar na água. A água é verdadeiramente a matéria sacramento do Batismo, desde a formulação escolástica¹⁵². Este sacramento é um banho de renascimento, assim o definiu o próprio Jesus: «quem não nascer da água e do Espírito não pode

¹⁴⁹ PIRES, *Considerações sobre o símbolo na arquitectura religiosa de Luiz Cunha*, 65.

¹⁵⁰ PIRES, *Considerações sobre o símbolo na arquitectura religiosa de Luiz Cunha*, 66.

¹⁵¹ *Catecismo da Igreja Católica*, 1214.

¹⁵² GÉRARD-HENRY BAUDRY, «Le sacrement de l'eau», *Le baptême et ses symboles: Aux sources du salut*, Paris: Beauchesne Éditeur, 2001, 1-10.

entrar no Reino de Deus» (Jo 3, 5). A água assumiu uma carga tão simbólica no contexto cristão, que a mera palavra se tornou sinónimo do próprio sacramento. Tertuliano qualifica precisamente o Batismo como «sacramento da água»¹⁵³.

Relativamente à orgânica do espaço e dos lugares onde se desenrola a celebração do sacramento do Batismo, é devida uma análise em função das movimentações que o próprio Ritual induz. O traçado da igreja, permite realizar esse percurso, que se inicia com o acolhimento, que pode acontecer no átrio principal, ou na própria porta que dá acesso ao batistério, entrando depois na nave e deslocando-se até à proximidade do ambão para a escutar da Palavra de Deus. Tratando-se de uma celebração comunitária, a localização do batistério não permite a plena participação dos fiéis, concretamente no momento que ocorre nesse lugar, porque o espaço é pequeno e com capacidade muito reduzida, e além disso não tem uma leitura visual para quem está na assembleia. De facto, o batistério quase que aparece como um corpo independente da nave da igreja, apesar de ter uma ligação próxima, no conjunto do plano arquitetónico é uma estrutura marcadamente distinta.

Para concluir, apontamos também alguns elementos que merecem as nossas considerações. O primeiro é relativo à fonte batismal, que está assente numa pequena plataforma mais elevada à qual se acopla a coluna de onde sai a água. Esta elevação pretende, de alguma forma, dar-lhe destaque e visibilidade, mas do nosso ponto de vista gera alguns constrangimentos, pois quando todo o espaço foi modelado numa perspetiva descendente, para se aceder à fonte é necessário subir. Além disso, o patamar onde está apoiada, é uma plataforma algo exígua, onde além do ministro, consegue acolher com pouco à vontade aquele que vai ser batizado ou a pessoa que segura a criança. Assinala-se também a desproporcionalidade entre a dimensão da coluna da qual jorra a água, e o tamanho e diâmetro da própria fonte batismal, acabando por se salientar em demasia esse bloco de pedra. Apesar do arquiteto explicitar que «no baptistério indica-se local para o armário dos santos óleos»¹⁵⁴, não é perceptível o lugar destinado aos santos óleos, já que provavelmente nunca chegou a ser concretizado. É ainda observável a presença de um crucifixo, peça da autoria do arquiteto, desconhecendo-se, no entanto, se foi concebida especialmente para aquele lugar ou se terá sido ali colocada posteriormente.

¹⁵³ «*Sacramentum aquae*». TERTULIANO, «De Batismo, 1», in *PL* 1, ed. J.-P. Migne, Paris: 1844, 1197.

¹⁵⁴ CUNHA, *Memória Descritiva da Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus*, 6.

3.2. Batistério da igreja paroquial de Nossa Senhora da Boavista

3.2.1. Contextualização

Esta Igreja foi projetada pelo arquiteto Agostinho Ricca, que estudou arquitetura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, terminando o curso em 1941. Foi membro fundador da Organização dos Arquitetos Modernos (O.D.A.M.) e, apesar de não ter estado ligado ao Movimento de Renovação da Arte Religiosa, partilhava com este algumas perspetivas comuns. Foi convidado pela Sociedade de Construções William Graham para projetar um complexo urbanístico, o Parque Residencial da Boavista, que, entre outras valências, incluiria uma igreja e um centro paroquial¹⁵⁵. Na sua conceção teve como critérios primordiais «a experiência sensível de todos os sentidos buscando também cinestésias entre as cores dos vitrais, os gestos plásticos da construção, a textura dos materiais, as sensações de atração e repulsa e as várias fragâncias entre o esplendor e a simplicidade dos lugares»¹⁵⁶. Agostinho Ricca não tinha nenhum vínculo a qualquer confissão religiosa, mas revelou sempre uma grande sensibilidade e profundo interesse pela espiritualidade, pelo lugar sagrado e pelas expressões culturais, dimensões que procurou expressar nos vários projetos de igrejas em que trabalhou.

A Igreja de Nossa Senhora da Boavista surgiu no contexto desta nova zona habitacional, mas, sobretudo, da necessidade de um lugar de culto para um apostolado que vinha a ser desenvolvido pelos Sacerdotes do Coração de Jesus (Dehonianos). Esta congregação religiosa já possuía ali um Seminário, mas como aquele lugar se tratava de uma das zonas de expansão da cidade, o então Administrador Apostólico da Diocese do Porto, propôs à Congregação que assumisse a responsabilidade pastoral duma paróquia experimental, em 1973. A bênção da primeira pedra realizou-se em dezembro de 1977 e a inauguração da igreja em maio de 1981. O pároco da altura, o padre Giulio Carrara, teve um papel fundamental em todo este processo, não apenas no diálogo entre todas as partes, mas especialmente na sensibilidade que possuía e imprimiu ao projeto, constatável pelo leque de artistas que convocou para colaborarem em todo o conjunto da obra.

Um dos artistas que teve um significativo contributo foi o Mestre Júlio Resende. Também diplomado pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto, completou a sua formação de pintura em Paris. De norte a sul de Portugal é possível encontrar instalações da sua versátil obra, que é

¹⁵⁵ AGOSTINHO RICCA – JACINTO RODRIGUES, *Agostinho Ricca: projectos e obras de 1948 a 1996*, Porto: Ordem dos Arquitectos, 2001, 3.

¹⁵⁶ ANTÓNIO JACINTO RODRIGUES, «Encontro com um arquiteto notável: Agostinho Ricca», in *Agostinho Ricca: arquitetura, obra, desenho*, Lisboa: Uzina Books, 2015, 10.

composta por um vasto leque de trabalhos executados em técnicas como a cerâmica, o fresco, o vitral ou a tapeçaria¹⁵⁷. A sua intervenção nesta igreja foi profunda e notável, com um conjunto de peças que criou uma unidade programática e estética no espaço, destacando-se: o extenso conjunto de vitrais policromados, de cerca de 150 m², baseados em passagens da Sagrada Escritura (1981), o sacrário em bronze e esmalte (1981), a escultura em faiança de Cristo em Ascensão (1981), os quinze quadros da Via-Sacra em cerâmica vidrada (1986), e o tapete, que refletindo as cores dos vitrais, percorre todo o corredor central e cobre também parte do presbitério¹⁵⁸.

O projeto da igreja é de 1973, apesar de ter sido redesenhado algumas vezes por instruções da Comissão Diocesana de Infraestruturas Pastorais, particularmente em relação à dimensão e disposição do presbitério, ao pé direito do corpo da capela do Santíssimo, à colocação do batistério e do coro do lado da porta principal, à inclusão de confessionários, e à remoção de um balcão que estava projetado, até chegar à configuração do espaço tal como hoje o conhecemos¹⁵⁹.

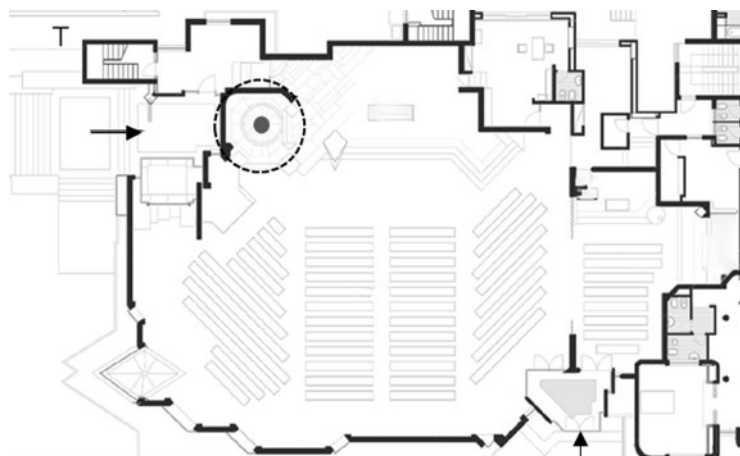
Como é possível observar na planta apresentada, a igreja possui duas entradas, sendo que a entrada principal foi concebida lateralmente em relação ao corpo da igreja, obrigando aqueles que por ela entram a uma inflexão para assim se desvelar o batistério e o altar. A assembleia foi disposta numa direção transversal ao presbitério, apesar de na planta o arquiteto ter pensado numa configuração em concha, os bancos acabaram por ser colocados em paralelo. Como foi explicitado pelo próprio arquiteto, em plena sintonia com a reforma litúrgica, «a assembleia é disposta de forma a que todos os lugares convirjam para o altar mor e ambão, supomos de modo inteiramente novo em igrejas no país, abandonando-se pois o corpo tradicional no sentido do comprimento»¹⁶⁰. A igreja tem uma área aproximada de 950 m², e possui capacidade para 430 lugares sentados, aos quais se acrescentam os 55 da capela do Santíssimo. O presbitério está separado da assembleia por três degraus, e a distinção entre estes dois espaços é definida pelos materiais que revestem o pavimento, o mármore e a madeira, respetivamente.

¹⁵⁷ LAURA CASTRO, *Resende: obra pública*, Porto: Lugar do Desenho - Fundação Júlio Resende, 2017, 107-108.

¹⁵⁸ LAURA CASTRO, «Uma exposição reparadora», in *Júlio Resende: obra cerâmica*, ed. Paulo Henriques, Lisboa: Cromotipo, 1998, 61-62.

¹⁵⁹ JOÃO LUÍS MARQUES, «História de um projeto: Igreja de Nossa Senhora da Boavista», in *Agostinho Ricca: arquitetura, obra, desenho*, Lisboa: Uzina Books, 2015, 157.

¹⁶⁰ AGOSTINHO RICCA, *Memória Descritiva da Igreja e Centro Paroquial da Paróquia Experimental de Nossa Senhora da Boavista*, in Arquivo da Comissão Diocesana de Infraestruturas e Bens Culturais da Diocese do Porto, nº 332, 1974, 1.



Planta ao nível da nave ¹⁶¹

Esta igreja é, de facto, um marco na arquitetura moderna e religiosa no Porto, e em Portugal, na qual Agostinho Ricca procurou trabalhar a ideia de mistério e acolhimento¹⁶². Todos os pormenores foram pensados para materializar esta ideia, particularmente o betão que é o elemento dominante na estrutura do edifício. No interior as paredes e o teto em caixotões, construídos em betão descobrado, acentuam a dimensão do despojamento, exploram o efeito das suas texturas e os jogos de luz no espaço celebrativo. Há um contraste do betão com o material do pavimento do presbitério e do batistério, o mármore branco de Estremoz. O elemento da luz natural foi também um dos detalhes que mereceu especial atenção, com «a opção pelo uso de dois dispositivos de luz natural com características distintas, vitrais e lanternins, permitiu diferenciar os espaços que necessitavam de tratamentos de luz individualizados»¹⁶³. O próprio arquiteto venceu essa ideia:

«Quanto à concepção do trabalho e partido estético tivemos as preocupações que um trabalho desta responsabilidade envolve, isto é, quisemos realizar uma Igreja que, embora afastando-se da forma tradicional, se afirmasse como lugar de culto e de oração, de inequívoco sentido místico. Este carácter que impusemos à nossa Igreja veio logicamente influenciar todo o conjunto. Para a obtenção deste carácter da edificação tivemos que optar por materiais que ajudassem à sua concretização»¹⁶⁴.

¹⁶¹ HELENA LEMOS PEIXOTO, *“Faça-se luz. E a luz foi feita.”: análise e reflexão sobre a luz nas três igrejas de Agostinho Ricca*, vol. I, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2013, 62.

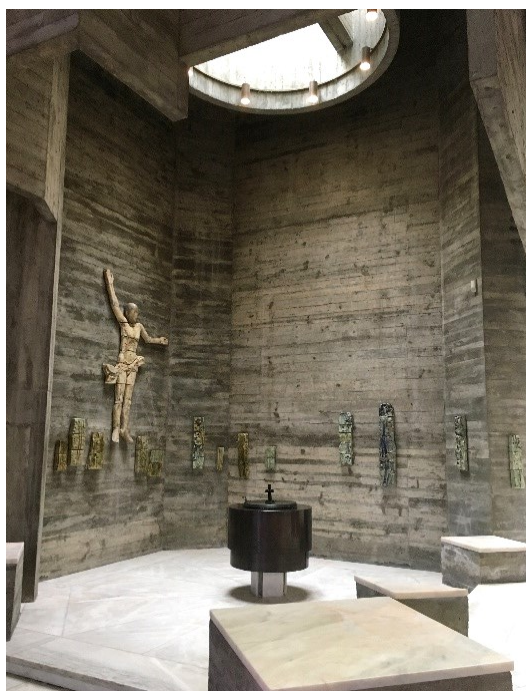
¹⁶² JOÃO LUÍS MARQUES, «História de um projeto: Igreja de Nossa Senhora da Boavista», 157.

¹⁶³ PEIXOTO, *“Faça-se luz. E a luz foi feita.”*, vol. I, 129.

¹⁶⁴ RICCA, *Memória Descritiva da Igreja e Centro Paroquial da Paróquia Experimental de Nossa Senhora da Boavista*, 3.

3.2.2. O Batismo como sacramento da vida nova

Em relação à localização do batistério percebemos pela análise da planta que a sua colocação, depois de alguns estudos e alterações, foi definida num lugar curioso. Segundo o próprio arquiteto, «a localização da pia baptismal faz-se também de modo não tradicional, destacando-se ao lado do altar mor a uma cota inferior e com espaço envolvente permitindo a assistência dos familiares à cerimónia do Baptismo»¹⁶⁵. Além desta perspetiva, é observável que está localizado ao lado da porta principal, e apesar da conceção arquitetónica do espaço romper com o modelo basilical, e de o batistério aparentemente estar apenas anexo ao presbitério, é perceptível que há uma ideia que induz a uma natural caminhada. Ao entrar pela porta principal, inflete-se para o lado esquerdo, e o primeiro elemento que encontramos é precisamente o batistério e depois então o altar, deste modo expressando espacialmente o simbolismo da caminhada da iniciação cristã.



O batistério apesar de ter um tratamento plástico semelhante ao presbitério, e de estar localizado num espaço contíguo, é um lugar independente. «A lâmina de betão, localizada sobre as escadas que separam este espaço do presbitério [...] ajuda a definir o espaço do batistério e a

¹⁶⁵ RICCA, *Memória Descritiva da Igreja e Centro Paroquial da Paróquia Experimental de Nossa Senhora da Boavista*, 1.

conduzir a luz»¹⁶⁶. Além deste detalhe, também o próprio nível a que se encontra é distinto, já que para se aceder ao batistério a partir da assembleia é necessário subir dois pequenos degraus, e em relação ao acesso ao presbitério está dois pequenos degraus abaixo. A forma do lugar sugere claramente um desenho octogonal, apesar de não ser completamente fechado, percebe-se esta configuração pela disposição das paredes e do próprio pavimento.

A fonte batismal, da autoria do arquiteto Agostinho Ricca, tem a forma cilíndrica e está assente numa pequena coluna quadrangular. É uma peça de cobre oxidado, que tem a sua expressão no lugar precisamente por contrastar com as tonalidades do betão e com a claridade do pavimento, além de ser o mesmo material do altar e do ambão. A bacia de mármore no seu interior é redonda, com uma divisória que separa o lugar onde se conserva a água e o outro pelo qual escoa. Apresenta uma tampa plana, também ela de cobre, encimada por uma cruz. Outro detalhe interessante é a própria configuração radial do mármore do chão, que converge e dá centralidade à fonte.

O batistério «tem um tratamento de luz individualizado. Sobre a fonte batismal surge uma abertura circular (1,40 m de raio) por onde a luz é conduzida através de um cilindro de betão»¹⁶⁷. O lanternim do batistério é intersetado por duas vigas perpendiculares que modelam o desenho de uma cruz. A luz foi um dos detalhes que o arquiteto quis valorizar especialmente neste lugar, e tal como o presbitério, é iluminado diretamente pelo feixe de luz que vem do topo. A claridade do mármore do pavimento muito contribui para a reflexão da luz proveniente dos lanternins.

Na parede, a peça decorativa que se destaca é uma imagem de Cristo, designado como um Cristo em ascensão, do Mestre Júlio Resende. Esta obra tem o seu carácter excecional, por se tratar de uma das poucas peças conhecidas de escultura cerâmica de Resende. É de salientar que o Mestre produziu um significativo conjunto de painéis destinados ao revestimento mural, mas ao observar esta peça escultórica tridimensional, percebemos que ela não deixa de ser uma obra de arte mural, não só pela sua natural aplicação na parede, mas sobretudo pela impossibilidade de sobreviver fora dela¹⁶⁸. Trata-se de uma representação da ascensão do Ressuscitado no Monte das Oliveiras, conforme relata o Livro dos Atos do Apóstolos¹⁶⁹. O Cristo é envolvido por um friso

¹⁶⁶ PEIXOTO, “*Faça-se luz. E a luz foi feita.*”, vol. I, 95.

¹⁶⁷ PEIXOTO, “*Faça-se luz. E a luz foi feita.*”, vol. I, 95.

¹⁶⁸ LAURA CASTRO, *A Cerâmica - encontro de valores escultóricos e pictóricos*, https://www.academia.edu/5572550/Laura_Castro_Cerâmica_Júlio_Resende_Percurso_Conferência_2007, [13/01/2020] 1.

¹⁶⁹ At 1, 9-12: «Dito isto, elevou-se à vista deles e uma nuvem subtraiu-o a seus olhos. E como estavam de olhos fixos no céu, para onde Jesus se afastava, surgiram de repente dois homens vestidos de branco, que lhes disseram: “Homens da Galileia, porque estais assim a olhar para o Céu? Esse Jesus que vos foi

de blocos cerâmicos, de diferentes dimensões e tonalidades, explorando «o brilho e a cintilação de esmaltes espessos e a manipulação experimental de óxidos e vidrados»¹⁷⁰, dispostos num plano inferior ao da escultura, ao longo das duas paredes do batistério. O próprio Resende, aquando de uma conferência comemorativa do trigésimo aniversário da igreja, fez uma descrição sintética e ao mesmo tempo completa deste lugar: «O conjunto do batistério centrado justamente, pela pia, é digamos assim presidido pelo Cristo em Ascensão. A técnica cerâmica, pela sua matéria e cor corrobora na luminosidade evanescente mas promissora da cerimónia litúrgica. Atente-se no significado dos materiais: o betão armado, o vidro, a madeira, a cerâmica e finalmente o bronze numa presença “polifónica”»¹⁷¹.

A configuração octogonal do batistério evoca o oitavo dia, aquele em que o curso do tempo recomeçou para o homem, o dia da ressurreição de Jesus Cristo, o dia da eternidade, da vinda definitiva de Cristo. Claramente se percebe, que na projeção deste lugar, o elemento que teve um especial tratamento foi a luz. Aquele que é batizado, é chamado a despertar do sono da morte e emergir do pecado, para dirigir-se e permanecer na luz, e participar na vitória gloriosa e luminosa de Cristo ressuscitado. É esta a graça que é concedida neste sacramento, assim o testemunha o prólogo do Evangelho de João: «O Verbo era a Luz verdadeira, que ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina. [...] a quantos o receberam, aos que nele creem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus» (Jo 1, 9-12). O Batismo designa-se, de facto, não só como iluminação, mas também como passagem, uma vez que aquele que é batizado participa na Páscoa de Cristo, luz do mundo¹⁷². O Batismo como iluminação, tem também por base a conceção paulina de que «aqueles que uma vez foram iluminados, que provaram o dom celeste, que se tornaram participantes do Espírito Santo» (Heb 6, 4), «é que outrora éreis trevas, mas agora sois luz, no Senhor. Procedei como filhos da luz» (Ef 5, 8).

Efetivamente, Justino foi o primeiro a designar o Batismo, como «este banho chama-se iluminação»¹⁷³, uma formulação que combina água e luz, ou seja, este banho é uma regeneração e uma iluminação. Também Clemente de Alexandria testemunhou este mesmo simbolismo ao

arreatado para o Céu virá da mesma maneira, como agora o vistes partir para o Céu. Desceram, então do monte chamado das Oliveiras».

¹⁷⁰ CASTRO, *Resende*, 27.

¹⁷¹ DANIELA ARMADA ROCHA, *Percurso da Obra Pública de Júlio Resende: Área Metropolitana do Porto*, Porto: Escola Superior de Educação, 2018, 293-298.

¹⁷² BAUDRY, «Le sacrement de la lumière ou le baptême comme illumination», *Le baptême et ses symboles*, 61-65.

¹⁷³ «τὸ λουτρὸν φωτισμὸς». JUSTINO, «Apologia prima pro Christianis, 61», in *PG 6*, ed. J.-P. Migne, Paris: 1857, 421.

afirmar que «batizados, somos iluminados; iluminados, somos adotados como filhos; adotados, somos aperfeiçoados; sendo aperfeiçoados, recebemos a imortalidade»¹⁷⁴. O Batismo como o sacramento da luz, foi um dos termos que surgiu entre os primeiros cristãos para designar este sacramento, e que Gregório Nazianzo desenvolveu na sua pregação: «essa iluminação é um brilho deslumbrante das almas [...] Essa iluminação é o veículo que nos leva a Deus, compartilhar o caminho de Cristo, apoio da fé, perfeição do espírito e chave do reino dos céus»¹⁷⁵. Na verdade, este batistério foi modelado para acentuar esta dimensão e disposição de nos deixarmos envolver pela luz, particularmente importante na celebração do Batismo. Através dos materiais como o betão, o vidro e o mármore, conseguiu-se obter um jogo de contrastes que realçam a luz captada.

Em relação à funcionalidade litúrgica deste espaço celebrativo, concretamente para o sacramento do Batismo, podemos concluir que a opção dos responsáveis pela instalação do batistério naquele local aporta um conjunto de mais-valias. Desde logo, como se encontra junto ao presbitério, está em todos os momentos no campo de visão da assembleia, não só no decorrer da própria celebração do Batismo, mas fundamentalmente pela sua presença, com uma função anamnética daquele lugar simbólico onde «todos lá nasceram» (Sal 87, 5). No que diz respeito às movimentações próprias da celebração do Batismo, esta localização do batistério apresenta, do nosso ponto de vista, algumas vantagens e também um ou outro pormenor digno de apontamento. A celebração inicia-se na porta principal da igreja, e esse lugar foi concebido, de facto para propiciar esse acolhimento. Depois, naturalmente, o espaço convida a infletir para o lado esquerdo para adentrar na nave da igreja, onde se vislumbra imediatamente o batistério e o presbitério. A distinção destes dois lugares é bem demarcada, e a proximidade de ambos aparentemente favorece as deslocações entre os vários momentos da celebração, mas pode também ser um fator de empobrecimento do sentido dinâmico de caminhada, principalmente porque a comunidade participante mantém-se quase sempre no mesmo lugar. Destacamos como ponto positivo a estreita ligação entre o Batismo e a Eucaristia, sacramentos pelos quais a Igreja nasce e renasce continuamente, e que este traçado procurou evidenciar. Para concluir, sugeríamos que pudesse ter sido integrado no próprio batistério um local para colocar os santos óleos.

¹⁷⁴ «Βαπτιζόμενοι, φωτιζόμεθα· φωτιζόμενοι, υιοποιούμεθα· υιοποιούμενοι, τελειούμεθα· τελειούμενοι, ἀπαθανατιζόμεθα». CLEMENTE DE ALEXANDRIA, «Pedagogus. Libri I, 6», in *PG* 8, ed. J.-P. Migne, Paris: 1857, 281.

¹⁷⁵ «Τὸ φῶτισμα λαμπρότης ἐστὶ ψυχῶν [...] τὸ φῶτισμα ὄχημα πρὸς Θεόν, συνεκδημία Χριστοῦ, ἔπρειαμα πίστεως, νοῦ τελείωσις, κλεις οὐρανῶν Βασιλείας». GREGÓRIO DE NAZIANZO, «Discours sur le Baptême 40, 3» (Sources Chrétiennes 358), ed. C. Moreschini – P. Gallay, Paris: Cerf, 1990, 200-202.

3.3. Batistério da igreja paroquial de Santo Ovídio

3.3.1. Contextualização

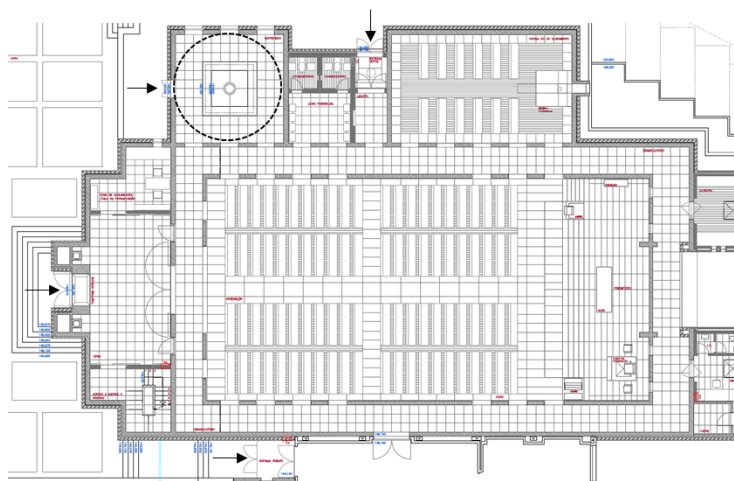
O projeto é do arquiteto Manuel Carlos Abreu Gomes da Silva, formado na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, na altura a iniciar a sua carreira, tendo sido a pessoa em quem a paróquia apostou, e a quem confiou o encargo da sua conceção. Em todo o processo de edificação o arquiteto contou com a colaboração do Cón. Raimundo Meireles e do Prof. Dr. José Manuel Moreira. Como afirmou o próprio arquiteto: «o projecto procurou refletir as aspirações da comunidade que irá servir e responder com dignidade ao programa proposto»¹⁷⁶. O programa da obra incluía, para além da igreja, um centro paroquial, uma residência para o pároco e uma capela mortuária. O jovem arquiteto, com o dado curioso de ser natural daquela paróquia, teve assim a oportunidade de demonstrar o seu talento, apresentando um projeto arrojado e imponente, que se destaca pela geometria das linhas arquitetónicas.

Localizada em Vila Nova de Gaia, a paróquia de Santo Ovídio, foi criada em regime experimental em 1964, a partir de um território que pertencia às paróquias de Mafamude e Vilar do Paraíso, assumindo como lugar de culto uma capela existente, dedicada ao santo padroeiro. Ao longo de trinta anos, e com o aumento demográfico na zona, esta capela foi sendo cada vez mais exígua para acolher o número de fiéis. Aliás, a própria provisão da criação da paróquia experimental declarava a necessidade de construir uma nova igreja. Este novo templo edificado, constituiu o culminar de longos anos de trabalho e dedicação do seu pároco, o Padre Fernando Queirós, que desde a sua fundação preside àquela comunidade cristã. A primeira pedra da igreja paroquial foi benzida em setembro de 1994, e em março de 2002 foi solenemente dedicada.

A igreja é de planta basilical, com cerca de 1400 m², concebida à maneira de uma catedral gótica, com um deambulatório que rodeia todo o espaço da nave e, na parte superior, um trifório. Apesar de ser uma igreja com uma única nave, a configuração arquitetónica do teto sugere a sensação de se tratarem de 3 naves. Lateralmente, adossado ao edifício, situam-se a capela do Santíssimo, os confessionários e o batistério, possuindo uma entrada direta do exterior, ou pelo interior a partir do deambulatório. Como se pode observar na planta, existem os acessos pela escadaria frontal e porta principal, duas portas laterais e uma pela qual se acede diretamente do exterior para o batistério. A igreja tem a capacidade para cerca de 500 lugares sentados, e a

¹⁷⁶ MANUEL GOMES SILVA, *Estudo Prévio da Igreja Paroquial de Santo Ovídio*, in Arquivo da Comissão Diocesana de Infraestruturas e Bens Culturais da Diocese do Porto, nº 703, 1993, 4.

capela do Santíssimo possui uns 50 lugares, e apesar de se tratar de um espaço separado de recolhimento e oração, tem leitura visual com a nave da igreja.



Planta ao nível da nave ¹⁷⁷

A traça deste projeto é claramente vincada pelo conjunto geométrico das linhas retangulares, pela sua monumentalidade e pelo aspeto austero, que resulta num templo moderno mas, que incorpora uma secular tradição da arquitetura religiosa. A harmonia dos materiais e o sentido estético foram cuidadosamente ponderados, nomeadamente, a combinação do betão com o granito da região, no revestimento exterior do edifício, e no interior, a sobriedade do betão armado, realçado entre os materiais, como o granito polido do pavimento, e a madeira que reveste parcialmente as paredes na zona da nave.

3.3.2. O Batismo como participação no mistério pascal

O batistério é da autoria do arquiteto, e foi projetado na localização que tradicionalmente ficou definida a partir da Idade Média, junto à porta principal, do lado do Evangelho. Apesar disso, não se encontra acessível logo a partir do átrio, sendo necessário entrar na nave da igreja, para, então, através do deambulatório, se aceder ao batistério, por uma das três aberturas recortadas na parede. Percebe-se que o objetivo foi claramente associá-lo à entrada na igreja, como é explicitado pelo arquiteto Manuel Carlos Silva, ao afirmar: «fica perto da entrada principal, tendo este, também entrada directa do exterior»¹⁷⁸. No plano geral da igreja podemos dizer que tem

¹⁷⁷ SILVA, *Estudo Prévio da Igreja Paroquial de Santo Ovídio*, 7.

¹⁷⁸ SILVA, *Estudo Prévio da Igreja Paroquial de Santo Ovídio*, 7.

uma dimensão significativa, com 49 m², possibilitando a presença de um número considerável de pessoas nas celebrações do sacramento do Batismo.



Na linha da opção estética para o revestimento do interior, o batistério é marcado pela sobriedade do betão aparente e do granito polido que cobre todo o pavimento e se eleva através dos rodapés. O teto, em estuque branco, apesar de apresentar a particularidade de ter um pé direito relativamente baixo, nele foi recortada uma grande abertura ao nível do deambulatório superior, que é o grande ponto de entrada de luz natural. Esta abertura, na qual existe a toda a volta um varandim, permite ao mesmo tempo aumentar o espaço para a assembleia que participa na celebração deste sacramento, tendo uma visão privilegiada de toda a ação conjunta.

A fonte batismal foi desenhada pelo arquiteto português Fernando Abruñhosa de Brito para a capela de Santo Ovídio, desde o início da paróquia experimental, e foi transferida para a nova igreja aquando da sua dedicação. Trata-se de uma peça de granito, com uma configuração cilíndrica curiosa. Apresenta um primeiro patamar onde foi esculpida uma cavidade triangular, para dentro da qual cai a água e um segundo nível para o qual escorre a água e aí se faz o escoamento. No topo, observa-se uma forma piramidal de cobre com a representação de uma pomba branca, em esmalte. Esta estrutura serve de tampa a um pequeno compartimento onde

se encontra uma torneira da qual sai a água que é utilizada para o Batismo. A fonte está colocada no centro de um patamar quadrangular, mais baixo, desnivelado por dois degraus.

A iluminação natural do batistério é conseguida por três aberturas: a porta envidraçada que lhe dá acesso direto do exterior, em cujos vidros foi aplicada uma película que confere um tom azulado a todo o espaço; o topo com o grande lanternim que projeta a luz, através de uma abertura que incide sobre a fonte batismal; e o conjunto de três vitrais que revestem os três janelões, da autoria da pintora Helena Abreu, onde estão representados, sob um fundo azul, momentos da vida de Jesus, a anunciação, o Batismo e a ressurreição.

Por trás da conceção deste batistério está a estreita relação entre a celebração do Batismo e o mistério pascal, como participação na morte e ressurreição de Jesus. A configuração dos degraus através dos quais se acede ao patamar da fonte batismal, trata-se de uma ilustração particularmente realista do simbolismo batismal desenvolvido pela doutrina do apóstolo Paulo: «pelo Batismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova» (Rom 6, 4); «Sepultados com Ele no Batismo, também com Ele fostes ressuscitados, pela fé que tendes no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos» (Col 2, 12). Baseada na teologia de Paulo a SC recupera a imagem do batistério como o lugar do sepulcro: «pelo Baptismo são os homens enxertados no mistério pascal de Cristo: mortos com Ele, sepultados com Ele, com Ele ressuscitados» (SC 6).

A doutrina paulina enfatiza a morte salvadora de Cristo e a sua ressurreição, porque é o núcleo fundamental da fé cristã, e na qual participam aqueles que são batizados. Esta abordagem vai de encontro à tradição dos Evangelhos, que relatam a sequência tripartida da morte, sepultamento e ressurreição. O Batismo é o lugar privilegiado dessa participação, e Paulo foi o primeiro a formular uma teologia do Batismo como participação, que posteriormente os Padres da Igreja desenvolveram a partir do século IV¹⁷⁹. Cirilo de Jerusalém qualificou o Batismo como «antítipo da paixão de Cristo», na qual Ele faz participar todos os que recebem este sacramento, e acrescenta que «Cristo foi verdadeiramente crucificado, sepultado e ressuscitado; e vós, pelo batismo, à imagem sois dignos de ser crucificados com ele, sepultados com ele e ressuscitados com ele»¹⁸⁰. Neste mesmo sentido, afirma João Crisóstomo: «sepultura e ressurreição eis o que

¹⁷⁹ BAUDRY, «Le baptême, mise au tombeau avec le Christ», *Le baptême et ses symboles*, 15-19.

¹⁸⁰ «τὸ ἀντίτυπον οὗ ἐχρίσθη Χριστός [...] Καὶ ὡσπερ ὁ Κριστὸς ἀληθῶς ἐσταυροῦτο, καὶ ἐθάπτετο, καὶ ἐγείρετο· ὑμεῖς δὲ κατὰ τὸ βάπτισμα, ἐν ὁμοιώματι καὶ συσταυρωθῆναι, καὶ συνταφῆναι, καὶ

é o Batismo: o velho homem está sepultado com o pecado e ressuscita o novo homem, renovado à imagem daquele que o criou»¹⁸¹; e para Ambrósio de Milão: «quando és banhado, tu assemelhas-te à sua morte e enterro»¹⁸². Assim, as pessoas que estiveram envolvidas na projeção deste batistério procuraram realçar uma simbologia fundamental do sacramento, recuperando aliás uma rica tradição dos primórdios da Igreja.

No que diz respeito à disposição espacial da igreja, tendo em conta a perspetiva da celebração do Batismo, podemos tecer algumas considerações. A primeira das quais é relativa à localização do batistério, pois com a opção de o colocar no local que desde há alguns séculos foi assumido, e apesar de se encontrar junto à entrada da igreja do lado esquerdo, há detalhes que o diferenciam claramente da chamada configuração “tradicional”. Trata-se de um espaço com uma dimensão muito significativa, com capacidade para acolher um elevado número de pessoas, não só no patamar em volta da fonte, como no piso superior, no varandim do deambulatório, recuperando inclusivamente um esquema arquitetónico dos grandes batistérios que anteriormente estudámos. Outro pormenor curioso, é ter sido projetada uma entrada direta para o batistério, permitindo uma dupla leitura, já que, além de ser por ali que se começa a caminhada da iniciação cristã, possibilita também o contacto visual de quem está no exterior e por ele passa quando entra pela escadaria principal da igreja. Esta solução e as proporções da igreja, valorizam os movimentos litúrgicos e a participação ativa na celebração comunitária do Batismo, que o próprio Ritual procurou promover. Para concluir, ressaltamos ainda dois pormenores que revelam o cuidado litúrgico e pastoral com que esta obra foi concebida: o desnível de dois degraus onde está colocada a fonte batismal, que para além da leitura simbólica que referimos, tem a vantagem de colocar os batizando num nível inferior, permitindo que a comunidade visualize todos os movimentos do rito; e o destaque dado aos santos óleos, conservados num pequeno nicho envidraçado, feito para o efeito.

A liturgia é ação, implica o envolvimento dos que nela participam num movimento. No entanto, não se trata de uma movimentação qualquer ou em direção a algo indeterminado. Na liturgia, a pessoa age e move-se, seguindo um rito. Mas esta ação deve apontar para a ação única

συναναστῆναι αὐτῷ καταξιοῦσθε». CIRILO DE JERUSALÉM, «Catéchèse Mystagogique III, 2, 10» (Sources Chrétiennes 126), 124.

¹⁸¹ «Καὶ γὰρ τάφος ἐστὶ καὶ ἀνάστασις τὸ Βάπτισμα· Συνθάπτεται γὰρ ὁ παλαιὸς ἄνθρωπος τῇ ἁμαρτίᾳ καὶ ἀνίσταται ὁ νέος ἐ ἀνακαιούμενος κατ’ εἰκόνα τοῦ κρίσαντος». JOÃO CRISÓSTOMO, «Catéchèse II, 11» (Sources Chrétiennes 50), ed. A. Wenger, Paris: Cerf, 1957, 139.

¹⁸² «*cum enim mergis, mortis suscipis et sepulturae similitudinem*». AMBRÓSIO DE MILÃO, «De Sacramentis. Liber II, 23», in *PL* 16, ed. J.-P. Migne, Paris: 1845, 430.

e original, a ação salvífica da Páscoa de Jesus, o evento fundante da experiência cristã. Isto mesmo sublinha José Ribeiro Gomes:

«A celebração litúrgica tem de facto uma *dimensão transcendente* (normalmente resolvida arquiteturalmente na verticalidade ou num trabalho apurado sobre a luz) e uma *dimensão sugestiva* ou de *relatio*. Por transcendente entendemos aquela dimensão que remete ao mistério de Cristo na sua “objetividade” que a liturgia celebra e na qual Ele se comunica. Objetividade essa que não pode ser esgotada em nenhum lugar nem em nenhum tempo e que vive na Igreja, no seu fazer Memória e na sua tradição. A dimensão sugestiva é, ao contrario, a percepção deste mistério de Cristo vivo através dos tempos e dos diversos lugares, isto é dos espaços litúrgicos, ou “domus ecclesia”, onde o homem de cada tempo se revê no seu existir enquanto chamado por Deus a esse encontro privilegiado em que o Senhor se dá em totalidade na comunhão ou relação fraterna, com os irmãos»¹⁸³.

Os alvares do CV II trouxeram uma renovada sensibilidade litúrgica e pastoral, a redescoberta da centralidade do mistério pascal e da celebração da Páscoa, e ligado a isso a própria dimensão eclesial do Batismo. O RBC, acentua e incrementa a necessidade da participação consciente, ativa e plena da comunidade na celebração deste sacramento. Assim o destaca a Instrução *Inter Oecumenici*, para a reta aplicação da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, no ponto dedicado a esta temática: «Na construção e decoração do batistério, faça-se grande esforço para garantir que ele claramente expresse a dignidade do sacramento do batismo e seja um lugar bem adequado para celebrações comunitárias (cf. SC 27)»¹⁸⁴.

Como fomos apresentando ao longo deste trabalho, o batistério é, portanto, um dos polos dentro do espaço litúrgico, que recebe a sua configuração a partir da ação ordenada e estruturada que é o próprio Ritual do Batismo. A sua conceção é, acima de tudo, um convite a procurar encontrar uma solução que combine a funcionalidade com a significação. Observámos que as três igrejas sobre as quais recaiu a nossa abordagem, procuraram concretizar as prescrições contidas nos Preliminares Gerais do RBC, especificamente no que ao lugar do Batismo diz respeito: «o batistério, ou lugar onde está a fonte batismal com água corrente ou não, é reservado ao sacramento do Batismo e deve ser verdadeiramente digno, pois ali renascem os cristãos pela água e pelo Espírito Santo. Seja em capela situada dentro ou fora da igreja, seja em outro lugar dentro da igreja à vista dos fiéis, de futuro construir-se-á por forma a corresponder a

¹⁸³ JOSÉ MANUEL RIBEIRO GOMES, «O Concílio Vaticano II e a arte: uma abordagem à teologia do espaço litúrgico», *Humanística e Teologia* 32 (2010) 133.

¹⁸⁴ SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, «Instrução *Inter Oecumenici*, 99», AAS 56 (1964) 899.

uma numerosa participação»¹⁸⁵; bem como as indicações relativas aos outros lugares onde se desenrola a celebração deste sacramento: «os ritos que, na celebração do Baptismo, devem ser realizados fora do baptistério, celebrem-se nos lugares da igreja que mais adequadamente respondam ao número das pessoas presentes e às diversas partes da liturgia baptismal»¹⁸⁶. Há, contudo, uma nota comum às três fontes batismais analisadas que merece ser apontada, por se tratar de uma limitação no que toca às duas modalidades possíveis de administração do Batismo. Nos Preliminares é explícito, «podem usar-se legitimamente quer o rito de imersão, que é mais apto para significar a participação na morte e ressurreição de Cristo, quer o rito de infusão»¹⁸⁷, mas, no entanto, o diâmetro das bacias das fontes projetadas não permite administrar o Batismo por imersão.

O Batismo contém um conjunto de símbolos fundamentais, como a água, a luz, a cruz, o óleo e a veste branca. Segundo Romano Guardini: «o símbolo nasce todas as vezes que o interior, o espiritual, encontra expressão no exterior, no corpóreo. [...] Esta forma, encarada como tradução externa dum conteúdo espiritual determinado, deverá falar uma linguagem clara, também ela determinada e que não dê azo senão a uma única interpretação. [...] é tanto mais precioso e merece tanto mais o título de símbolo quanto o valor espiritual em questão»¹⁸⁸.

Em cada um dos batistérios analisados destacámos alguns elementos que manifestam as diversas dimensões simbólicas deste sacramento. Os intervenientes na projeção destes templos, tiveram por base os princípios da reforma e o incremento da liturgia promovidos pelo CV II, concretamente: «Embora a sagrada Liturgia seja principalmente culto da majestade divina, é também abundante fonte de instrução para o povo fiel. Efectivamente, na Liturgia Deus fala ao Seu povo, e Cristo continua a anunciar o Evangelho. Por seu lado, o povo responde a Deus com o canto e a oração.[...] Os próprios sinais visíveis que a sagrada Liturgia utiliza para simbolizar as realidades invisíveis foram escolhidos por Cristo ou pela Igreja» (SC 33); e «Os sacramentos estão ordenados à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e, enfim, a prestar culto a Deus; como sinais, têm também a função de instruir. [...] Por este motivo, interessa muito que os fiéis compreendam facilmente os sinais sacramentais e recebam com a maior frequência possível os sacramentos que foram instituídos para alimentar a vida cristã» (SC 59).

Além da dimensão simbólica, há também uma componente muito relevante que é a questão estética e artística. O critério primordial que deve orientar as opções e criações artísticas,

¹⁸⁵ «Preliminares Gerais do Batismo das Crianças, nr. 25», in *RBC*.

¹⁸⁶ «Preliminares Gerais do Batismo das Crianças, nr. 26», in *RBC*.

¹⁸⁷ «Preliminares Gerais do Batismo das Crianças, nr. 22», in *RBC*.

¹⁸⁸ ROMANO GUARDINI, *O Espírito da Liturgia*, Fátima: SNL, 2017, 60-61.

vem claramente explicitado na Constituição sobre a sagrada liturgia, ao afirmar que: «ao promoverem uma autêntica arte sacra, preferam os Ordinários à mera sumptuosidade uma beleza que seja nobre» (SC 124). Isto mesmo percebemos que foi tido em conta na conceção dos três espaços que abordámos, demonstrando os responsáveis uma particular sensibilidade pela valorização destas expressões da beleza e do sagrado:

«Entre as mais nobres actividades do espírito humano estão, de pleno direito, as belas artes, e muito especialmente a arte religiosa e o seu mais alto cimo, que é a arte sacra. Elas tendem, por natureza, a exprimir de algum modo, nas obras saídas das mãos do homem, a infinita beleza de Deus, e estarão mais orientadas para o louvor e glória de Deus se não tiverem outro fim senão o de conduzir piamente e o mais eficazmente possível, através das suas obras, o espírito do homem até Deus. É esta a razão por que a santa mãe Igreja amou sempre as belas artes, formou artistas e nunca deixou de procurar o contributo delas, procurando que os objectos atinentes ao culto fossem dignos, decorosos e belos, verdadeiros sinais e símbolos do sobrenatural» (SC 122).

A arquitetura e arte sacra como expressões da linguagem, fundamentalmente, representativa, são um elemento essencial na conceção do espaço sagrado, o lugar por excelência onde se relaciona o sujeito e o objeto que é o templo, sendo por isso necessária esta abordagem a todo o simbolismo que flui no espaço celebrativo. Olhámos para três distintos exemplos de batistérios concebidos após a reforma litúrgica, três casos que demonstram bem como os agentes pastorais, os arquitetos e os artistas, que têm em mãos a criação ou a remodelação de um edifício de culto, devem ter como horizonte essencial projetar um espaço que ajude os fiéis a entender o seu verdadeiro lugar na comunidade cristã, fomentado a sua participação ativa, e onde os símbolos têm que estar ao serviço do culto e da expressão da fé da Igreja. A arquitetura sacra tem uma finalidade concreta, que é o culto, e por isso, não basta que o edifício tenha essa intenção implícita, esse carácter tem de ser expresso liturgicamente.

Conclusão

Na liturgia as linguagens confluem e os sentidos despertam o ser humano e suscitam a abertura à experiência do transcendente. A linguagem verbal encerra, naturalmente, a comunicação oral através das palavras proferidas e dos diálogos, enquanto que a linguagem não verbal diz respeito a uma pluralidade de elementos, como a composição do espaço arquitetónico, as movimentações, os gestos, a visão, o toque ou o som. De facto, a liturgia é uma ação ritual composta por símbolos e sinais, com referência essencial ao mistério pascal. O lugar onde esta se desenrola deve falar por si, e não se podem desligar os sentidos na ação litúrgica, pois todos os que nela participam percecionam os dados recolhidos e integram essa experiência sensível na compreensão do que se celebra.

O homem hodierno vive imerso num contexto sensorial, e está altamente recetivo aos *inputs*, da imagem e do som, sendo simultaneamente, modelado pela experiência palpável do toque. A evolução tecnológica permitiu que inúmeras situações se possam partilhar, através de um ecrã, e com um *click* aceder a um vastíssimo número de dados, contactos e ações. Esta maré digital potencia o desenvolvimento da experiência sensorial, porque apela particularmente à visão, à audição e ao tato, provocando um variado leque de estímulos. Esta realidade é inegável, e é uma marca dos nossos tempos, com tudo aquilo que de positivo e de negativo dela se possa retirar. Assim, aquilo que aparentemente pode ser visto como um obstáculo a uma conceção “tradicional” da participação numa celebração comunitária da fé, pode ser verdadeiramente uma oportunidade que merece ser explorada. A liturgia é expressão da fé e, como tal, nela todos os elementos têm o seu papel na experiência sensível.

O Batismo, como todos os outros sacramentos, é um sinal eficaz da graça, que realiza aquilo que significa, e é composto por um rito, com uma ordem, um conjunto de formas e de códigos verbais e não verbais, que revelam o sentido daquilo que se realiza. Na administração do Batismo assume grande evidência o ato oficial e solene do acolhimento da nova vida renascida em Cristo, por parte da comunidade cristã reunida em assembleia. O espaço celebrativo é esse lugar da reunião, o lugar por excelência do encontro com Deus, onde os elementos devem promover uma experiência mistagógica. Por isso, decidimos estudar esta temática tão atual e relevante, que é o espaço litúrgico, concretamente como lugar da celebração do Batismo. O nosso intuito não foi apresentar formulações totalmente novas ou absolutas, mas, sim valorizar o lugar da celebração, com uma perspectiva de acrescentar o nosso modesto contributo pastoral,

neste campo da relação entre liturgia e arquitetura, conciliando a grande tradição da Igreja com a resposta às necessidades e desafios da fé de hoje.

Numa perspetiva de síntese, recordamos os principais aspetos focados ao longo desta dissertação. No primeiro capítulo, pudemos constatar como a Igreja, desde cedo, distinguiu o lugar do Batismo, como um lugar intimamente ligado à iniciação cristã, percebida e vivida como um caminho. Na diversidade de formas que encontramos, percebemos que o que confere unidade e integralidade a este lugar, é a remissão para o acontecimento fundante do sacramento, a Páscoa de Jesus. Desde os primeiros séculos que a relação liturgia-decoração merece particular atenção, sendo assumido que a decoração dos batistérios está intimamente ligada à celebração do Batismo, não se tratando apenas de uma contribuição que enfatiza o significado teológico, mas sobretudo algo que reforça a dimensão simbólica expressa pela iconografia. A evolução da tipologia do batistério, ocorrida entre a época medieval e a tridentina, atendeu à renovação da arquitetura sagrada naquele período, e, também, à prática adotada para a celebração do Batismo. A diminuição do tamanho da fonte batismal decorreu, não só da simplificação do Ritual, mas também da generalização do Batismo das crianças, a partir do século VI. No final da Idade Média, o batistério adquiriu a forma de uma simples capela, onde era colocada uma fonte batismal, geralmente à entrada das igrejas. A reforma introduzida pelo Concílio de Trento, aprovou um conjunto de instruções que se traduziram num empobrecimento do lugar onde se realizava o Batismo e na marginalização do papel do batistério. O centro de todas as atenções deixou de ser o próprio acontecimento batismal, sendo sobrevalorizado o símbolo da água sagrada. Neste longo período, que decorreu até à reforma litúrgica promovida pelo CV II, o desgaste e a decadência das práticas litúrgicas levaram a uma crescente ânsia de uma nova vivência celebrativa da fé. E é precisamente sobre o efeito do dinamismo conciliar na projeção dos espaços celebrativos, que nos debruçámos no terceiro ponto deste capítulo, analisando os textos principais, a sua leitura e aplicação. O CV II ofereceu indicações relevantes sobre a teologia e a celebração do Batismo, nas quais se inspiraram, e inspiram, as conceções arquitetónicas e as expressões artísticas deste lugar de celebração. Como vimos, o *design* do batistério foi sendo determinado não só pela prática pastoral e tradição, mas também pelas normas litúrgicas.

No segundo capítulo, centrámo-nos no RBC. Chegados à reforma litúrgica promovida pelo CV II, propusemo-nos estreitar o âmbito do estudo, focando a nossa investigação no Ritual Reformado da Celebração do Batismo das Crianças. Com a análise deste Ritual, percebemos como a estrutura da celebração e o seu conteúdo têm implicações concretas na conceção do próprio espaço celebrativo. Elencámos os vários elementos que o constituem, estudando cada um deles

isoladamente, e também o modo como se entrelaçam e relacionam para expressar o sentido mais profundo do todo. Damos especial relevo aos lugares onde acontecem, a cada passo, às palavras, aos gestos, aos símbolos e às movimentações. O Ritual promulgado em 1969, e cuja utilização vigora nos nossos dias, é fruto de uma longa tradição litúrgica e sacramental da Igreja, e de uma acurada reflexão sobre o caminho percorrido ao longo da história. Ou seja, não se baseou apenas na revisão das formas rituais, mas também na valorização da dimensão teológica dos conteúdos e ações. Quisemos aprofundar o estudo sobre o RBC e, para isso, foi necessário enquadrá-lo devidamente, percorrendo os marcos históricos mais relevantes que o precederam. Analisámos as quatro partes que compõem o RBC, vinculando-as aos polos celebrativos envolvidos nos ritos batismais, começando com os ritos de acolhimento e a porta, seguindo-se a liturgia da Palavra em torno do ambão, posteriormente a liturgia do sacramento na fonte batismal, e a conclusão dos ritos no altar. O Ritual, pela sua própria ordem simbólica, manifesta de forma clara os quatro movimentos fundamentais da dinâmica eclesial, a introdução, a Palavra, o sacramento e a missão, através dos quais se atualiza a ação sacramental instituída pelo próprio Jesus Cristo. Este estudo foi determinante para comprovar como a estrutura do próprio Ritual tem influência nos espaços onde se celebra este sacramento.

No terceiro capítulo, com base no que foi tratado nos dois capítulos anteriores, ilustrámos o impacto da reforma litúrgica empreendida pelo CV II na projeção de novas igrejas. O Batismo é o primeiro de todos os sacramentos, e, portanto, o pórtico da vida cristã. Os batistérios constituem-se, deste modo, como lugares de acesso à vida cristã, pois neles se celebra o sacramento de iniciação cristã. Após a difusão dos documentos do CV II e da promulgação dos novos Rituais, levantaram-se grandes questões, particularmente aos liturgistas e arquitetos, sobre como projetar ou adaptar os espaços celebrativos. As diferentes interpretações das diretrizes conciliares deram origem a um leque de experiências e concretizações arquitetónicas, das quais apresentámos três exemplos neste capítulo. A centralidade deste lugar é, de facto, repensada e concretizada de diversos modos nestas igrejas construídas após o Concílio. Como lugar especial que é, tem sido objeto de muita experimentação arquitetónica. Desde a configuração dos espaços, às modelações da luz, passando pelas obras de arte incorporadas, todos os elementos devem ser caminho para o sentido e significado do mistério.

Apesar do intuito do nosso trabalho não ser o de apresentar um conjunto de conclusões absolutas, algumas considerações se afiguram oportunas neste momento, sobretudo, tendo em conta o horizonte pastoral que esta abordagem procurou realçar.

A necessidade de um regresso às fontes do cristianismo, na sua essência e autenticidade, um recentrar da liturgia em Jesus Cristo, e o estímulo à participação ativa dos fiéis na ação litúrgica, de modo que esta fosse, de facto, a oração de todos em Igreja, foram o mote de arranque da jornada conciliar e a grande conquista da reforma litúrgica do CV II. Constatamos, que o empenho colocado no incremento da participação ativa e visual na celebração, que domina a conceção generalizada dos agentes pastorais, admite soluções menos convencionais, com a intenção de ir ao encontro desse anseio. No que toca à celebração do Batismo, é recorrente o recurso a pias batismais portáteis ou até indignas bacias, colocadas em frente ao altar ou até sobre ele. Estas soluções, cujo propósito é fomentar essa participação, apenas contribuem para o empobrecimento da dimensão celebrativa da fé e particularmente da memória vital da experiência cristã. O lugar do Batismo, onde se deu aquele momento, desaparece como se fosse acessório, provisório ou descartável, e assim se desvanece um dos estímulos da memória que é precisamente a visão. É o lugar onde «todos lá nasceram» (Sal 87, 5), por ser o lugar do começo de uma vida nova, caracteriza toda a existência do cristão, sendo um sinal que apela continuamente à renovação do dom da graça batismal.

Por outro lado, há uma relativa propensão para desprezar os lugares, como o batistério, que dentro do espaço celebrativo têm uma frequência menos regular, considerando-o um polo secundário e desvinculado do restante espaço. Verificamos que, muitas vezes se entende como um lugar com pouca visibilidade e, como tal, só está iluminado quando é mesmo necessário, encontrando-se degradado ou indecente, e servindo inclusivamente como local para arrumar diferentes materiais. O sinal do mistério da luz da ressurreição e da purificação torna-se assim no ângulo mais sombrio e sujo do edifício da igreja. Este é, também, um dos fatores que muito contribui para a perda de simbolismo do Batismo e para o esquecimento da dignidade do próprio sacramento.

Referimos, ainda, uma tendência nos nossos dias, por parte de alguns daqueles que são encarregues de elaborar os projetos de novos templos, de conceber espaços minimalistas e neutros. Algumas soluções, com leituras múltiplas e livres, são de tal maneira esvaziadas de sentido, que, a pretexto da criatividade, ignoram um património milenar da arquitetura e da arte cristãs. Esta conceção acarreta perigos, como a perda da identidade sagrada do lugar e o empobrecimento da experiência significativa, numa opção que desvincula a essência do lugar, com a desarmonia das formas, a utilização de materiais vulgares e a subtração dos símbolos. Nestes casos, normalmente ocorre a redução dos espaços celebrativos a uma marca

característica do autor, ou a uma hipervalorização da experiência espacial em detrimento da dimensão celebrativa para o qual foi concebido.

Percebemos, através de três exemplos concretos de igrejas pós-conciliares da Diocese do Porto, que é possível conceber um lugar do Batismo que exprima o real sentido do mistério que ali se celebra. Como ficou demonstrado, é possível criar espaços contemporâneos que integrem a longa tradição da Igreja. Uma tradição que fornece uma ampla documentação e uma multiplicidade de soluções, não apenas, capazes de serem comprovadas no passado, mas principalmente como critérios orientadores e fonte de inspiração para os nossos dias. Ficou também evidenciado que é possível encontrar soluções que combinem a funcionalidade com a significação, projetando espaços apropriados às necessidades e desafios da fé de hoje. Analisámos o traçado arquitetónico de três igrejas, a composição do espaço e de cada um dos seus polos celebrativos, e compreendemos como os responsáveis pela sua concretização interpretaram as instruções conciliares. Em cada um dos exemplos, foram estudadas uma variedade de formas, quer relativas à própria configuração do Batistério, quer em relação à sua localização no contexto de todo o espaço celebrativo. Observámos que nos diferentes casos foi tida em consideração a dinâmica das movimentações que o próprio RBC induz, privilegiando o sentido da caminhada. Foram, ainda, devidamente integrados, os elementos e sinais, como a água, a luz, os materiais, as cores, as superfícies e as peças de arte, que apelam à experiência sensorial e que exprimem o sentido e significado do mistério que se celebra. A inclusão de obras de arte contemporâneas, revela o cuidado em elaborar um programa iconográfico que seja expressão da criatividade na esteira da tradição cristã. A expressão plástica complementa o próprio rito e materializa a multiplicidade de linguagens simbólicas que encaminham para o transcendente.

Naturalmente, ao concluir este trabalho, podemos afirmar que alguns pontos ficaram por abordar ao longo da nossa reflexão, mas que poderão ser objeto de um possível aprofundamento posterior. Conscientes da vastidão de hipóteses que a temática do espaço litúrgico fornece, a opção ao recair sobre o lugar do Batismo, relegou outros polos celebrativos, cuja pertinência é igualmente reconhecida. Damos particular destaque aos códices especialmente relevantes na celebração do sacramento do Batismo, como a água e a luz, mas seria igualmente significativo desenvolver uma reflexão mais ampla abrangendo outros códices, como os movimentos, os gestos, a unção ou veste branca. No processo de seleção das igrejas sobre as quais recairia o nosso estudo, optámos pelos batistérios apresentados, em detrimento de outros projetos, que também mereciam ser devidamente analisados. Além dos que já aludimos na introdução,

poderíamos ter ainda debruçado o nosso olhar sobre os batistérios da igreja paroquial de São Martinho de Cedofeita, da igreja paroquial de Gião, em Santa Maria da Feira ou da igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lagares-Felgueiras.

Finalizamos, recordando que, a recuperação da função litúrgica do lugar do Batismo é hoje um grande desafio, não só para recordar aos cristãos o momento em que, como Cristo, passaram da morte à vida, mas também para que, pela articulação dos elementos e dos espaços celebrativos, redescubram a fé na qual foram batizados. O batistério tem verdadeiramente um valor catequético, sendo uma ótima ilustração do mistério cristão, e neste sentido, remete quem o observa para o significado do sacramento que ali se celebra. Pode ser, de facto, uma oportunidade para uma mistagogia do Batismo, pois o espaço em si, concretiza contemporaneamente e exprime o que ali acontece. Quando existe harmonia no espaço onde se celebra o Batismo, estão criadas as condições para uma frutuosa participação na celebração do sacramento e, inclusivamente, este pode ser o mote para uma homilia nessa ocasião. Porque, tal como iniciámos, recuperando a sapiência de Cirilo de Jerusalém, a imagem é sempre mais eficaz do que todas as explicações.

Bibliografia

Fontes Bíblicas

Nova Vulgata Bibliorum Sacrorum Editio, Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II ratione habita iussu Pauli PP. VI recognita auctoritate Ioannis Pauli PP. II promulgata, Roma: Editrice Vaticana, 1979.

Fontes Patrísticas

AMBRÓSIO DE MILÃO, «De Sacramentis», in *PL* 16, ed. J.-P. Migne, Paris: 1845, 417-462.

CIRILO DE JERUSALÉM, *Catéchèses Mystagogiques* (Sources Chrétiennes 126), ed. A. Piédagnel – P. Paris, Paris: Cerf, 1966.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA, «Pedagogus», in *PG* 8, ed. J.-P. Migne, Paris: 1857, 247-376.

GREGÓRIO DE NAZIANZO, *Discours* (Sources Chrétiennes 358), ed. C. Moreschini – P. Gallay, Paris: Cerf, 1990.

ISIDORO DE SEVILHA, «Etymologiae XV», in *PL* 82, ed. J.-P. Migne, Paris: 1850, 527-558.

JOÃO CRISÓSTOMO, *Huite Catéchèses Baptismales* (Sources Chrétiennes 50), ed. A. Wenger, Paris: Cerf, 1957.

JUSTINO, «Apologia prima pro Christianis», in *PG* 6, ed. J.-P. Migne, Paris: 1857, 327-440.

La Doctrine des douze apôtres – Didaché (Sources Chrétiennes 248), ed. W. Rordorf – A. Tuilier, Paris: Cerf, 1978.

PLÍNIO O JOVEM, «Epistolae VI», in *Pliny, the Younger: Letters*, vol. 1, trad. W. Melmoth – W. Hutchinson, Londres: William Heinemann, Nova York: The Macmillan Co., 1915.

TERTULIANO, «De Baptismo», in *PL* 1, ed. J.-P. Migne, Paris: 1844, 1197-1224.

Fontes Litúrgicas

Introdução Geral do Missal Romano, Fátima: SNL, 2009.

Ordenamento das Leituras da Missa, Fátima: SNL, 1995.

«*Ordo Baptismi Parvulorum*» in *Rituale Romanum Pauli V Pontificis Maximi*, Antuérpia: Ex Typographia Plantiniana, 1713.

Ordo Baptismi Parvulorum ex Decreto Sacrosancti Ecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum. Editio Typica, Roma: Typis Polyglottis Vaticanis, 1969.

Pontifical Romano da Dedicção da Igreja e do Altar reformado por decreto do concílio ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o Papa Paulo VI, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1990.

Ritual Romano da Celebração do Baptismo das Crianças reformado por decreto do concílio ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o Papa Paulo VI, segunda edição típica, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1994.

Ritual Romano da Celebração das Bênçãos reformado por decreto do concílio ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o Papa João Paulo II, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991.

Fontes Magisteriais

Catecismo da Igreja Católica, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

CONCÍLIO VATICANO II, «Constituição sobre a sagrada liturgia *Sacrosanctum Concilium*», AAS 56 (1964) 97-138.

_____, «Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja», AAS 57 (1965) 6-67.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL ALEMÃ, «*Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*», trad. Vítor Coutinho, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, «Nota Pastoral *L'adeguamento liturgico delle chiese*», *Il Regno-Documenti* 41 (1996) 449-465.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, «Instrução *Inter Oecumenici*», AAS 56 (1964) 877-900.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, «Instrução *De baptismo parvulorum*», AAS 72 (1980) 1137-1156.

Estudos

ALDAZÁBAL, José, *Vocabulario Basico de Liturgia*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1996.

ALMEIDA, Eurico – SANTOS, José Proença – VAZ, Ricardo, «Entrevista a Luiz Cunha», *A obra nasce: revista de Arquitectura da Universidade Fernando Pessoa* 3 (janeiro 2006) 116-126.

ARTOLA, Juan Plazaola, *Arte Sacro Actual*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006.

_____, *Historia del Arte Cristiano* (Sapientia Fidei 20), Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999.

BÉRAUDY, Roger, «A Iniciação Cristã», in *A Igreja em Oração. Introdução à Liturgia*, ed. A. G. Martimort, Barcelos: Edições Ora et Labora, 1965, 590-634.

BAUDRY, Gérard-Henry, *Le baptême et ses symboles: Aux sources du salut*, Paris: Beauchesne Éditeur, 2001.

BORROMEU, Carlos, «Instructiones Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae», in *Acta Ecclesiae Mediolanensis a Sancto Carolo*, vol. 1, ed. Carolo Cajetano, Mediolani: Edente Paulo Pagnonio, 1843.

BUGNINI, Annibale, *La Riforma Liturgica, 1948-1975* (Bibliotheca Ephemerides Liturgica Subsidia 30), Roma: Edizioni Liturgiche, 1997.

CASTRO, Laura, «Uma exposição reparadora», in *Júlio Resende: obra cerâmica*, ed. Paulo Henriques, Lisboa: Cromotipo, 1998, 29-95.

_____, *Resende: obra pública*, Porto: Lugar do Desenho - Fundação Júlio Resende, 2017.

COSTA, Bernardino, *Espaço Celebrativo*, Fátima: SNL, 2017.

_____, «O Batistério: lugar do início do caminho de fé», *Presença de Singeverga* 103 (2020) 22-28.

CUNHA, Luiz, *Memória Descritiva da Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus*, in Arquivo da Comissão Diocesana de Infraestruturas e Bens Culturais da Diocese do Porto, nº 201, 1966, 1-9.

DE BRUYNE, Lucien, «La décoration des baptistères paléochrétiens», in *Actes du Ve Congrès International d'Archéologie Chrétienne*, Paris, 1957, 341-369.

DEBUYSTE, Frédéric, «Il Battistero: fonte di vita, di luce, di perdono», in *Il Battistero. Atti del V Convegno Liturgico Internazionale*, ed. Goffredo Boselli, Bose: Edizioni Qiqajon, 2008, 25-33.

DUCCI, Annamaria, «Vasche e fonti battesimali delle pievi medievali toscane: dati, problemi, ipotesi», in *Monumenta. Rinascere dalle acque. Spazi e forme dell battesimo nella Toscana medievale*, ed. Annamaria Ducci – Marco Frati, Pisa: Pancini Editore, 2011, 95-122.

DUVAL, Noel – GUYON, Jean, «Le baptistère in Occident», *LMD* 193 (1993) 53-70.

_____, «Les monuments chrétiens de la Gaule Transalpine», in *Actas del VIII Congreso Internacional de Arqueología Cristiana*, Barcelona, 1972, 57-106.

FOSSAS, Ignasi, «El ambón, espacio litúrgico para la proclamación de la Palabra», *Phase* 254 (2003) 121-133.

GODOY FERNÁNDEZ, Cristina, «Baptisterios Hispánicos (siglos IV al VIII): arqueología y liturgia», in *Actes du XIe Congrès International d'Archéologie Chrétienne*, Roma: École Française de Rome, 1989, 607-634.

_____, «De la Mort à la Vie par le Baptême: notes d'archéologie et de liturgie dans l'Antiquité tardive», in *Mort et Réurrection dans l'Antiquité chrétienne*, ed. Robert Baró – Albert Viciano – Daniel Vigne, Paris: Éditions Parole et Silence, 2017, 141-158.

GOMES, José Manuel Ribeiro, «Liturgia e arquitetura: uma nova arquitetura para um novo projeto litúrgico», *Didaskalia* 36 (2006) I. 215-225.

_____, «O Concílio Vaticano II e a arte: uma abordagem à teologia do espaço litúrgico», *Humanística e Teologia* 32 (2010) 127-153.

GUARDINI, Romano, *O Espírito da Liturgia*, Fátima: SNL, 2017.

_____, *Sinais Sagrados*, Fátima: SNL, 2017.

GUYON, Jean, «Il Luoghi dell'Iniziazione Cristiana nella Chiesa Antica: L'Occidente», in *Il Battistero. Atti del V Convegno Liturgico Internazionale*, ed. Goffredo Boselli, Bose: Edizioni Qiqajon, 2008, 79-99.

- KAVANAGH, Aidan, *Batismo. Rito da Iniciação Cristã: Tradição, Reformas, Perspectivas*, São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- LECLERCQ, Henri, «Baptistère» in *Dictionnaire d'Archeologie Chretienne e Liturgie* 2.1, ed. Fernand Cabrol – Henri Leclercq, Paris: Letouzey et Ané, 1925, 382-469.
- LESAGE, Roberto, *Dizionario Pratico di Liturgia Romana*, Roma: Editrice Studium Roma, 1956, 66-70.
- LIGIER, Louis, «Le Nouveu Rituel du Baptême des Enfants», *LMD* 98 (1969) 7-31.
- LIMA, Marco Morais, *Igreja, ícone da Trindade: espaço litúrgico, imago ecclesiae*, Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2012.
- LOPES, Virgílio, «O complexo religioso e os batistérios de Mértola na Antiguidade Tardia», *Medievalista online* 23 (janeiro-junho 2018) 1-36.
- MARQUES, João Luís, «História de um projeto: Igreja de Nossa Senhora da Boavista», in *Agostinho Ricca: arquitetura, obra, desenho*, Lisboa: Uzina Books, 2015, 152-158.
- MARTIMORT, Aimé-Georges, *A Igreja em Oração. Introdução à Liturgia*, ed. A. G. Martimort, Barcelos: Edições Ora et Labora, 1965.
- MILITELLO, Cettina, «Un luogo per celebrare», *Rivista Liturgica* 101/1 (2014) 33-48.
- MOLIN, J.-B. – BECQUET, G., «La célébration de la Parole dans le nouveu rituel du baptême des enfants», *LMD* 98 (1969) 32-58.
- NOCENT, Adrien, «Os Ordines da iniciação cristã do Vaticano II», in *Anámnese 4, Os sacramentos: teologia e história da celebração*, ed. Adrien Nocent, São Paulo: Edições Paulinas, 1989, 73-96.
- PEIXOTO, Helena Lemos, *“Faça-se luz. E a luz foi feita.”: análise e reflexão sobre a luz nas três igrejas de Agostinho Ricca*, vol. I, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2013.
- PEREIRA, Michel Alves, «Luiz Cunha - Tempos Recentes», in *Tendências da Arquitectura Portuguesa: Obras de Álvaro Siza, Hestens Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*, Macau: Fundação Oriente, 1990, 68-70.
- PICARD, Jean-Charles, «Ce que les textes nous apprennent sur les équipements et le mobilier liturgique nécessaires pour le baptême dans le Sud de la Gaule et l'Italie du Nord», in *Actes du XIe Congrès International d'Archéologie Chrétienne*, Roma: École Française de Rome, 1989, 1451-1468.
- PIRES, Isabel Branco, *Considerações sobre o símbolo na arquitectura religiosa de Luiz Cunha*, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2006.
- PRIGENT, Pierre, «Puerta», in *Diccionario de los Símbolos*, ed. Jean Chevalier, Barcelona: Editorial Herder, 1988, 855-858.
- RAMOS, Manuel, «El bautismo de párvulos y la iniciación de adultos. Comparación de sus Rituales», *Phase* 129 (1982) 187-199.
- RICCA, Agostinho – RODRIGUES, Jacinto, *Agostinho Ricca: projectos e obras de 1948 a 1996*, Porto: Ordem dos Arquitectos, 2001.

RICCA, Agostinho, *Memória Descritiva da Igreja e Centro Paroquial da Paróquia Experimental de Nossa Senhora da Boavista*, in Arquivo da Comissão Diocesana de Infraestruturas e Bens Culturais da Diocese do Porto, nº 332, 1974, 1-4.

RICHTER, Klemens, *Espaços de igrejas e imagens de Igrejas. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005.

RIGHETTI, Mario, «Il Battistero», *Manuale di Storia Liturgica*, vol. I, Milão: Editrice Ancora, 1950, 392-397.

RINAUDO, Spirito, «Liturgia della Parola nel nuovo rito del Battesimo», *RL* 57/3 (1970) 453-462.

ROCHA, Daniela Armada, *Percurso da Obra Pública de Júlio Resende: Área Metropolitana do Porto*, Porto: Escola Superior de Educação, 2018.

RODRIGUES, António Jacinto, «Encontro com um arquiteto notável: Agostinho Ricca», in *Agostinho Ricca: arquitetura, obra, desenho*, Lisboa: Uzina Books, 2015, 8-15.

SÁIZ, Pablo Martínez, «Progreso de la teología en el Ritual del Bautismo para niños?», *Phase* 68 (1972) 101-113.

_____, «Rasgos teológicos del nuevo Ritual para el bautismo de niños», *Phase* 55 (1970) 7-37.

SANMORI, Chiara, «I mosaici del battistero paleocristiano di Napoli: una proposta di lettura», in *Giocare davanti a Dio. L'universo liturgico tra storia, culto e simbolo*, ed. Pasquale Giustiniani – Carmine Matarazzo, Nápoles: Pontificia Facoltà Teologica dell'Italia Meridionale, 2006, 339-358.

SCHLOEDER, Steven J., *Architecture in Communion. Implementing the Second Vatican Council through Liturgy and Architecture*, São Francisco: Ignatius Press, 1998.

SILVA, Manuel Gomes, *Estudo Prévio da Igreja Paroquial de Santo Ovídio*, in Arquivo da Comissão Diocesana de Infraestruturas e Bens Culturais da Diocese do Porto, nº 703, 1993, 1-17.

SORCI, Pietro, «Lo Spazio per il “Battistero”», *RL* 88/4 (2001) 596-583.

TENA, Pedro, «Notas al nuevo Ritual del bautismo de niños», *Phase* 57 (1970) 225-240.

TORRICELLI, Angelo, «Progetti di architetture battesimali per il futuro», in *Il Battistero. Atti del V Convegno Liturgico Internazionale*, ed. Goffredo Boselli, Bose: Edizioni Qiqajon, 2008, 169-174.

TOSCO, Carlo, «Il Luogo del Battesimo dal Medioevo all'epoca Tridentina: Architettura e Liturgia», in *Il Battistero. Atti del V Convegno Liturgico Internazionale*, ed. Goffredo Boselli, Bose: Edizioni Qiqajon, 2008, 103-116.

ZANCHI, Giuliano, «I riti battesimali oggi: una lettura mistagogica», in *Il Battistero. Atti del V Convegno Liturgico Internazionale*, ed. Goffredo Boselli, Bose: Edizioni Qiqajon, 2008, 153-166.

Documentos Digitais

CASTRO, Laura, *A Cerâmica - encontro de valores escultóricos e pictóricos*, https://www.academia.edu/5572550/Laura_Castro_Cerâmica_Júlio_Resende_Percurso_Conferência_2007, [13/01/2020].

